

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

WLADIMIR RICARDI ALVES GENUINO

**A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS FALADO EM
VITÓRIA/ES**

VITÓRIA

2017

WLADIMIR RICARDI ALVES GENUINO

**A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS FALADO
EM VITÓRIA/ES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação *stricto sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, na área de concentração de Estudos Analítico- Descritivos da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lilian Coutinho Yacovenco

VITÓRIA

2017

PÁGINA PARA DADOS DE CATALOGAÇÃO

WLADIMIR RICARDI ALVES GENUINO

**A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS FALADO EM
VITÓRIA/ES**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação *Stricto-Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos na área de concentração Estudos Analítico-Descritivos da Linguagem.

Aprovada em 15 de setembro de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Dr^a Lilian Coutinho Yacovenco (UFES)

Orientadora, Presidente da Sessão e da Comissão Examinadora

Professora Dr^a Vera Lúcia Paredes Da Silva (UFRJ)

Membro Titular Externo da Comissão Examinadora

Professora Dr^a Maria Marta Pereira Scherre (UFES)

Membro Titular Interno da Comissão Examinadora

*Dedico este trabalho aos meus pais, José Cláudio
Genuino e Maria Nilda Alves Genuino (in memoriam)*

AGRADECIMENTOS

Certamente não foi fácil chegar até aqui, inclusive não é fácil tentar expressar minha gratidão pelas várias pessoas que cruzaram o meu caminho neste período e tanto me abençoaram. Espero não ser injusto e me esquecer de alguma pessoa, pois foram muitas as pessoas especiais que me acompanharam e apoiaram para que aqui eu pudesse chegar. Eu costumo dizer que, na vida, existem três tipos de pessoas que não se deve esquecer nunca: 1). Quem te ajudou nos tempos difíceis; 2) Quem te deixou nos tempos difíceis e 3) Quem te colocou nos tempos difíceis.

Hoje, meu reconhecimento é para aqueles que me ajudaram nos tempos difíceis.

Primeiramente, quero agradecer a Deus, o meu Porto Seguro, o meu Sustento, a minha Rocha. Sem Ele, eu não teria forças para chegar até aqui.

Agradeço aos meus familiares, em especial, à minha irmã Cláudia e à minha prima Joana, que tem me socorrido em alguns momentos difíceis da minha vida. Um obrigado especial pela compreensão e apoio de sempre, minha Freupa!

À minha orientadora, professora e amiga, Dr^a. Lilian Coutinho Yacovenço. Não tenho palavras para agradecer pelo carinho e paciência com que me acolheu numa área de pesquisas tão crescentes e na qual tenho pouca experiência, mas que pela sua persistência me permitiu adentrar e conhecer um pouquinho mais o mundo sociolinguístico. Obrigado pela excelência de seu trabalho, por me acompanhar, por ter acreditado em mim e por ter me direcionado nesta caminhada acadêmica. Obrigado pelo ser humano incomparável que és.

À professora Dr^a Vera Lúcia Paredes da Silva. Foi uma honra e um privilégio tê-la na minha banca de defesa pública. Meu carinho, respeito e admiração por nos inspirar com sua pesquisa sobre a expressão do sujeito pronominal. Certamente, sua pesquisa inspirará tantos outros pesquisadores, como a mim.

À professora Dr^a Maria Marta Pereira Scherre, que participou do meu exame de qualificação com tamanho apreço e, hoje, também, faz parte da minha banca de defesa pública. Obrigado pelas valiosas contribuições. Elas foram essenciais para que este trabalho fosse concretizado.

À professora Dr^a. Janayna Bertolo Cozer Casotti que participou do meu exame de qualificação e, hoje, também faz parte da banca de minha defesa pública como suplente

interna. A ela meu carinho, admiração e respeito.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em especial: Dr^a. Micheline Mattedi Tomazi, Dr^a. Virgínia Beatriz Baesse Abrahão, Dr. Luciano Novaes Vidon, Dr^a. Maria da Penha Pereira Lins, Dr. Daniel de Mello Ferraz, Dr. Rivaldo Capistrano de Souza Junior, Dr^a. Lúcia Helena Peyroton da Rocha, Dr^a. Maria da Conceição de Paiva.

À professora Edair Görski, que gentilmente me cedeu cópia de um artigo importante sobre Comunidade de Fala, de autoria do Gregory Guy, publicado nos Anais do Congresso da Abralin. Em nenhum lugar, eu encontrava esse artigo e a professora Edair gentilmente me cedeu uma cópia. Meu muito obrigado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo
À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por fomentar minha pesquisa concedendo-me uma bolsa de estudos.

Aos irmãos da PIB Cobilândia, pelo apoio, orações, incentivo, encorajamento.

Aos meus amigos: Alessandra Corsini de Souza, Adiel Souza, Giovana Carneiro Faria, Jefferson Nicácio Correia, Keli Tabosa, Eduardo Tabosa, Duda Tabosa, Juliana Nicácio Correia, Breno Pereira, Adriano Bortolozo, Fabiana Lima, Lays Lopes de Oliveira, Sheila Carriço (minha querida Babu), Mayra Duarte, Barbhara Bonelli, Mônica Lopes Smiderle de Oliveira e Israel Barbosa Oliveira, Silvania Dueles, Victor Vago Fernandes, Caroliny Massariol, Juliana Rangel Scárdua, Marcelo dos Santos, Marcelo Henrique Paoli, Joanemar Paoli, Sandra Regina Ribeiro Fernandes, Wilson Fernandes, Gustavo Lacerda da Silva, Família Bortolozo (Penha, Anaor e Fabíola), Lara da Rocha Sousa, Sirlene Barcelos Potratz e Alessandro Potratz, Diemerson Cardoso Cruz, Diener André Cardoso Cruz, Benhur Rezende, Jocilane Rezende.

Eu me alegro em Ti

A Ti bendirei pra sempre
Em Ti confiarei Senhor
Eu não terei o que ter medo
Meus pés só na rocha firmarei

Não me abalarei
e do Senhor direi

[coro]

Tu és meu Deus
Protetor
Meu refúgio
Libertador
Meu abrigo
Torre forte
Todo tempo meu socorro vem de Ti

Não há outro a quem eu ame
Tu és tudo o que eu desejo

Eu me alegro em Ti
e do Senhor direi

(Ministério de LouvorShalom)

RESUMO

A proposta central desta pesquisa é analisar a variação da expressão do sujeito pronominal que no Português Brasileiro, ocorre de dois modos: o *sujeito nulo/zero/ausente* e o *sujeito pleno/expresso/presente*. À luz da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 2008[1972]), analisamos 46 entrevistas da amostra que compõe o PortVix (*Português Falado na Cidade de Vitória*), que tem por parâmetros sociais o gênero/sexo do falante, sua faixa etária e seu nível de escolaridade. Esta amostra contempla entrevistas tipicamente labovianas de fala espontânea que foram gravadas no período entre 2001 e 2003 (YACOVENCO *et al*, 2012). No que concerne à perspectiva teórica adotada nesta pesquisa, para a Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]), a língua é heterogênea, porém sistematizável por meio da atuação de fatores de ordem linguística e social sobre os fenômenos linguísticos. Algumas pesquisas realizadas sobre a expressão do sujeito pronominal, Paredes Silva (1988) e Duarte (1995), apontaram um uso relevante do sujeito pronominal expresso no Português Brasileiro. Este estudo foi orientado, então, com base nesses estudos e temos por hipótese principal que também na variedade capixaba se comporta do mesmo modo que outras variedades brasileiras se evidencia um uso expressivo do sujeito pronominal expresso/pleno. Nosso objetivo é descrever e analisar a expressão variável do sujeito pronominal no português falado em Vitória, isto é, se há maior frequência de sujeitos pronominais presentes e observar quais as variáveis sociais e linguísticas atuam sobre este fenômeno considerado abaixo do nível da consciência social dos falantes.

Nesta pesquisa, trataremos dos fatores linguísticos e sociais que atuam sobre o favorecimento do preenchimento do sujeito pronominal nas 03 (três) pessoas discursivas, sem distinção em número gramatical (singular ou plural), visto que a nossa abordagem contempla questões de natureza discursivo-funcional.

Para o tratamento estatístico dos dados, utilizamos o programa *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Em uma análise com resultados gerais contemplando todas as variáveis sociais e linguísticas, foi registrada a média global de 70,9% de um total de 7027 dados analisados para sujeito expresso, tendo sido significativos ao realizarmos o tratamento dos dados pelo programa estatístico Goldvarb X, na análise geral com todos os fatores linguísticos e sociais, foram considerados estatisticamente relevantes para o sujeito pronominal expresso os seguintes fatores: pessoa do discurso, ênfase, ambiguidade, conexão discursiva, tipo sintático de oração, sexo/gênero do falante, a sua escolaridade e a sua faixa etária. Quando tratadas para cada pessoa discursiva, as variáveis selecionadas pelo programa foram distintas. Dentre as variáveis linguísticas que atuam sobre o uso do sujeito pronominal expresso, destacaram-se as de natureza discursivo-funcional, como a conexão discursiva e a ênfase, ambas selecionadas para todas as pessoas discursivas. As variáveis tipo sintático de oração e ambiguidade se mostraram relevantes para o fenômeno, tendo sido selecionadas para todas as pessoas do discurso, com exceção da ambiguidade para a 3ª pessoa, que não foi selecionada. Com relação às variáveis sociais, sexo/gênero se mostraram relevantes na 1ª e 2ª pessoas com as mulheres favorecendo o uso da forma plena. A variável escolaridade foi selecionada nas 1ª e 3ª pessoas discursivas, com o nível de escolaridade fundamental como favorecedor ao sujeito pronominal pleno. Os resultados revelaram a tendência de maior uso do sujeito pronominal expresso e evidenciou a natureza discursiva e funcional deste fenômeno, considerado abaixo do nível de consciência social dos falantes.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; Expressão do Sujeito Pronominal; Português falado em Vitória.

ABSTRACT

The central proposal of this research is to analyze the variation of the expression of the pronominal subject that in Brazilian Portuguese occurs in two ways: the null / zero / absent subject and the full / expressed / present subject. In the light of the Theory of Variation and Linguistic Change (LABOV, 2008 [1972]), we analyzed 46 interviews of the sample that composes *PortVix* (Portuguese Spoken in the City of Vitória), which has as social parameters the gender / sex of the speaker, his age group and his educational level. This sample includes interviews typically labovianas of spontaneous speech that were recorded between 2001 and 2003 (YACOVENCO et al 2012). With regard to the theoretical perspective adopted in this research, for the Theory of Variation and Linguistic Change (LABOV, 2008 [1972]), the language is heterogeneous, but systematizable through the performance of linguistic and social order factors on linguistic phenomena. Some researches on the expression of the pronominal subject, Paredes Silva (1988) and Duarte (1995), pointed out a relevant use of the pronominal subject expressed in Brazilian Portuguese. This study was based on these studies and we have the main hypothesis that also in the capixaba variety behaves in the same way as other Brazilian varieties, an expressive use of the express / full pronominal subject is evidenced. Our objective is to describe and analyze the variable expression of the pronominal subject in Portuguese spoken in Vitória, that is, if there is a higher frequency of pronominal subjects present and to observe which social and linguistic variables act on this phenomenon considered below the level of the social conscience of the speakers

In this research, we shall deal with the linguistic and social factors that act on the favor of filling the pronominal subject in the 03 (three) discursive persons, without distinction in grammatical number (singular or plural), since our approach contemplates issues of a discursive-functional nature.

For the statistical treatment of the data, we used the program Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). In an analysis with general results covering all the social and linguistic variables, the global average of 70.9% of a total of 7027 data analyzed for the expressed subject, being significant when we performed the data treatment by the statistical program Goldvarb X, in the general analysis with all linguistic and social factors, the following factors were considered statistically relevant for the pronominal subject expressed: speech person, emphasis, ambiguity, discursive connection, syntactic type of sentence, sex / gender of speaker, their education and age group. When treated for each discursive person, the variables selected by the program were different. The variable education was selected in the first and second discursive individuals, with the fundamental level of education as favorable to the full pronominal subject. The results revealed the tendency of greater use of the pronominal subject expressed and evidenced the discursive and functional nature of this phenomenon, considered below the level of social awareness of speakers. Among the linguistic variables that act on the use of the pronominal subject expressed, those of a discursive-functional nature, such as the discursive connection and the emphasis, both selected for all the discursive people, stand out. The syntactic type variables of prayer and ambiguity were relevant to the phenomenon and were selected for all the people of the speech, except for the ambiguity for the third person, which was not selected. Regarding social variables, sex / gender were relevant in the first and second people with women favoring the use of the full form. The variable education was selected in the first and third discursive people, with the fundamental level of education as favorable to the full pronominal subject. The results revealed the trend of greater use of the pronominal subject expressed and evidenced the discursive and functional nature of this phenomenon, considered below the level of social awareness of the speakers.

Keywords: Variationist Sociolinguistic; Expression of the Pronominal Subject; Portuguese spoken in Vitoria.

LISTAS DE SIGLAS

PB- Português Brasileiro

PE- Português Europeu

LE- Língua Escrita

LF- Língua Falada

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição da expressão do sujeito pronominal na modalidade de língua falada	43
Gráfico 2 - Distribuição da expressão do sujeito pronominal na modalidade de língua escrita	44
Gráfico 3 - Efeito da variável faixa etária com resultados gerais.....	115
Gráfico 4 - Efeito da variável faixa etária na 1ª pessoa.....	117
Gráfico 5 - Efeito da variável faixa etária na 2ª pessoa.....	118

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 : Distribuição das células sociais do PortVix.....	62
--	----

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 -Penedo de Vitória	58
Figura 2 - Basílica de Santo Antônio	59
Figura 3 – Terceira Ponte	59
Figura 4 - Ilha das Caieiras.....	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Frequência dos sujeitos pronominais e zero na língua falada e escrita	41
Tabela 2: Distribuição da expressão do sujeito pronominal na modalidade de língua falada.	42
Tabela 3: Distribuição da expressão do sujeito pronominal na modalidade de língua escrita	44
Tabela 4: Efeito da Variável Pessoa do Discurso sobre a expressão do sujeito pronominal ..	88
Tabela 5: Efeito da Variável Ênfase sobre a expressão do sujeito pronominal.....	90
Tabela 6: Efeito da Variável Ênfase sobre a expressão do sujeito pronominal de 1ª pessoa ..	91
Tabela 7: Efeito da Variável Ênfase sobre a expressão do sujeito pronominal na 2ª pessoa ..	91
Tabela 8: Efeito da Variável Ênfase sobre a expressão do sujeito pronominal na 3ª pessoa ..	92
Tabela 9: Efeito da Variável Conexão Discursiva sobre a expressão do sujeito pronominal .	94
Tabela 10: Efeito da Variável Conexão Discursiva sobre a expressão do sujeito pronominal na 1ª pessoa	96
Tabela 11: Efeito da Variável Conexão Discursiva sobre a expressão do sujeito pronominal na 2ª pessoa.....	98
Tabela 12: Efeito da Variável Conexão Discursiva sobre a expressão do sujeito pronominal na 3ª pessoa.....	99
Tabela 13: Efeito da Variável Ambiguidade sobre a expressão do sujeito pronominal.....	101
Tabela 14: Efeito da Variável Ambiguidade sobre a expressão do sujeito pronominal na 1ª pessoa	102
Tabela 15: Efeito da Variável Ambiguidade sobre a expressão do sujeito pronominal na 2ª pessoa	104
Tabela 16: Efeito da Variável Tipo Sintático de Oração sobre a expressão do sujeito pronominal.....	105
Tabela 17: Efeito da Variável Tipo Sintático de Oração sobre a expressão do sujeito pronominal na 1ª pessoa	106
Tabela 18: Efeito da Variável Tipo Sintático de Oração sobre a expressão do sujeito pronominal na 2ª pessoa	107
Tabela 19: Efeito da Variável Tipo Sintático de Oração sobre a expressão do sujeito pronominal na 3ª pessoa	108
Tabela 20: Efeito da Variável Sexo/Gênero sobre a expressão do sujeito pronominal.....	110
Tabela 21: Efeito da Variável Sexo/Gênero sobre a expressão do sujeito pronominal na 1ª pessoa	110

Tabela 22: Efeito da Variável Sexo/Gênero sobre a expressão do sujeito pronominal na 2ª pessoa	111
Tabela 23: Efeito da Variável Escolaridade sobre a expressão do sujeito pronominal.....	111
Tabela 24: Efeito da Variável Escolaridade sobre a expressão do sujeito pronominal na 1ª pessoa	112
Tabela 25: Efeito da Variável Escolaridade sobre a expressão do sujeito pronominal na 3ª pessoa	112
Tabela 26: Efeito da Variável Faixa Etária com resultados gerais.....	114
Tabela 27: Efeito da Variável Faixa Etária para a 1ª pessoa.....	116
Tabela 28: Efeito da Variável Faixa Etária para a 2ª pessoa.....	118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO I - A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL.....	26
1.1 - A COEXISTÊNCIA DE DUAS FORMAS DE EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NO PB.....	28
1.2- BREVE REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NO PB.....	29
1.2.1 PAREDES SILVA (1988).....	29
1.2.2- DUARTE (1995).....	31
1.3-OUTROS ESTUDOS SOBRE A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NO PB.....	37
CAPÍTULO II - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	46
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	46
VITÓRIA: ILHA DO MEL.....	56
PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	62
CAPÍTULO III- DELIMITAÇÃO DAS VARIÁVEIS	66
3.1 A VARIÁVEL DEPENDENTE.....	67
3.2 AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES.....	68
FATORES SOCIAIS	69
FATORES LINGUÍSTICOS	72
CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	87
FATORES LINGUÍSTICOS	88
FATORES LINGUÍSTICOS DE ORDEM DISCURSIVA	88
PESSOA DO DISCURSO.....	88
ÊNFASE	90
CONEXÃO DISCURSIVA.....	94
FATORES LINGUÍSTICOS DE ORDEM MORFOLÓGICA.....	101

AMBIGUIDADE.....	101
FATORES LINGÜÍSTICOS DE ORDEM SINTÁTICA.....	105
TIPO SINTÁTICO DE ORAÇÃO	105
<i>FATORES SOCIAIS.....</i>	<i>109</i>
SEXO/GÊNERO	109
ESCOLARIDADE	111
FAIXA ETÁRIA	113
<i>CAPÍTULO V- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</i>	<i>119</i>
<i>REFERÊNCIAS</i>	<i>123</i>

INTRODUÇÃO

A língua apresenta grande dinamicidade, estando sujeita a variações e mudanças ao longo do tempo. É inegável, portanto, a importância dos estudos voltados para a língua em uso, sendo a Sociolinguística Variacionista, também denominada Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]), a área dedicada aos estudos de variação e mudança linguística. Essa teoria entende que a variação é inerente aos sistemas linguísticos. No capítulo 2, apresentarei as especificidades dos pressupostos teóricos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, bem como os aspectos essenciais dessa abordagem teórica defendidos por W. Labov, e também por outros pesquisadores da sociolinguística variacionista brasileira, que também citam Labov em suas pesquisas, como oportunidade de reconhecer e valorizar os trabalhos dos nossos pesquisadores, visto que o Brasil tem sido um campo extremamente fértil para as pesquisas variacionistas, conforme aponta o próprio texto de abertura da versão brasileira da tradução de *Padrões Sociolinguísticos*, de William Labov (2008 [1972]).

De acordo a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, a língua é concebida como uma entidade heterogênea e ordenada, e seus estudos se concentram na fronteira entre língua e sociedade, sendo correlacionados aspectos linguísticos e sociais na investigação de fenômenos variáveis. É importante ressaltar que, quando a língua é estudada em seu contexto de uso, a finalidade é observar e analisar como os fatores linguísticos e sociais motivam a variação, que é entendida como geral, universal e ordenada, podendo ser descrita e analisada cientificamente.

Segundo Labov (2008 [1972]), a variação está inserida dentro de uma heterogeneidade ordenada. Dito de outra forma, conforme Mollica (2013, p. 09), essa heterogeneidade ordenada quer dizer que a variação é regulada por regras variáveis que contribuem para favorecer o emprego de uma ou outra variante, em determinados contextos linguísticos e/ou extralinguísticos. A operação de uma regra variável é sempre o efeito da atuação simultânea de vários fatores. Isso quer dizer que a perspectiva teórica da Teoria da Variação e da Mudança Linguística permite que se deduza que a variação é condicionada por fatores internos e externos à língua.

O presente trabalho, à luz da Sociolinguística Variacionista, analisa a variação da expressão

do sujeito pronominal no português brasileiro (doravante PB). Nosso objetivo é descrever e analisar a expressão variável do sujeito pronominal no português falado em Vitória, isto é, se há maior frequência de sujeitos pronominais presentes ou ausentes e quais variáveis sociais e linguísticas atuam sobre o fenômeno investigado.

Abaixo, apresento dois exemplos que representam as duas estratégias de uso do sujeito pronominal, melhor dizendo, as duas variantes que estão sendo analisadas neste trabalho.

SUJEITO NULO/ZERO/AUSENTE – o sujeito nulo/zero/ausente, como indica a própria nomenclatura, caracteriza-se pela ausência do sujeito pronominal, como no exemplo abaixo, extraído do banco de dados do *PortVix*, amostra do português falado em Vitória, que falaremos mais adiante:

EI: Já morou em outro bairro?

I: Não, Ø¹ sempre **MOREI** aqui. Ø **MOREI** em outro bairro não. Sempre aqui mesmo.² [M- EF- 26 a 49 anos]

SUJEITO EXPRESSO/PLENO/PRESENTE – o sujeito expreso/pleno/presente como indica a nomenclatura, caracteriza-se pela presença do sujeito pronominal, como no exemplo abaixo, também extraído do *PortVix*:

E: ah.... você costuma comer verdura? [salada?/salada?

I: [inint] única coisa que **EU** não **GOSTO** de verdura é jiló [M-EF-07 a 14 anos]

O *corpus* que serviu de base para este estudo é composto pelas 46 (quarenta e seis) entrevistas que compõem a amostra do projeto *PortVix* (*Português Falado na Cidade de Vitória*), de orientação variacionista, com gravações realizadas no período entre 2001 e 2003 (YACOVENCO *et al*, 2012). Para esta pesquisa, analisamos 20 (vinte) minutos de cada uma das 46 (quarenta e seis) entrevistas.

Aproveito para esclarecer a escolha de 20 minutos de cada uma das 46 entrevistas e não a entrevista toda. Cada uma das 46 entrevistas que compõe o banco de dados do *PortVix* tem duração de (01) uma hora. A grande questão que se coloca para a não-utilização do *corpus*

¹ Sempre que apresentarmos o sujeito nulo nos exemplos, adotaremos o símbolo Ø para descrevê-lo.

² As letras entre colchetes indicam o gênero/sexo (M – masculino e F – feminino) e o nível de escolaridade (EF – ensino fundamental, EM – ensino médio, EU – ensino universitário).

inteiro é pelo fato de que o fenômeno expressão do sujeito pronominal é muito frequente, daí utilizarmos apenas os 20 minutos mencionados. Outros fenômenos, que são menos frequentes, a citar, por exemplo, o objeto anafórico, a alternância *a gente/nós*, precisam da análise do *corpus* por completo. Além disso, a depender do fenômeno linguístico a ser investigado, se muito estigmatizado socialmente ou não, obviamente a tendência é o falante se atentar mais para não incorrer nos riscos de “falar errado” que envolvem o uso da língua. Isso também, de certa forma, contribui para a questão da frequência de uso de determinado fenômeno. Embora as entrevistas do *PortVix* contemplem temáticas ligadas à cultura, saúde, segurança, política, entretenimento, culinária capixaba, apenas para citar alguns temas, é evidente que, há cuidado por parte do falante para não incorrer na questão mencionada sobre “erro linguístico”.

Grosso modo, fenômenos linguísticos como concordância, apenas para citar um exemplo, podem provocar certa inibição por parte do falante, mesmo diante de temáticas não tão complexas como as que mencionei, mas, ainda assim, para esse fenômeno, há certa atenção do falante para não incorrer no “falar errado”, ou seja, deixar de fazer concordância. Já o fenômeno expressão do sujeito pronominal, que é o fenômeno linguístico que analiso nesta pesquisa, pareceu-me que o falante não está tão preocupado se faz ou não uso do pronome em posição de sujeito.

É importante dizer que a questão de *erro linguístico* mencionada anteriormente está ligada aos julgamentos que se fazem à língua e ao falante, e isso é um dos fatores que permitem a existência e a disseminação do *preconceito linguístico* em nossa sociedade. Uma das contribuições que a Sociolinguística fornece é justamente buscar desmascarar esse tipo de argumento. Não há na língua formas linguísticas que permitam afirmar que uma dada forma seja melhor ou mais correta do que a outra, ou até mesmo, que o uso de uma forma ou outra tenha qualquer relação com a capacidade cognitiva do falante.

É possível dizer que essas questões que envolvem preconceitos linguísticos apontam para julgamentos conscientes e inconscientes. Dessa forma, o falante não tem consciência a respeito do fenômeno, e, por conta disso, no que se refere ao uso ou não do pronome sujeito, o falante não teria tanta atenção.

Labov (2008 [1972], p.360), formula 03 (três) categorias que consistem em avaliação social das formas em variação baseadas no nível de consciência que o falante tem sobre determinada

variável. Essas categorias são **os estereótipos, os marcadores e os indicadores**. Sobre **os estereótipos**, Labov (2008 [1972], p.360), menciona que são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade. São, portanto, marcados conscientemente. No Brasil, conforme explicitam Coelho *et al* (2013, p.66), os estereótipos são comumente explorados, com certo exagero, na composição de personagens de programas humorísticos, em piadas, novelas.

A respeito dos **marcadores**, Labov (2008[1972], p.360), menciona que exibem estratificação estilística e social e, embora possam estar abaixo do nível da consciência, produzirão respostas regulares em testes de reação subjetiva. Dito de outra forma, isso quer dizer que apesar de alguns falantes rejeitarem certas variantes, isso não significa que não fazem uso delas: o julgamento social, assim como o uso, nem sempre é consciente. Um exemplo de marcadores no Brasil, conforme apontam Coelho *et al.* (2013, p.66) é a variação entre *tu* e *você* em certas regiões do Brasil. Esses autores mencionam que o uso desses pronomes, em geral, não é estigmatizado, isto é, não sofre avaliação negativa, mas está correlacionado a variáveis estilísticas (grau de intimidade, por exemplo) e sociais (como a faixa etária dos falantes).

Outra categoria apresentada por Labov (2008 [1972], p.360) são **os indicadores**. Para o linguista, os indicadores são traços linguísticos que não exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa. Sendo assim, pode haver diferenciação social de uso dessas formas correlacionada à idade, à região, à motivações estilísticas. Em outras palavras, os indicadores são traços linguísticos não sujeitos à julgamentos sociais inconscientes.

Talvez, a expressão do sujeito pronominal, fenômeno analisado nesta pesquisa, possa ser considerado um indicador, visto que a questão do gênero adotado neste estudo influencia na variação do sujeito pronominal.

Retomando a questão da eleição do *corpus*, é muito comum dentro da Sociolinguística Variacionista, que o pesquisador despreze os 10 (dez) minutos iniciais de uma gravação por considerar que o falante ainda esteja inibido pelo fato de estar sendo gravado e por conta disso não demonstre espontaneidade na fala, podendo influenciar na atuação dos fenômenos linguísticos. Contudo, para o fenômeno expressão do sujeito pronominal, por se caracterizar

como abaixo do nível da consciência que parece haver por parte dos falantes, não desprezo os 10 minutos iniciais de cada gravação e considero a totalidade de 20 minutos em cada uma delas.

A expressão variável do sujeito no PB foi objeto de pesquisas de perspectivas teóricas diferentes em diversas variedades do português. Destacamos as de Paredes Silva (1988) e de Duarte (1995), cujos resultados são relevantes para esta pesquisa, pois nos permitem verificar a variação no uso da expressão do sujeito em outras variedades linguísticas, além de nos permitirem verificar a fala de Vitória em relação a outras localidades no cenário do PB (cf. seção 1.2).

É óbvio que, ao realizar uma pesquisa, o pesquisador tem suas aspirações e motivações próprias. Igualmente a qualquer pesquisador, também tenho as minhas motivações e as menciono agora. Quando comecei a ler algumas teses de doutorado e outros trabalhos acerca do sujeito pronominal para me aprofundar sobre este fenômeno linguístico, fui percebendo que grande parte dos trabalhos se dedicava mais à investigação do sujeito pronominal nulo/zero. Isso me deixava um pouco intrigado, visto que, ao ler essas pesquisas, na condição de leitor curioso, notei que era menor a investigação sobre o uso do sujeito expreso/pleno, em detrimento de uma maior atenção dada ao sujeito pronominal nulo, considerando-se que a maioria dos trabalhos que li davam-me a entender que tem ocorrido na língua um aumento no uso do sujeito pronominal expreso.

Nosso estudo foi orientado, então, a partir da hipótese principal de que, na variedade capixaba, há um uso expressivo do sujeito pronominal expreso/pleno, uso este que se encontra em conformidade com a mudança ocorrida no PB: maior expressão do sujeito pronominal, conforme já apontaram outras pesquisas (Duarte, 1995; Paredes Silva, 1988).

Para o tratamento estatístico dos dados, utilizamos o programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), que analisa múltiplas variáveis e apresenta os cálculos percentuais e os pesos relativos, os quais nos permitem analisar o grau de relevância estatística de uma variável em relação à outra. Dessa forma, podemos verificar o comportamento desse fenômeno variável na fala de Vitória.

A partir da delimitação das variáveis consideradas relevantes para a análise do fenômeno em tela (cf. capítulo 3), acreditamos que podemos contribuir com as pesquisas que têm sido realizadas em outras localidades, com o intuito de entender o uso da expressão variável do sujeito pronominal no PB. Nossa intenção é agregar novos dados aos já existentes e ampliar a compreensão dos fatores que regulam a variação da expressão do sujeito, especificamente na modalidade de língua falada.

Nesse sentido, também ressalto o aspecto desafiador que é o de se trabalhar com *corpus* proveniente da modalidade de língua falada.

Trabalhar com *corpus* proveniente da modalidade de língua falada ou língua escrita tem suas peculiaridades. Em se tratando da modalidade de língua oral, o falante “*não ensaia, não premedita*” o momento que usará, por exemplo, uma oração coordenada ou oração subordinada nas suas interações e nem mesmo se tais orações serão bem-elaboradas e até certo ponto, padronizadas e construídas tal como costumamos ver nas gramáticas tradicionais e livros didáticos. Seria fácil se produzíssemos na nossa fala diária construções sintáticas tão bem-elaboradas e construídas como as dos livros didáticos e gramáticas. Sequer passam pela cabeça dos falantes preocupações do tipo: *agora irei usar uma oração principal, agora irei usar uma oração subordinada adverbial, etc.*

Apenas citei o exemplo das orações, pois senti dificuldade em reconhecer na modalidade de língua falada onde começava uma oração principal, onde iniciava uma oração subordinada, entre outros, e até mesmo, quando não tinha uma ou outra. Isso justamente pela razão que apresentei, uma vez que o falante não fica ensaiando ou premeditando a sua fala. A nossa fala não é planejada como a escrita, mas é espontânea.

Além disso, conforme Fávero *et al* (2000, p.15) mencionam, por conter um volume considerável de elementos pragmáticos (pausas, hesitações, alongamentos de vogais e consoantes, repetições, ênfases, truncamentos, entre outros), a língua falada foi considerada durante muito tempo, até meados da década de 1960, como o lugar do “caos”.

Na verdade, há um equívoco nessa concepção de língua como *lugar do caos*, pois com ela nega-se que a língua é passível de regularidade e sistematicidade, uma vez que são estes os objetivos da abordagem da sociolinguística variacionista. Isto quer dizer que, segundo Labov

(2008, p.244), é no *vernáculo* - o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala - que temos a língua em seu estado mais natural e verdadeiro, sujeito, portanto, a variações e mudanças.

O presente trabalho está desenvolvido em quatro capítulos.

No capítulo 1, fazemos uma explanação acerca da expressão do sujeito pronominal, com algumas considerações a respeito da coexistência de duas estruturas no PB, que têm sido estudadas como um fenômeno de mudança sintática. Na sequência, apresentamos uma breve revisão da literatura dedicada ao estudo desse fenômeno, com o intuito de verificar o comportamento da capital capixaba com outras variedades do PB.

No capítulo 2, apresentamos os fundamentos teóricos que direcionam esta pesquisa, bem como os procedimentos metodológicos adotados para sua realização e retratamos a comunidade de fala de Vitória/ES. Ressalto que neste trabalho, não utilizo a expressão *capixaba* para fazer referência à comunidade de fala de Vitória (o conceito de comunidade de fala será visto neste capítulo), pois ainda não é de comum acordo entre os cidadãos espírito-santenses o significado que o nome *capixaba* abrange: alguns o utilizam para se referir ao indivíduo natural da capital; outros, ao natural do estado do Espírito Santo. Em contrapartida, há também os cidadãos que moram na cidade de Vila Velha, vizinha à Vitória, que são chamados de *canelas-verdes* ou *vila-velhenses*, muito embora também sendo outro município do ES, os *vila-velhenses* também poderiam ser chamados de capixabas. Para evitar polêmicas sobre isso, adoto a expressão comunidade de fala de Vitória.

No capítulo 3, descrevemos a variável dependente e as independentes consideradas para esta pesquisa, destacando sua relevância para o fenômeno em análise.

No capítulo 4, apresentamos os resultados alcançados.

Ao final, no capítulo 5, apresentamos as considerações finais, observando as principais reflexões com relação à análise dos resultados.

CAPÍTULO I - A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL

O ponto de partida para a compreensão deste estudo leva em consideração o que preconiza a tradição gramatical a respeito da expressão do sujeito pronominal: o sujeito pronominal não deve ser expresso, uma vez que a flexão verbal aponta, por meio da desinência número-pessoal, o sujeito da sentença. Entretanto, a própria tradição gramatical afirma que é possível que haja necessidade de se expressar o sujeito em casos específicos, como para dar ênfase à uma pessoa do discurso, para evitar ambiguidades ou para opor as pessoas gramaticais.

Diferentemente do que espera e preconiza a tradição gramatical, no PB, a expressão do sujeito pronominal apresenta formas variáveis. Teoricamente, em função da riqueza flexional de formas verbais cujas desinências suprem a informação de número e pessoa do sujeito, não haveria exigência de um sujeito pronominal expresso para que se conhecesse o sujeito da sentença. O português, foco desta pesquisa, é uma língua que, conforme explicitado anteriormente, não exige sujeito pronominal expresso, contudo, na fala, e mesmo na escrita, observamos vários estudos realizados acerca deste fenômeno, que demonstram que há variação no uso do sujeito pronominal, sendo cada vez mais constante sua presença.

Desse modo, pela própria tradição gramatical, o emprego ou não do pronome costuma ser associado a motivações estilísticas, no caso, a questão da ênfase, como confirma Paredes Silva (1988), que veremos mais adiante e, também, a exigências decorrentes do novo padrão pronominal do PB, em que formas nominais passam a funcionar como pronomes, caso de *você* e *a gente*. Para Paredes Silva (1988), a motivação para o uso do sujeito pronominal não é estilística, mas, sim, motivação discursiva. Há, de fato, a questão estilística, uma vez que a ênfase é uma variável importante analisada pela autora, porém, na sua tese de doutorado a conexão discursiva é a variável mais importante sobre o fenômeno. Conforme menciona Paredes Silva (2003, p.114), a conexão discursiva parece indicar que a questão da escolha pronominal, aparentemente, de natureza morfossintática, merece um olhar mais abrangente para o contexto discursivo.

Com base nestas considerações, na seção 1.1 trazemos algumas questões relacionadas à coexistência de duas formas de expressão do sujeito pronominal no PB.

Neste capítulo, apresentamos também algumas pesquisas empreendidas sobre a expressão do

sujeito pronominal no PB. É possível observar que os gêneros discursivos podem influenciar na escolha das variantes, uma vez que, conforme Paredes Silva (2007, p.162), os gêneros dizem respeito a atividades, são formas convencionais de organização do discurso conforme a situação comunicativa.

Temos por objetivo verificar esse fenômeno na fala da capital capixaba para, em seguida, compará-lo com outras variedades do PB.

No que se refere aos gêneros discursivos, nesta pesquisa, adotamos o gênero entrevistas. Conforme Marcuschi (2008, p.147), atualmente, a noção de gênero já não mais se vincula apenas à literatura, mas "para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias".

Para Marcuschi (2008), os gêneros são padrões comunicativos socialmente utilizados, que funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas.

Há de se ressaltar que, no que diz respeito ao gênero aqui adotado – *entrevistas labovianas*-, considera-se o domínio tipicamente falado quanto à concepção e ao meio (conversação espontânea).

É importante salientar que, nas entrevistas do *PortVix*, banco de dados que serve de base a esta pesquisa, há um predomínio de sequências dialogadas, que correspondem aos trechos que contêm alternância entre os interlocutores. Adam (2011, p. 249), com base em Kerbrat-Orecchioni (1996), estabelece que as sequências dialogais são atos de linguagem produzidos por pelo menos dois interlocutores por meio de intercâmbios que se combinam para constituí-las. As sequências dialogais podem ser compostas por trechos de perguntas e respostas, tais como exatamente ocorrem numa entrevista.

1.1 - A COEXISTÊNCIA DE DUAS FORMAS DE EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NO PB

A expressão do sujeito pronominal é um fenômeno linguístico comum a todas as línguas do mundo e apresenta estratégias próprias para sua realização.

No PB, conforme visto na introdução, há duas formas de se expressar o sujeito numa sentença:

1) SUJEITO EXPRESSO/PLENO/PRESENTE:

E1 — mas você faz algum curso de língua em Vitória?

Inf. — ah... de/ de inglês **EU FIZ**... [M-EU-15 a 25 anos]

2) SUJEITO NULO/ZERO/AUSENTE:

E1 - você faz parte de alguma igreja assim?

Inf. - Ø **SOU** católico ... mas não Ø **SOU** muito praticante não...[M-EU-26 a 49 anos]

Os trechos de entrevista apresentados mostram que não há diferença no significado quanto à expressão ou não do sujeito pronominal. Em outras palavras, nas duas situações observadas, as estruturas utilizadas em cada uma delas não trazem prejuízo na compreensão do seu conteúdo, podendo haver ou uma ou outra variante.

Diversos estudos empreendidos acerca da expressão do sujeito pronominal apontam para um aumento de seu uso pleno em detrimento da opção por um sujeito nulo/ausente nas sentenças. Desta forma, é importante trazer algumas ponderações acerca desse fato e ressaltar que o sujeito expreso/pleno tem-se revelado como uma forma inovadora no PB, uma vez que anteriormente o uso preferencial era por formas não-expressas, já que a morfologia verbal era capaz de indicar o sujeito da sentença.

Na próxima seção, apresentamos algumas pesquisas realizadas sobre a expressão do sujeito pronominal no PB.

1.2- BREVE REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NO PB

1.2.1 PAREDES SILVA (1988)

O uso do sujeito pronominal tem suscitado hipóteses dentro da literatura linguística. Alguns autores, como Paredes Silva (1988), por possuir uma visão funcionalista³, entendem que a expressão do sujeito pronominal está vinculada a fatores discursivos e sociais. Nesse sentido, a autora discute se a ênfase e a ambiguidade, fatores já discriminados pela tradição gramatical, são os únicos fatores que atuam sobre a expressão do sujeito. Em sua tese de doutorado, intitulada *Cartas Cariocas: A Variação do Sujeito na Escrita Informal*, Paredes Silva (1988, p.11) menciona que o emprego ou não do pronome está ligado a motivações de ordem estilística e critérios imprecisos como ênfase e clareza para justificar a presença de um sujeito que se considera, em regra, dispensável.

Nessa pesquisa, a autora levanta alguns questionamentos acerca da variação envolvendo o fenômeno expressão do sujeito pronominal, como os relativos a quando se dá a omissão do pronome? Quando o pronome se mantém? Quais condicionamentos para a escolha? (PAREDES SILVA, 1988, p.11).

Segundo Paredes Silva (p.12), uma teoria quantitativa é a mais apropriada para a sua pesquisa, uma vez que permite projetar, através do cálculo probabilístico, as tendências de uso das variantes.

Na visão da autora, a expressão do sujeito pronominal é um fenômeno considerado num âmbito abrangente do discurso, na sua organização, incluindo ainda os participantes e contexto do evento de comunicação (p.12). Por tal motivo, a autora lança mão do funcionalismo, corrente teórica na qual o tipo de discurso prevalece, uma vez que a forma de se expressar o sujeito (expresso ou nulo) busca atender às necessidades específicas de comunicação do emissor (PAREDES SILVA, 1988, p.12, 13,14).

A abordagem funcionalista defendida por Paredes Silva nutre-se de avanços teóricos da

³ É necessário esclarecer que têm crescido no Brasil uma abordagem teórica chamada *Sociofuncionalismo*. A visão funcionalista que Paredes Silva (1988) adota na sua tese de doutorado, atualmente contempla a abordagem sociofuncionalista, que concebe a estrutura gramatical inserida na situação comunicativa, considerando os participantes, o objetivo da interação e o contexto discursivo. Os pesquisadores dessa abordagem teórica conciliam a Sociolinguística Variacionista com a linha funcionalista norte-americana, que tem como principais representantes Givón, Thompson, Chafe e Hopper. Nessa teoria, os pesquisadores buscam observar não só fatores estruturais e sociais, mas também fatores discursivos, iconicidade e marcação, a fim de explorar a variação ou mudança linguística e utilizam, para isso, a metodologia variacionista no modo de coleta e análise dos dados, lançando mão de recursos estatísticos. (CEZÁRIO et. al, 2016,p.45)

sociolinguística e da etnografia da comunicação. A Teoria da Variação, como posta pela autora, traz para o centro de interesse dos estudos linguísticos o próprio uso do falante, defrontando-o com sua heterogeneidade (p.16). Dentro dessa perspectiva, os métodos quantitativos foram introduzidos e aperfeiçoados para o tratamento estatístico dos dados, levando a constatação de regularidades no uso. Daí surge a noção de regra variável (frequência de uso de regra que se torna previsível, sujeita a interferência de fatores linguísticos ou sociais).

Sob o aspecto das análises variacionistas, Paredes Silva (p.17) afirma que um dos cuidados é controlar os possíveis fatores semântico-discursivos interferentes e que podem estabelecer se há de fato uma variável linguística, isto é, se e como (até que ponto) as variantes em questão representam formas alternativas de dizer a mesma coisa. A variável dependente, segundo a autora, em causa é a presença *versus* ausência do sujeito pronominal.

Conforme Paredes Silva (p.19), o estudo da variação em fenômenos não-fonológicos e as discussões em torno de seu significado e sua validade abriram as portas para a introdução de fatores de ordem discursiva ou discursivo-pragmática nas análises variacionistas. O fenômeno estudado pela autora permite um tratamento de acordo com a metodologia da regra variável, afinal, trata-se da possibilidade de usar, num mesmo contexto (sem alterar o valor de verdade), o sujeito explícito ou anáfora zero⁴ (p.36).

Esclarece a autora que é tarefa do linguista tratar dos fatores condicionantes testados matematicamente através de programas computacionais que calculam frequência e probabilidade. Para a pesquisa desenvolvida por Paredes Silva, foram postuladas duas variáveis sociais (idade e sexo) como fatores condicionantes da regra de omissão do sujeito e variáveis linguísticas de natureza diversa (ambiguidade, ênfase, conexão do discurso, tipo de oração, entre outras).

De acordo com Paredes Silva (p.42), numa revisão da literatura da gramática tradicional, o fenômeno aparece como elipse, ou tipo de sujeito oculto. A presença do pronome é justificada

⁴ De modo simples e objetivo, trago aqui uma breve explicação para o termo utilizado pela autora. Na visão de Paredes Silva, o termo *anáfora zero* é utilizado para se referir ao não-preenchimento do pronome na posição de sujeito. Para a Linguística Textual, o fenômeno *anáfora* consiste em um processo de retomada ao texto. Ao que parece, Paredes Silva (1988) entende que nas retomadas do pronome sujeito nos textos – uma vez que a autora trabalha com o gênero textual cartas pessoais – pode-se omitir o pronome nessa posição, evitando-se assim que ocorram repetições, razão pela qual se justifica o termo *anáfora* (retomada) e *zero* (por se tratar da posição de pronome sujeito vazia).

por necessidade enfática, quando se quer chamar a atenção para a pessoa do sujeito para duas pessoas diferentes ou quando uma forma verbal é comum a 1ª e 3ª pessoa do singular para evitar o equívoco. A autora procede com a análise da variação do sujeito nas 1ª, 2ª e 3ª pessoas.

Paredes Silva (p.289) conclui que as variáveis linguísticas prevaleceram como possíveis condicionadoras da ausência do sujeito da frase. As variáveis sociais quase não se revelaram significativas nas 03 (três) pessoas. Com relação à idade e sexo, os jovens usam mais o pronome sujeito. Quanto aos fatores linguísticos, os tradicionalmente apontados como determinantes da explicitação do sujeito, a saber, ambiguidade e ênfase, confirmaram sua posição de altamente condicionadores da variação, ratificando as intuições dos gramáticos (p.290). Esclarece ainda Paredes Silva (p.290) que a contribuição da ênfase para a expressão do sujeito mostrou-se significativa na 1ª e na 2ª pessoa, selecionada em segundo e terceiro lugar, respectivamente.

Sobre a ambiguidade, Paredes Silva (p.290) menciona que este fator foi selecionado entre os primeiros em todas as pessoas do discurso. O fator tipo de oração também foi selecionado para todas as pessoas do discurso, embora tenha se manifestado diferentemente em cada uma delas (p.292). Para comprovar que o fenômeno expressão do sujeito está vinculado a fatores discursivos, o fator conexão do discurso foi selecionado em primeiro lugar nas três pessoas do discurso (p.292), o que evidencia a influência da organização do discurso na compreensão do fenômeno em tela.

1.2.2- DUARTE (1995)

Além da pesquisa de cunho funcionalista e variacionista desenvolvida por Paredes Silva (1988), há na literatura outras abordagens contemplando o fenômeno expressão do sujeito pronominal.

Duarte (1995) desenvolve sua tese de doutorado intitulada “*A perda do princípio: Evite Pronome*”, sob viés de uma perspectiva da Sociolinguística Paramétrica, contemplando a noção do Parâmetro do Sujeito Nulo. Segundo a autora, esse é um novo postulado teórico proposto por Chomsky (1981 *apud* DUARTE, 1995), dentro do quadro da Teoria Gerativa,

uma nova fase de busca dos princípios universais das línguas humanas.

Segundo a autora, desde o trabalho de Huang (1984 *apud* Duarte, 1995, p.13), a relação entre a flexão rica e o sujeito nulo deixou de ter exclusividade nos processos de recuperação do conteúdo do sujeito nulo e, devido a isso, foi dado um importante passo no refinamento do parâmetro, sobretudo na comparação entre línguas no que diz respeito à ocorrência de um pronominal nulo.

Em consequência das sucessivas contribuições que o Parâmetro veio recebendo, passou a ser questionado o estatuto da categoria vazia do sujeito, dependendo dos mecanismos envolvidos na sua identificação.

Para Duarte (1995, p.14), embora não se possa dizer que no PB perdemos a possibilidade de omitir o sujeito, observa-se clara preferência pelo uso da forma pronominal plena. Devido ao período de mudanças profundas por que tem passado a língua no que diz respeito à identificação do sujeito nulo, paralelamente à redução ocorrida no quadro pronominal, isso provocou uma simplificação no nosso paradigma flexional.

Entretanto, é importante ressaltar que, na verdade, ao que nos parece, o que a autora chama de *redução no quadro pronominal*, pode ser compreendido atualmente como processo de *marcação flexional dos sujeitos*, uma vez que formas nominais passaram a assumir valor de pronomes.

Dessa forma, houve uma mudança no quadro pronominal, e não uma redução. Continuamos com três pessoas do discurso (*singular e plural*), mas passamos a ter formas alternantes para a 1ª pessoa do plural (*nós x a gente*) e para a segunda do singular (*tu x você*). Há mudança quanto à segunda do plural, que deixa de ser *vós* e passa a ser *vocês* (com o verbo na terceira do plural).

Conforme esclarece a autora, seu trabalho é empírico e busca fazer uma análise variacionista nos mesmos moldes desenvolvidos por Labov (2008[1972] *apud* DUARTE, 1995), seguindo os passos da pesquisa sociolinguística conforme Tarallo (2007 [1985] *apud* DUARTE, 1995). De acordo com Duarte, Tarallo defendia em *Manifesto de 1987* uma leitura paramétrica, que consiste no parâmetro caracterizado pela perda do Princípio “*Evite Pronome*”.

Em artigo recente intitulado *Sociolinguística Paramétrica*, publicado no livro *Sociolinguística, sociolinguísticas*, Duarte (2016, p.33) esclarece que Tarallo tentava demonstrar que o empirismo da Sociolinguística e o formalismo da Teoria de P&P eram compatíveis, visto que anterior à época do Manifesto de 1987, não se aceitava a combinação do empirismo e do formalismo mencionados. A partir da comparação de fenômenos variáveis em várias línguas românicas, Tarallo defendia que uma leitura “paramétrica” dos resultados permitiria prever que os mesmos fatores que controlavam a variação interna atuavam caso um processo de mudança viesse a ocorrer numa dessas línguas.

Ainda no mesmo artigo, Duarte (2016, p.33) menciona que certamente o motivo principal de reações contrárias estava no fato de que a Teoria Gerativa deixava claro, nos seus primeiros anos de desenvolvimento, que buscava exatamente identificar o que é invariável nas línguas humanas (os princípios rígidos), preocupando-se apenas com a variação interlinguística: os parâmetros.

Os estudos iniciais desenvolvidos por Duarte (1993 *apud* DUARTE, 1995) baseados em textos de teatro mostram haver uma relação entre a simplificação no paradigma flexional e a diminuição do sujeito nulo em todas as pessoas gramaticais.

Para a pesquisa de doutorado intitulada *A perda do princípio: Evite Pronome* (1995), Duarte analisa as diferenças entre duas variedades do português: o PB e o português europeu (doravante PE). No PE, o sujeito nulo é a opção preferida em todas as pessoas do discurso. O uso do sujeito nulo não é fortemente condicionado pelos fatores idade e escolaridade. A análise realizada por Duarte permitiu constatar que o PE, como uma língua que prefere o sujeito pronominal nulo ao invés do pleno, confirma a hipótese formulada por Roberts (1993a. *apud* DUARTE, 1995), o qual se baseia na “riqueza funcional” do paradigma verbal.

Outra leitura também proposta por Duarte é sobre o sujeito nulo em PB, em 1993, na qual a autora realiza uma pesquisa diacrônica, com base em textos escritos para o teatro por autores bastante populares em seu tempo.

Entre os resultados obtidos, Duarte (1993 *apud* Duarte, 1995, p.29) destaca:

- 1). A perda gradual da opção pelo sujeito nulo no PB pode ser atribuída à redução dos

paradigmas flexionais;

2) A mudança não atua uniformemente por todas as pessoas gramaticais: a mudança afeta a 1ª pessoa, 18% de sujeitos nulos no texto de 1992 e a 3ª pessoa é a única que não se mostra tão drasticamente afetada, mantendo-se a ocorrência de sujeitos nulos.

A autora revela, assim, um possível processo de transição de *língua pro-drop* para a *língua não pro-drop*.

Segundo Duarte (1995, p.37), no Princípio “Evite Pronome”, que é retratado como uma espécie de intuição subjacente, o sujeito nulo não é uma *opção*, mas uma *obrigação* nas línguas românicas do grupo *pro-drop*; sendo assim, ao se referir ao termo *opção*, o mesmo parece ficar por conta do uso do pronome pleno quando a interpretação estiver comprometida.

No caso do PB, Duarte (1995, p.37) menciona que, se não desapareceu, o sujeito nulo já não se encontra em distribuição complementar com o pronome pleno. Ele é antes uma opção que se realiza cada vez menos em favor deste, cuja ocorrência, em momento algum, compromete a aceitabilidade da sentença. Este é o ponto principal em que se sustenta o trabalho da autora: o PB perdeu o Princípio “Evite Pronome” e caminha, em consequência dessa perda, na direção das línguas *não-pro-drop*.⁵

Conforme Duarte (1995, p.38) a perda de uma propriedade paramétrica gera um período de instabilidade, caracterizada pela diminuição de frequência no uso de determinada estrutura que passa a ter estatuto gramatical diferente (reanálise diacrônica) à medida que vai sendo substituído por outra.

Com a perda do Princípio “Evite Pronome” é natural esperar que estruturas com sujeito nulo se tornem cada vez menos frequentes, sendo substituídas pelas que exibem o pronome pleno. Os objetivos propostos na pesquisa de doutorado de Duarte (1995) consistem em observar à luz do Parâmetro do Sujeito Nulo como se reflete numa amostra sincrônica de língua oral o

⁵ A presente nota serve ao intuito de esclarecer ao leitor o conceito de *pro-drop*. Em nenhum momento da sua tese de doutorado, Duarte (1995) elucida ao leitor o conceito mencionado, razão pela qual o trago aqui em nota. *Pro-drop* (do inglês, “*pronoun dropping*”, ou “queda do pronome”) é o chamado padrão de queda do uso do pronome sujeito (eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas) explícito sempre, por estar implícito na desinência verbal. Há línguas em que o uso é facultativo, como o português, já no inglês e francês o uso é obrigatório (I am, you are, he is, she is, etc.). As línguas que não obrigam o uso do pronome são chamadas línguas *pro-drop*, como exemplos no português europeu, italiano e espanhol. As que obrigam o uso do pronome são chamadas línguas *não pro-drop*, como o inglês e o francês. Nota-se, no português falado do Brasil, hoje, uma tendência a obrigar o uso do pronome, diferenciando-o do português de Portugal. (*Português: Sintaxe Avançada*, Claudionor Aparecido Ritondale, p. 41, 2009, São Paulo, Editora Clube de Autores).

processo de perda gradativa do Princípio “Evite Pronome” no PB.

Como já elucidado nos parágrafos anteriores, a pesquisa de doutorado de Duarte (1995) consiste na continuidade das pesquisas realizadas pela autora em 1993.

Dessa forma, as hipóteses que a autora levanta para a pesquisa de doutorado são: Como se dá a realização do sujeito nulo em sentenças com tempo? Se há de fato uma mudança em curso que caminhos ela percorre? Isto é, quais contextos mais prontamente cedem terreno ao pronome pleno e quais os que resistem ao seu avanço? Que outra evidência tem a língua da perda do Princípio? (DUARTE, 1995, p.39).

A amostra utilizada para o estudo de Duarte (1995) provém de gravações feitas em 1992 com 13 informantes cariocas com formação universitária, distribuídos em 03 (três) faixas etárias: de 25 a 32 anos, de 45 a 53 anos e de 59 a 74 anos, o que, segundo ela, permitirá observar a mudança a partir da perspectiva do tempo aparente (cf. Labov 2008 [1972], Tarallo 2007 [1985] *apud* Duarte, 1995, p.43).

Numa tentativa de verificar a implementação do sujeito pronominal, Duarte (1995, p.43) propõe uma comparação entre os resultados encontrados para a amostra da fala de universitários com os encontrados em um material proveniente de duas horas de gravação de entrevistas de rádio e de duas entrevistas veiculadas pela TV.

Duarte (1995, p.125) conclui que o sujeito nulo deixa, pois, de ser obrigatório para ser opcional, não havendo mais uma relação direta entre flexão distintiva e sujeito nulo. Prova disso é, de um lado, a perda significativa da realização do sujeito nulo na 1ª pessoa do singular e, de outro, o percentual superior na 3ª pessoa.

Os resultados da análise variacionista empreendida pela autora revelam que o PB perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo *pro-drop* por força do enfraquecimento da flexão, responsável pela identificação da categoria vazia do sujeito em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente “rica” para tal processo, confirmando a hipótese de Roberts (1993a *apud* Duarte, 1995). Essa perda, entretanto, não se reflete no uso da língua como uma mudança contínua (DUARTE, 1995, p.139).

Duarte (1995) revela que o PB atual convive com um sistema agonizante, em que ainda se refletem as características *pro-drop* e um sistema em desenvolvimento. Segundo a autora, os contextos em que a mudança se revela mais prontamente são a 2ª pessoa, por onde se iniciou a redução do paradigma flexional, e a 1ª pessoa, que depende mais fortemente da flexão. Resiste mais bravamente a 3ª pessoa, que conta com o “reforço” de um SN antecedente no processo de identificação do sujeito nulo (p.139). Duarte (1995, p.140) menciona que, à medida que a mudança progride, mais aumenta a distância entre a língua oral e a escrita.

Duarte (1995, p.63) analisa também os tempos verbais. O pretérito perfeito aparece como o tempo verbal que mais favorece o sujeito nulo (39%), seguido do pretérito imperfeito (27%) e do presente (26%). Os tempos do subjuntivo foram os que mostraram índices ainda mais baixos de ocorrências de sujeitos nulos (20%).

Entre os fatores sociais analisados por Duarte (1995, p.56,57) está o sexo do falante. A fala masculina apresenta 34% de ocorrências de sujeitos nulos e as mulheres aparecem com 25%. Outro fator social analisado pela autora é a faixa etária do falante. Conforme menciona Duarte (1995, p.55), a análise leva em consideração a pessoa gramatical e faixa etária dos informantes, que se dá pela divisão em 03 (três) grupos que as situam, a saber: Grupo 1 com a faixa etária mais alta (de 59 a 74 anos), Grupo 2 com um grupo intermediário (entre 45 e 53 anos) e o Grupo 3 formado pelos mais jovens (entre 25 e 32 anos).

Segundo Duarte (1995, p.55), os percentuais mais baixos de sujeitos nulos ocorrem na 2ª pessoa, com o Grupo 1 com 20% de sujeitos nulos, seguido pelos Grupos 2 e 3, com 6% e 8%, respectivamente. A seguir, aparece a 1ª pessoa com 33% de ocorrências para o Grupo 1 e 21% para os Grupos 2 e 3. Finalmente, a 3ª pessoa, com os índices mais altos de sujeitos nulos (50%, 35% e 29%). De acordo com Duarte (1995, p.57), o sexo e a idade dos entrevistados são, portanto, fatores importantes na implementação da mudança em foco.

Como se vê, há diferentes teorias a respeito da expressão do sujeito pronominal. Contudo, não é objetivo deste trabalho discutir outras teorias que abordaram a expressão do sujeito pronominal, mas sim fazê-las conhecidas em caráter de revisão de literatura linguística dedicada ao estudo deste fenômeno.

De ambas as pesquisas, tomamos o cuidado de acolher a possibilidade de cotejo entre alguns

fatores que nos pareceram interessantes, sem deixar se perder o foco da nossa pesquisa que repousa sob o viés da sociolinguística variacionista.

Da pesquisa de Paredes Silva (1988), acolhemos a possibilidade de cotejo entre alguns fatores sociais e linguísticos, uma vez que o trabalho desta autora leva em consideração os dados do uso da língua e o faz em uma abordagem também discursiva, tal como nos propomos na nossa pesquisa. A autora deixa claro o foco da sua pesquisa na modalidade de língua escrita. Embora a autora contemple o caráter informal dessa modalidade de língua (no caso, a escrita de cartas pessoais), acaba se distanciando um pouco da modalidade de língua a qual nos baseamos, que é a língua falada.

Do trabalho desenvolvido por Duarte (1995), acolhemos a possibilidade de comparação para alguns fatores sociais explorados pela autora para os seus dados provenientes da modalidade de língua oral do PB. É importante enfatizar que a modalidade de língua oral explorada por Duarte também consiste na modalidade de língua que utilizamos, porém, deixamos claro que o foco do trabalho de Duarte explorou também a comparação do fenômeno expressão do sujeito em outras línguas pela comparação dos Princípios e Parâmetros (P&P) da Teoria Gerativa e, por conta disso, distancia-se do nosso objetivo, já que não estamos trabalhando dentro de uma perspectiva da sociolinguística paramétrica (que permite a comparação entre línguas no que diz respeito a Princípios & Parâmetros) tal como realizado por Duarte (1995).

Limitamo-nos a lidar com dados sincrônicos, com o intuito de analisar a variabilidade das duas formas de expressão do sujeito pronominal, identificando os contextos e os fatores que influenciam o emprego de uma ou outra forma, visando a ampliar a compreensão dos condicionamentos para a escolha das variantes.

1.3-OUTROS ESTUDOS SOBRE A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NO PB

Conforme visto na sessão anterior, além dos trabalhos de Paredes Silva (1988) e Duarte (1995), as diferentes formas de manifestação do sujeito pronominal no PB também foram tema de outros estudos realizados em outras variedades do PB, a saber: NUNES (2000) investiga o preenchimento do sujeito pronominal na comunidade de João Pessoa, estado da Paraíba (PB); FERREIRA (2003) analisa a variação do pronome sujeito na fala da

comunidade Kalunga, reconhecida como remanescente de quilombo e situada no norte do estado de Goiás (GO) e LIRA (1988), de modo semelhante a Paredes Silva e Duarte, investiga o sujeito pronominal na comunidade do Rio de Janeiro, entretanto o faz na fala e na escrita.

Os trabalhos feitos por NUNES (2000) e FERREIRA (2003) são dissertações de mestrado inspiradas na tese de doutorado de DUARTE (1995), de orientação formalista, melhor dizendo, da sociolinguística paramétrica.

O trabalho de LIRA (1988) consiste em um artigo, no qual a autora discute o uso do sujeito pronominal na fala e na escrita, tendo como orientação teórica adotada no artigo a sociolinguística laboviana.

Todos esses estudos abordam o uso do sujeito pronominal nas três pessoas gramaticais e, além disso, contribuem para uma melhor compreensão sobre o uso do sujeito pronominal em outras variedades do PB.

Nunes (2000) desenvolve um estudo sobre o apagamento *versus* preenchimento do sujeito na fala da comunidade de João Pessoa, na Paraíba (PB), sob a perspectiva do modelo de análise variacionista. Fundamentado nos estudos labovianos, o principal objetivo da pesquisa foi o de descrever esse aspecto do português do Brasil, observando o papel dos fatores linguísticos e extralinguísticos intervenientes no processo de variação. A partir da análise dos dados, a autora procurou seguir um caminho que possibilitasse identificar os contextos que mais favoreceriam o preenchimento do sujeito. A autora verificou que, dos 2.943 dados analisados, houve preenchimento do sujeito em 70%, tendo sido condicionadores relevantes os seguintes grupos linguísticos e extralinguísticos, selecionados pelo programa IVARB: *pessoa do discurso, tempo verbal, tipo sintático da oração e faixa etária*.

A pesquisa da autora (p.28) contempla as pessoas do discurso representadas pelos pronomes eu, tu, (você), ele (ela), nós, eles e elas. Nunes (2000, p.74) menciona que na fala da comunidade de João Pessoa há preenchimento na 2ª pessoa do singular – **você** (frequência 79% e peso relativo. 63). A 1ª pessoa, tanto do singular (**eu**) quanto do plural (**nós**), também favorecem ao preenchimento do sujeito na fala pessoense, com frequências de 76% e 74% e

pesos relativos .57 e .55, respectivamente.

Dos tempos verbais analisados pela autora (p.72), o que mais favorece ao preenchimento do sujeito é o pretérito imperfeito do indicativo (frequência 73% e peso relativo. 57), seguido do pretérito perfeito (frequência 72% e peso relativo. 52) e do presente (frequência 70% e peso relativo.51). Já os tempos do modo subjuntivo favorecem por sua vez ao sujeito pronominal nulo.

Com relação ao tipo sintático da oração, Nunes acolhe as orações principais, as absolutas e as subordinadas. As orações coordenadas não foram consideradas no estudo (p.29). Para o tipo sintático de oração, Nunes (2000, p.72) verificou que o grupo “outras” (segundo a classificação da autora são as orações iniciadas por diferentes conjunções ou locuções conjuntivas) são as que favorecem o preenchimento do sujeito pronominal com frequência 80% e peso relativo .73.

Na pesquisa da autora (p.46), a faixa etária contempla 60 (sessenta) informantes, que compreendem as 03 (três) faixas, a saber: dos 15 aos 25 anos; de 26 a 49 anos; mais de 50 anos. Acerca da faixa etária, na comunidade pessoense, o falante mais velho é o favorecedor (frequência 78% e peso relativo .58) ao fator preenchimento do sujeito pronominal na fala – em oposição aos adultos e jovens que aparecem como os desfavorecidos (p.72).

Portanto, também na fala de João Pessoa, há predomínio do preenchimento do sujeito pronominal, o que vem ratificar os resultados apresentados no trabalho de Duarte (1992), que serviu de instrumento para o estudo comparativo de Nunes (2000).

Ferreira (2003) apresenta uma investigação empírica detalhada do sujeito pronominal, assumindo os pressupostos teóricos da sociolinguística quantitativa, numa amostra de língua espontânea da comunidade Kalunga. Segundo a autora, os dados receberam tratamento estatístico dentro do programa VARBRUL, que realizou uma projeção do efeito dos contextos linguísticos que condicionam a escolha da forma plena ou nula do pronome sujeito. O estudo de Ferreira (2003) adotou o recorte teórico da Teoria Gerativa, entretanto, sem abandonar a abordagem de aspectos funcionais que interferem na escolha da forma pronominal plena ou nula. A análise dos resultados sobre o comportamento do pronome sujeito na variedade rural Kalunga foi feito à luz de estudo empírico sobre a perda do princípio “*evite pronome*” no português brasileiro realizado na amostra urbana do Rio de

Janeiro (Duarte, 1995) e, em especial, evidenciou que a variação pronominal é influenciada por fatores linguísticos de natureza sintática e funcional. É importante frisar que a autora não investigou nos dados nenhum grupo de fatores sociais, apenas os grupos de fatores linguísticos, a saber: *pessoa do discurso*, *tipo de oração*, *elemento à esquerda do sujeito*, *traço humano do referente de 3ª pessoa*, *morfema de pessoa*, *tempo verbal*, *mudança de referência*. Com relação aos fatores linguísticos analisados por Ferreira (2003, p.74,75), para a pessoa do discurso, o efeito mais forte ao favorecimento da forma pronominal foi **a gente** com peso relativo .77 e frequência de 87%. Sobre o tipo de oração, a adverbial anteposta (frequência 77% e peso relativo .72) e as relativas (frequência 96% e peso relativo. 89) mostraram-se favorecedoras ao pronome pleno (p.101).

A investigação da manutenção/mudança de referência realizada por Ferreira (2003, p.67) teve por objetivo verificar a hipótese funcional de que a mudança de referência favorece o preenchimento pronominal e a conservação da referência favorece o sujeito nulo. Isso se comprova pelos resultados apresentados pela autora (p.102), onde a manutenção apresentou frequência 42% e peso relativo. 38 e a mudança de referência, frequência de 68% e peso relativo .65.

A respeito da comparação entre a variedade rural Kalunga, proposta por Ferreira (2003), e a variedade urbana do Rio de Janeiro (Duarte, 1995), a autora afirma que serviu para mostrar que o comportamento do pronome sujeito é semelhante em ambas as variedades, embora a história social da comunidade Kalunga seja distinta da história social da comunidade urbana do Rio de Janeiro.

Com o propósito de cotejar a língua escrita (LE) com língua falada (LF) em relação ao comportamento variável do sujeito pronominal no PB, no artigo intitulado *O sujeito pronominal no português falado e escrito*, publicado na *Revista Ilha do Desterro*, Lira (1988) realiza um estudo preliminar no qual lança mão de um *corpus* formado por cartas familiares, direcionadas a ela, redigidas por quatro pessoas e de outro *corpus* constituído de entrevistas, feitas por ela, com cinco pessoas. Todos os informantes são do sexo feminino, naturais do Rio de Janeiro e pertencentes à classe média alta.

Os resultados desse trabalho de Lira confirmam a sua hipótese inicial de que a frequência de preenchimento do sujeito pronominal na língua escrita é menor do que na língua falada. Para

ilustrar, a autora expõe a tabela 1:

Tabela 1- Frequência dos sujeitos pronominais e zero na língua falada e escrita

SUJEITO	FALADA		ESCRITA	
	OC	%	OC	%
PRONOMINAL	884	58	86	22
ZERO	631	42	314	78
TOTAL	1.515		400	

FONTE: adaptada de LIRA, 1988, p.33

Neste artigo, Lira apresenta os resultados para o preenchimento do sujeito pronominal com referência específica e generalizada nas línguas escrita e falada, levando em consideração as pessoas do discurso e fatores linguísticos (tipo de oração, informação nova e informação não-nova e referentes da oração). Os fatores linguísticos selecionados para a análise desses dados iniciais foram aqueles que, em seu trabalho anterior (Lira, 1982, *apud* Lira, 1988, p. 34), maior influência exerceram sobre a frequência da representação dos sujeitos pronominais. Os resultados obtidos para essa frequência a partir de tais fatores são:

1. Pessoa do discurso – O preenchimento do sujeito pronominal da 2.^a pessoa é o mais frequente tanto na modalidade escrita (59%) como na falada (76%). O comportamento da 1.^a pessoa manifesta-se inverso nas duas modalidades: na língua escrita predomina o não-preenchimento (85%) e na língua falada destaca-se o preenchimento (65%).

2. Tipos de oração –. As que mostraram resultados mais significativos foram: a oração coordenada, a qual se revelou fator inibidor do preenchimento; a oração relativa, que apresentou preenchimento de (91%).

3. Informação nova e não-nova – Os resultados revelam que este grupo de fator não favorece o preenchimento. Contudo, a autora conclui ser necessária uma análise mais qualitativa para poder obter uma hipótese mais consistente.

4. Referente da oração examinada mesmo ou diferente do da oração anterior- Este grupo de fatores desempenha igual influência nas duas modalidades: caso o referente seja o mesmo, inibe o preenchimento do sujeito pronominal; caso seja diferente, favorece a frequência do preenchimento.

Nas tabelas 2 e 3 adiante, temos os resultados comparativos para a expressão do sujeito pronominal, conforme os trabalhos mencionados e suas respectivas localidades.

Na tabela 2, incluem-se os resultados para o sujeito pronominal na modalidade de língua falada, conforme as localidades de Vitória/ES e Duarte (1995) no Rio de Janeiro. Os outros dados apresentados são oriundos das pesquisas de Nunes (2000), na cidade de João Pessoa (PB); Ferreira (2003), na comunidade Kalunga (GO) e Lira (1988), também na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

Na tabela 3, incluem-se os resultados para o sujeito pronominal na modalidade de língua escrita. Nessa tabela, os resultados referem-se aos trabalhos de PAREDES SILVA (1988) e LIRA (1988).

A justificativa que apresento aqui para duas tabelas distintas, uma com os dados de língua escrita e outra com língua falada, é pelo fato de que tais modalidades são de natureza linguística distintas, entretanto, ambas as modalidades convergem para a compreensão da expansão do uso do sujeito pronominal preenchido tanto na fala quanto na escrita.

Sobre as estratégias de uso do sujeito pronominal, embora sejam empregadas como formas variantes, há algumas distinções no que se refere às variantes analisadas pelos pesquisadores devido à questão de orientação teórica adotada por cada um.

Tabela 2: Distribuição da expressão do sujeito pronominal na modalidade de língua falada

CIDADE	SUJEITO PLENO	SUJEITO NULO
	%	%
Vitória (ES) (GENUINO, 2017) - entrevista-(língua falada)	70,9	29,1
João Pessoa (PB) (NUNES, 2000) –entrevista – (língua falada)	70,0	30,0
Comunidade Kalunga (GO) (FERREIRA 2003)- entrevista (língua falada)	59,0	41,0
Rio de Janeiro (RJ) (LIRA 1988)- entrevista- (língua falada)	58,0	42,0
Rio de Janeiro (RJ) (DUARTE, 1995)- entrevista- (língua falada)	71,0	29,0

Diante do exposto na tabela 2, verificamos entre as localidades o comportamento referente ao uso do sujeito pronominal na língua falada em diferentes localidades. É importante compararmos pesquisas já realizadas acerca desse fenômeno.

Na variedade de Vitória/ES, o sujeito expesso apresenta 70,9% de frequência de uso. Esse percentual assemelha-se aos índices encontrados em estudos relativos a cidades como João Pessoa, 70% (NUNES, 2000); e Rio de Janeiro, 71% (DUARTE, 1995). Distanciam-se um pouco desses percentuais, entretanto, ainda apresentando taxas não tão baixas, os resultados encontrados em Kalunga, 59% (FERREIRA, 2003) e no Rio de Janeiro em língua falada com 58% (LIRA, 1988).

Vejamos uma comparação dos dados apresentados na tabela 2 através do gráfico 1.

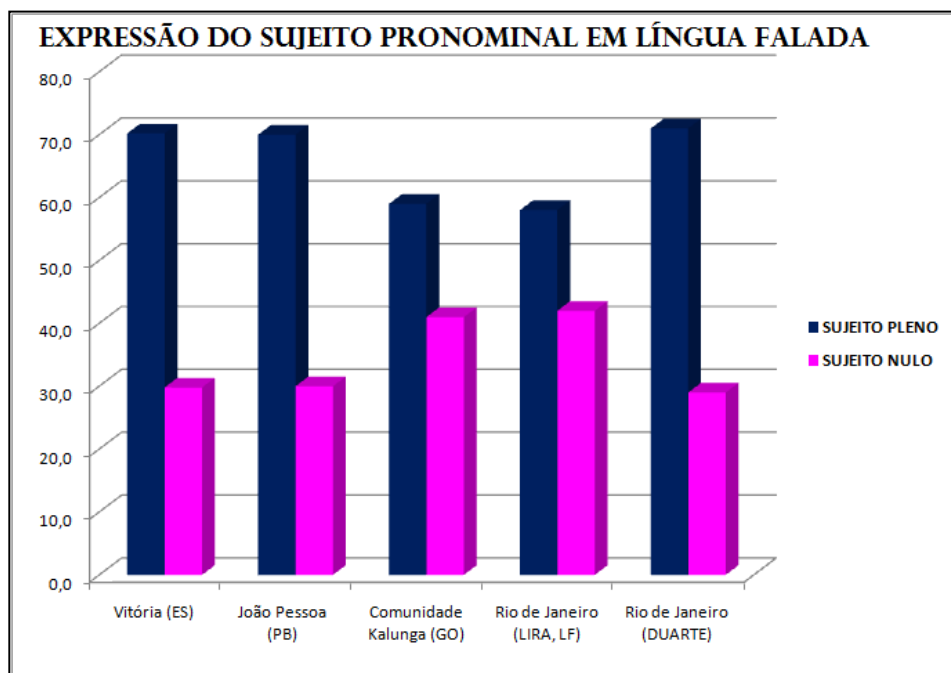


Gráfico 1 - Distribuição da expressão do sujeito pronominal na modalidade de língua falada

É interessante observar que o preenchimento do sujeito pronominal em língua falada já se realiza de maneira bastante ampla, visto que, conforme aponta o gráfico, as maiores taxas referem-se ao uso do sujeito pronominal pleno.

Na tabela 3, ainda que as taxas não sejam altas como as demonstradas na expressão do sujeito pronominal em língua falada, a língua escrita aponta também para um aumento

significativo do uso do sujeito pleno.

Paredes Silva (1988) na sua tese de doutorado, não apresenta a taxa geral para sujeitos nulos e sujeitos plenos. A autora analisa a expressão do sujeito pronominal em língua escrita e o faz separadamente para as 03 (três) pessoas do discurso, conforme apresento nos valores da tabela 3. Com exceção da 1ª pessoa, que apresentou apenas 23% de sujeitos plenos, é importante esclarecer que em modalidade de língua escrita, espera-se que ocorram taxas menores para sujeitos plenos, tal como constatado por Lira (1988), que também apresentou taxas baixas para sujeito pleno em língua escrita. Em contrapartida, as taxas para sujeito pleno por Lira (1988) em língua falada, equiparam-se às demais taxas dos resultados apresentados pelos pesquisadores mencionados na tabela 2.

Tabela 3: Distribuição da expressão do sujeito pronominal na modalidade de língua escrita

CIDADE	SUJEITO PLENO	SUJEITO NULO
	%	%
Rio de Janeiro (RJ) (LIRA, 1988) – cartas familiares- (língua escrita)	22,0	78,0
Rio de Janeiro (RJ) (PAREDES DA SILVA, 1988) - cartas pessoais- (língua escrita)	23,0 (1ª pessoa) 70,0 (2ª pessoa) 50,0 (3ª pessoa)	77,0 (1ª pessoa) 30,0 (2ª pessoa) 50,0 (3ª pessoa)

Vejamos uma comparação dos dados apresentados na tabela 3 através do gráfico 2.

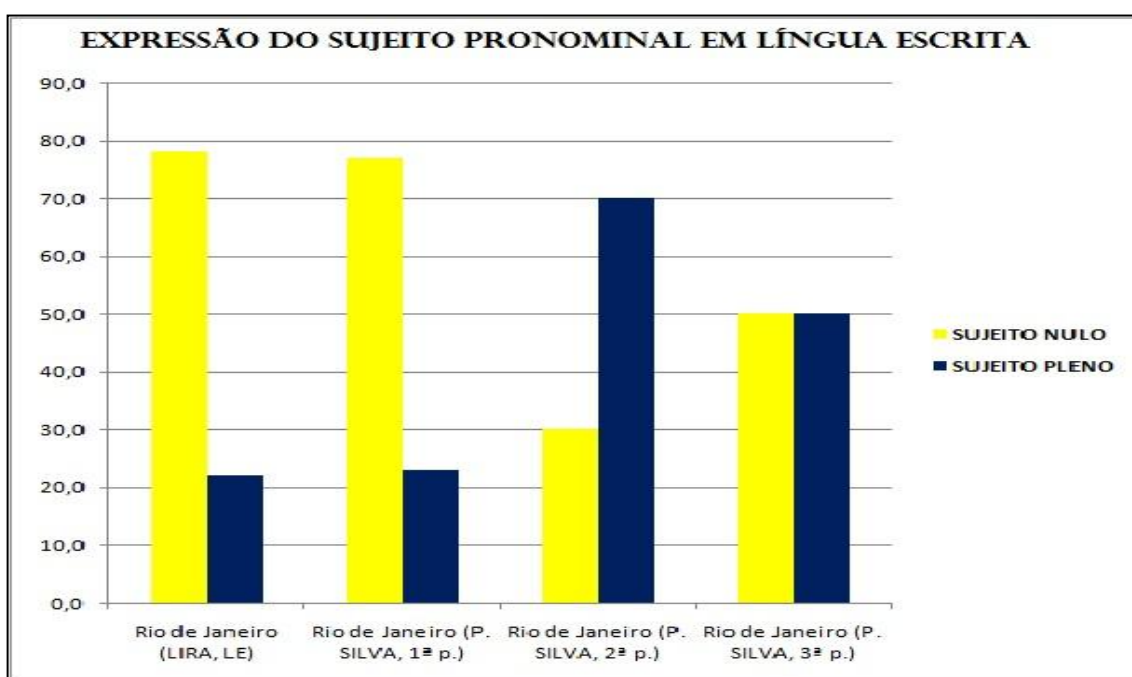


Gráfico 2 - Distribuição da expressão do sujeito pronominal na modalidade de língua escrita

É interessante observar que, com exceção do trabalho de Lira (1988), a análise da variação do sujeito pronominal nas pessoas do discurso feitas por Paredes Silva (1988), os percentuais demonstrados comprovam aumento do preenchimento do sujeito pronominal. Em Paredes Silva (1988), a 1ª pessoa ainda resiste ao uso do sujeito preenchido e a 3ª pessoa mostra um comportamento indiferente, visto que apresenta 50% de frequência de uso tanto para as formas plenas e nulas.

Desse modo, parece-nos que a modalidade de língua utilizada parece ser um fator muito importante para se analisar o uso do sujeito pronominal.

Além disso, nota-se que no Brasil há uma grande proximidade com relação ao uso do sujeito pleno nas localidades investigadas.

Em linhas gerais, mesmo que os resultados não contemplem toda a imensidão do território brasileiro, pode-se dizer, com base nos estudos apresentados, que há proximidade na distribuição dos valores apresentados para o sujeito pleno. Os dados apresentados também evidenciam e atestam a alta produtividade para a presença do sujeito pronominal.

CAPÍTULO II - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos as diretrizes teóricas e metodológicas que orientam esta pesquisa.

Primeiramente, descrevemos as principais características da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, modelo teórico responsável pelo estudo sistemático da variação linguística, no qual buscamos suporte para a investigação de um fenômeno variável.

Em seguida, retratamos a cidade de Vitória/ES, apontando algumas das suas características históricas e etnográficas, visando destacar o contexto social no qual se insere a nossa pesquisa. Aproveitamos também para apresentar o banco de dados do projeto *PortVix - O Português Falado na Cidade de Vitória*, que serviu de base a este estudo, mostrando, assim, o perfil social dos falantes de nossa amostra. Por fim, discorremos sobre a metodologia adotada em nossa investigação, descrevendo os métodos utilizados para a coleta dos dados, a delimitação do *corpus* e os procedimentos para a realização da análise quantitativa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa baseia-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação e da Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008[1972]).

A Teoria da Variação e da Mudança Linguística norteia-se pelo pressuposto de que o objeto de estudo da Linguística é a língua em seu uso efetivo, considerada em sua heterogeneidade, que é passível de sistematização (LABOV 2008 [1972]).

É por conta disso que a Teoria da Variação e da Mudança Linguística diverge das teorias estruturalista e gerativista (YACOVENCO, 2002, p.103). Em outras palavras, dentro da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, ao se estudar a língua em uso, há o reconhecimento da variação como inerente ao próprio sistema linguístico, sendo a mudança resultado de um uso variável.

Sabe-se que a língua que falamos nos coloca à disposição diferentes formas para expressar os

mesmos significados, sem perder sua sistematicidade ou seu poder como instrumento de comunicação (COELHO *et al*, 2013, p.55). Em uma língua, não existe apenas uma forma para cada significado, o que existe são *variantes*, um conjunto de opções do qual retiramos as formas que empregamos ao falar e ao escrever. Essa escolha, contudo, não é aleatória: há motivações sociais, linguísticas e discursivo-pragmáticas nos guiando no constante processo de variação linguística.

Um dos interesses de estudo dos sociolinguistas é a variação, que envolve a coexistência de formas para a expressão de um significado, mas há o interesse também pela mudança linguística, uma vez que a variação é inerente à língua, não existe mudança sem variação, apesar de poder existir variação sem mudança. Esse consiste em um dos princípios que regem a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, conforme mencionam (LABOV, HERZOG, WEINREICH, 2006[1968] p. 125-126) “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.”

Para entender melhor os pressupostos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, é preciso contextualizar, em termos gerais, os estudos da linguagem do século XIX e do início do século XX.

Para tanto, falaremos sucintamente dos estudos histórico-comparativos dos neogramáticos, para em seguida tratarmos das perspectivas do estruturalismo de Ferdinand de Saussure e do gerativismo de Noam Chomsky.

Conforme explicitam Coelho *et al* (2013, p56), os estudos linguísticos no século XIX foram marcados por duas grandes tradições: a do método comparativo e a dos neogramáticos. Na tradição neogramática, consolidada principalmente na obra de Hermann Paul, encontram-se pressupostos de uma teoria da mudança que teve grande impacto nas discussões linguísticas posteriores. A hipótese principal de Paul sobre a mudança leva em consideração a língua de um falante-ouvinte individual (o idioleto), uma realidade fundamentalmente psicológica, homogênea, dissociada das relações sociais. É aos neogramáticos que se atribui o princípio de *regularidade mecânica* e a *noção de analogia*, vigentes ainda hoje nos estudos linguísticos.

Já no início do século XX, F. de Saussure, fundador da Linguística Moderna, rompe com a tradição dos estudos linguísticos e comparativos vigentes no século anterior e delimita como objeto de estudo da Linguística a língua (*langue*) tomada em si mesma, vista como um

sistema de signos que estabelecem relações entre si, formando uma estrutura autônoma, desvinculada de fatores externos sociais e históricos. O foco na mudança, que era uma preocupação do século XIX, é desviado para um recorte no tempo em que interessam prioritariamente as relações internas estabelecidas simultaneamente entre os elementos do sistema linguístico. Desta forma, a perspectiva diacrônica (histórica e dinâmica) no estudo da língua cede lugar à sincrônica (atemporal e estática) (COELHO *ET AL*, 2013, p.56).

Segundo Coelho *et al* (2013, p.56), nos Estados Unidos, a visão estruturalista cedeu espaço na década de 1960 ao gerativismo, fundado por Noam Chomsky. Para essa corrente, uma língua é um sistema abstrato de regras para a formação de sentenças, derivado do estado inicial da faculdade da linguagem, um componente inato à espécie humana.

Assim como o estruturalismo, o gerativismo considerava a língua um sistema homogêneo, desvinculado de fatores históricos e sociais. O objeto da Linguística para Chomsky e os gerativistas não era a fala dos indivíduos, mas as intuições do pesquisador acerca da língua e seus julgamentos sobre a gramaticalidade das frases. Nessa perspectiva, o indivíduo é tido como um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade de fala homogênea e abstrata. Tanto a abordagem neogramática como a estruturalista e a gerativista concebiam seu objeto de estudo como uma entidade homogênea.

Havia, porém, pesquisadores que, diferentemente de Paul, Saussure e Chomsky, postulavam uma concepção efetivamente social da língua. Antoine Meillet foi um desses pesquisadores que, na passagem do século XIX para o XX, enfatizava o caráter social e evolutivo da língua (COELHO *ET AL*, 2013.p.57).

Para Meillet, a língua é um fato social, devendo-se, portanto, recorrer ao domínio social para a compreensão da dinâmica linguística. Assim, do ponto de vista de Meillet, toda e qualquer variação na língua é motivada estritamente por fatores sociais.

Em meio à diversidade de orientações teóricas, aconteceu, em 1966, nos Estados Unidos, o simpósio “*Direções para a Linguística Histórica*”, com destaque para um debate proposto por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, no qual se resgatou a discussão sobre os estudos da mudança linguística e, principalmente, sobre suas motivações sociais (COELHO *ET AL*, 2013.p.57).

Quanto à tradição neogramática, Weinreich, Labov e Herzog criticam principalmente a

natureza psicológica, homogênea e associal do idioleto, bem como a premissa de que é nesse domínio que se dá a mudança. Da proposta dos neogramáticos, esses autores acolhem apenas a noção de que a mudança é regular.

Com relação à Saussure, Weinreich, Labov e Herzog criticam principalmente a visão de língua como uma estrutura autônoma e homogênea, desvinculada de fatores externos. Criticam, também, a separação entre diacronia e sincronia. Da proposta saussureana, os autores assumem a noção de língua como sistema. Quanto à proposta chomskyana, Weinrich, Labov e Herzog criticam a concepção de língua como sistema homogêneo, desvinculado de fatores históricos e sociais, assim como a noção de comunidade de fala abstrata, homogênea, composta por falantes-ouvintes ideais. Da mesma forma, os autores criticam o fazer científico com base em dados linguísticos correspondentes às intuições do pesquisador e/ou dos falantes, mas compartilham o postulado de que a língua é um sistema abstrato de regras (COELHO *ET AL*, 2013, p.58).

É importante ressaltar que atualmente, houve uma mudança no escopo teórico dos gerativistas, a qual envolve na sua abordagem a ampliação para o discurso. Essa mudança ocorreu durante a década de 1980, quando a noção de parâmetros ainda estava “em plena infância”, como diz Tarallo (1987:52), e, segundo ele, num momento em que a teoria gerativa, preocupada com a busca de princípios universais, não se interessava pela mudança linguística. O autor menciona que poderia ser considerado natural o espanto diante da tentativa de utilizar uma teoria centrada na “competência” linguística para analisar os dados da língua-E, que é a “performance” dos indivíduos de uma comunidade de fala, para extrair dali evidências de mudança paramétrica em curso.

Esclarece Duarte (2015) que a crítica mais veemente veio de Borges Neto, em 1988 e publicada em 2004, sobre a incomensurabilidade dos dois modelos teóricos – a Teoria da Variação e da Mudança – cujo pressuposto básico era a variação inerente ao sistema, interessada nos dados reais –, e a Teoria Gerativa – interessada no que era invariável no sistema e centrada no conhecimento do falante. A autora menciona que tal incomensurabilidade tinha certa razão de ser e que poderia ser considerado até mesmo uma heresia. Duarte comenta que as críticas no período citado questionavam sobre a dificuldade de se compatibilizar teorias com objetos de interesse e pressupostos teóricos tão distintos: dados empíricos de um lado e a busca da arquitetura da gramática universal de outro.

De acordo com Duarte (2015), só a partir do interesse de formalistas pela aquisição da linguagem e pela mudança diacrônica é que a Teoria Gerativa se voltaria para os dados da Língua-E, tanto aqueles fornecidos pelas crianças em fase de aquisição como os que vinham de textos escritos em outras épocas, e, mais que isso, para a necessidade de lidar com evidências empíricas robustas.

É importante esclarecer que essas mudanças são posteriores ao texto de Weinrich, Labov e Herzog. Feitas as devidas considerações a respeito da mudança do escopo dos gerativistas, é importante salientar que Weinreich, Labov e Herzog retomam as contribuições de estudiosos que viam a língua como fenômeno social. Como herança de Meillet, volta a ganhar força a noção de língua como fato social dinâmico, cuja variação é explicada por forças externas ao sistema.

A variação, de acordo com a Sociolinguística Variacionista, é uma característica inerente ao sistema linguístico, passível de descrição e explicação mediante a correlação do fenômeno variável aos fatores sociais e linguísticos que o motivam e o controlam, pois “a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e interpretação do comportamento linguístico” (ALKMIM, 2008, p. 42). Nesta perspectiva, verifica-se que a variação linguística é um fenômeno regular.

Por ser um fenômeno regular, a variação requer o processo de sistematização que somente é possível de ser realizado através de análise quantitativa. É por conta disso que também é comum dentro do universo sociolinguístico o uso da nomenclatura *Sociolinguística Quantitativa* para se referir à sociolinguística que é ao mesmo tempo *Variacionista* e ao mesmo tempo *Teoria da Variação e da Mudança Linguística*, uma vez que é a análise quantitativa que trabalha com dados extraídos do uso dos falantes e possibilita que se sistematize a variação. A realização de análises quantitativas no âmbito da Sociolinguística Variacionista é de extrema relevância, pois:

[...] possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. A variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos (GUY e ZILLES, 2007, p. 73).

A Sociolinguística Variacionista, que se firmou nos Estados Unidos na década de 1960, liderada pelo linguista William Labov, segundo Cezário e Votre (2011, p. 141-142):

Possui uma metodologia bem delimitada que fornece ao pesquisador ferramentas para estabelecer variáveis, para coleta e codificação de dados, bem como instrumentos computacionais para definir e analisar o fenômeno variável que se quer estudar.

Assim, os pressupostos teóricos utilizados pela abordagem variacionista permitem identificar regularidade e sistematicidade na comunicação cotidiana, uma vez que a língua é uma instituição social e, como tal, não deve ser estudada sem levar em conta o contexto social, pois “somente quando se atribui significado social a tais variações é que elas são imitadas e começam a desempenhar um papel na língua”. (LABOV, 2008, [1972], p. 43).

Dito de outra maneira, um estudo variacionista requer a compreensão da língua em uso por uma comunidade de fala, considerando os fatores condicionantes que circundam o fenômeno linguístico investigado, pois a “base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social” (LABOV, 2008, [1972], p.13).

Cabe-nos esclarecer o conceito de comunidade de fala para que possamos prosseguir na compreensão da fundamentação teórica proposta. É o que faremos adiante.

De um lugar para outro do Brasil, pode-se perceber ampla variedade no português falado. Contudo, o falante nativo dessa língua está apto a compreender um interlocutor de uma região diferente da sua, mesmo que às vezes ocorram dificuldades na comunicação pela presença de um item lexical ou de expressões incomuns para ele.

Sendo produto de um comportamento social e cultural imbricado, a língua sofre variações de acordo com o meio em que está inserida. Da mesma forma, há variações que podem ser atestadas por qualquer observador mais atento que está deslocado de sua região de origem. Vale frisar que os indivíduos podem utilizar variantes de acordo com o contato com os seus pares, assemelhando a sua fala com as dos outros membros de uma mesma comunidade.

Devido a essa diversidade e à heterogeneidade da língua, Tarallo (2007[1985]) expõe que a Teoria Sociolinguística tem por objetivo analisar e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala.

Em outras palavras, essa teoria pretende correlacionar aspectos de língua e de sociedade, identificando os grupos de falantes que possuem características linguísticas em comum. É por isso que, para a Sociolinguística, a comunidade de fala – e não o indivíduo – é a unidade de estudo.

Segundo Scherre (2006), as principais concepções conceituais sobre comunidade de fala estão associadas a três paradigmas de estudos linguísticos: a *Linguística Estrutural*; a *Sociologia da Linguagem e Etnografia da Comunicação* e a *Sociolinguística Laboviana*.

Para este trabalho, o conceito de comunidade de fala que nos interessa e acolhemos é o da Sociolinguística Variacionista e tem em Labov um dos seus principais representantes.

Esclarece Scherre (2006) que os três grupos mencionados representam diferentes paradigmas teóricos e é inevitável que suas visões sobre a comunidade de fala sejam, ao mesmo tempo, conflitantes e complementares, visto que tratam da linguagem articulada e da organização da sociedade.

No âmbito da Linguística Estrutural, a definição de comunidade de fala requer a existência da mesma língua dentro da comunidade. De acordo com Bloomfield (1961: 29 *apud* Scherre, 2006), “um grupo de pessoas que usam o mesmo sistema de sinais de fala é uma comunidade de fala⁶”. Para Hockett (1958: 8 *apud* Scherre, 2006) “cada língua define uma comunidade de fala: todo o conjunto de pessoas que se comunicam entre si, direta e indiretamente através da linguagem comum”⁷. Bloomfield (1961: 42 *apud* Scherre, 2006) admite fatores sociais na definição de comunidade de fala mencionando interação quando afirma: “uma comunidade de fala é um grupo de pessoas que interagem por meio da fala, portanto, é o tipo mais importante de grupo social⁸”.

No entanto, como menciona Scherre (2006), a definição de Bloomfield (1961: 52) enfatiza a existência de uma única língua do ponto de vista formal e político, mas não em sua função comunicativa. Isso mostra mais uma vez que a existência de uma única língua - no sentido formal e/ou político do termo - é fundamental para a definição da comunidade de fala a partir da visão da

⁶ No original : “a group of people who use the same system of speech-signals is a speech-community”

⁷ No original: “each language defines a speech community: the whole set of people who communicate with each other, directly and indirectly, via the common language”

⁸ No original: “admits social factors into the definition of speech community by mentioning interaction when he states: “a speech-community is a group of people who interact by means of speech (.. .), therefore, is the most important kind of social group.”

linguística estrutural.

Gumperz, Hymes e Fishman, representantes da Sociologia da Linguagem e da Etnografia da Comunicação, partindo da abordagem estrutural, consideram que a presença de mais de uma língua não implica necessariamente a existência de mais de uma comunidade de fala. Numa das primeiras definições desse grupo, Gumperz (*apud* Scherre, 2006), afirma que “uma propriedade básica de definição das comunidades de fala é que elas não são definidas como comunidades daqueles que “falam a mesma língua”⁹”, mas, sim, como comunidades lançadas por densidade de comunicação e /ou integração simbólica (...) independentemente do número de línguas ou variedades empregadas¹⁰” (Fishman, 1971: 234). Gumperz, Hymes e Fishman assumem que a existência de pelo menos um sistema linguístico compartilhado é uma condição necessária, mas não suficiente, para a caracterização de uma comunidade de fala e introduzem um novo recurso comum em definições subsequentes, a saber, o conhecimento compartilhado das normas de uso e interpretação da língua.

Para Gumperz (2001: 43, 44, 1972: 463 *apud* Scherre, 2006), uma comunidade de fala é “qualquer agregado humano [monolíngue ou multilíngue] caracterizado pela interação regular e frequente por meio de um corpo compartilhado de sinais verbais”. “Independentemente das diferenças linguísticas entre elas, as variedades de fala empregadas em uma comunidade de fala formam um sistema porque estão relacionadas a um conjunto compartilhado de normas sociais¹¹”. As definições propostas por estes três estudiosos são consistentes com sua abordagem teórica, levando as normas sociais para o uso da linguagem como foco principal.

A definição de comunidade de fala de Labov (1989: 2, 1975: 120-121, 248 *apud* Scherre, 2006) inclui duas características envolvidas em tentativas anteriores, mas o linguista amplia seu escopo e, como resultado, muda o foco. Para as normas sociais compartilhadas do uso da linguagem, Labov (1975: 248) acrescenta “um conjunto de atitudes sociais em relação à linguagem¹²”. À noção de sistema linguístico, acrescenta o conceito de padrões abstratos de variação que refletem

⁹ No original : “ ‘a basic definitional property of speech communities is that they are not defined as communities of those who ‘speak the same language’”

¹⁰ No original: “... but, rather, as communities set off by density of communication or/and by symbolic integration (...) regardless of the number of languages or varieties employed”

¹¹ No original: “a speech community is “any [monolingual or multilingual] human aggregate characterized by regular and frequent interaction by means of a shared body of verbal signs.” (...) “Regardless of the linguistic differences among them, the speech varieties employed within a speech community form a system because they are related to a shared set of social norms.”

¹² No original: ““a set of social attitudes towards language.”

heterogeneidade ordenada.

Como vimos nas caracterizações sugeridas anteriormente, a definição de comunidade de fala dada por Labov é consistente com a orientação teórica do autor, a Teoria da Variação e da Mudança Linguística.

Ao apresentarmos as definições adotadas sobre a comunidade de fala, fazemo-nos devido à importância de se buscar um conceito de comunidade de fala que caiba no escopo da Sociolinguística, uma vez que os estudiosos da área deparam-se com a questão da intersecção de definições a respeito dessa noção, as quais abrangem diferentes olhares sobre esse objeto de estudo. Isso ocorre porque, segundo artigo publicado por Severo (2008), o conceito de comunidade de fala se articula em torno de aspectos sociais, psicológicos/identificatórios e linguísticos. Scherre (2006) amplia um pouco esses aspectos quando menciona aspectos políticos, formais, sociais e interacionais.

É importante ressaltar que de modo semelhante à Scherre (2006), Guy (2001) compactua da mesma definição adotada para comunidade de fala. Tanto Scherre, quanto Guy valem-se do conceito de comunidade de fala proposto por Labov. A conceituação desse objeto via processos linguísticos defendido por Guy (2001), é justamente o conceito de Labov, para quem uma comunidade de fala é formada por falantes que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros e partilham normas e atitudes diante do uso da linguagem. É importante frisar que esses três aspectos são considerados na busca e na formulação de um conceito para comunidade de fala.

Há grande debate sobre qual seria a melhor definição para comunidade de fala e, apesar das muitas divergências a respeito do assunto, há certo consenso de que os membros de uma mesma comunidade de fala devem compartilhar normas linguísticas, incluindo entendimento, valores e atitudes sobre as variedades da língua presentes nas trocas comunicativas.

Os estudos de Labov na ilha de Martha's Vineyard e na cidade de Nova Iorque foram pioneiros na análise da correlação entre as variações linguísticas e as diferenciações no âmbito social de uma comunidade. Em suas pesquisas, o linguista analisou casos de variação e demonstrou que ela é ordenada, padronizada e sistemática, e que os fatores sociais e linguísticos estão intimamente relacionados a essa variação e, por isso, devem ser considerados em uma análise que se disponha a entender os fatores condicionantes e

motivadores das mudanças e variações linguísticas, explicitando, assim, a relação intrínseca entre língua e sociedade.

A existência da variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida. [...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais (LABOV, 2008, [1972], p. 238).

Nesses termos, a gramática da comunidade de fala constitui o objeto de análise dessa abordagem teórica, pois “a língua é uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008, [1972], p. 215), e o fenômeno linguístico deve ser descrito e interpretado no contexto social da comunidade de fala onde os falantes compartilham as mesmas normas relativas ao uso da língua.

Nesse aspecto, a observação do uso da língua dentro da comunidade de fala revela que a mudança envolve circunstâncias linguísticas e motivações sociais, uma vez que “nem todas as mudanças são altamente estruturadas e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos [...]” (LABOV, 2008, [1972], p.20).

A mudança linguística, segundo essa corrente, resulta de um quadro de variação entre as formas até que a variante inovadora vá, aos poucos, ocupando o lugar da mais antiga. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 122) “a mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta”.

Todavia, nem sempre a alternância de formas corresponde a um processo de mudança linguística, mas pode figurar como um caso de variação entre as formas variantes, sem que uma delas venha a desaparecer.

Dessa forma, este trabalho visa a contribuir para o melhor entendimento de fenômenos linguísticos variáveis ao situar a ocorrência da variação linguística relativa ao uso da expressão do sujeito pronominal no português falado na cidade Vitória. Possibilita, também,

a comparação dos resultados encontrados com os de outros estudos que analisam o mesmo fenômeno em outras localidades, evidenciando, assim, o comportamento do capixaba em relação a esse aspecto linguístico.

Além disso, conforme salientam Yacovenco *et al* (2012), a variedade linguística capixaba é um fenômeno sobre o qual não se tem grande conhecimento, de forma que este estudo contribui para explicitar a fala capixaba no tocante à expressão do sujeito pronominal.

Conforme visto nesta seção, a investigação sociolinguística volta-se ao estudo da língua em uso em uma dada comunidade de fala. Ao trabalhar o conceito de comunidade de fala, a Sociolinguística Variacionista busca analisar as características compartilhadas por um grupo de falantes, com vistas a relacionar os fatores que estariam atuando na variação e/ou na mudança linguística.

Para Labov (2008 [1972], p.150):

(...) A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (...)

Nesses termos, comunidade de fala refere-se a um conjunto de pessoas que compartilham as mesmas normas com relação aos usos linguísticos. Nas palavras de Labov, corresponde a um conjunto de atitudes sociais em relação à língua.

Na próxima seção apresentamos Vitória/ES, local escolhido para a realização da pesquisa, e uma breve descrição sobre a constituição do *corpus* utilizado.

VITÓRIA: ILHA DO MEL

Vitória¹³ é a capital do estado do Espírito Santo e uma das três ilhas-capitais do Brasil (as outras são Florianópolis e São Luís).

Fundada oficialmente em 08 de setembro de 1551, a cidade de Vitória¹⁴ está localizada na

¹³ Disponível em: < <http://www.achetudoeregiao.com.br/es/vitoria/geografia.htm>.> Acesso em 27.nov.2016.

¹⁴ Disponível em:< <http://www.achetudoeregiao.com.br/es/vitoria/geografia.htm>.> Acesso em 18.jul.2017

Região Sudeste, a mais desenvolvida do país e é considerada uma das capitais mais antigas do Brasil. Limita-se ao norte com o município da Serra, ao sul com Vila Velha, a leste com o Oceano Atlântico e a oeste com Cariacica.

Com uma área territorial de 93.381 km²¹⁵, Vitória é uma ilha-capital que abriga belas paisagens e antigas construções que preservam a história do povo capixaba.

A capital do Espírito Santo destaca-se por ser uma cidade cuja economia¹⁶ está voltada para atividades portuárias, comércio, indústria, prestação de serviços e turismo de negócios. Além disso, Vitória também abriga dois importantes portos: o de Tubarão e o de Vitória, sendo esse último um dos mais movimentados do Brasil, fato que impulsiona esse segmento da economia no estado.

Embora o parágrafo anterior mencione sobre aspectos positivos e situe a cidade de Vitória em âmbito nacional, isso nem sempre foi assim. Segundo Buffon *et al* (*apud* Macedo e Magalhães, 2011, p.84), somente nos anos cinquenta é que Vitória passou a ser importante cidade do Estado, tendência que prosseguem em franco desenvolvimento nos dias de hoje.

De acordo com Siqueira (2009), muitas foram as transformações ocorridas na economia capixaba a partir dos anos de 1960, na medida em que a atividade econômica mais dinâmica se deslocou do setor primário, pautada na produção e exportação do café, para o setor industrial. Até o final da primeira metade do século XX, o Espírito Santo vivia uma situação de isolamento em relação às demais regiões brasileiras, agravada pela ausência de infraestrutura disponível que viabilizasse condições de crescimento e maior integração nacional.

A economia era estagnada e seus índices de crescimento eram pequenos em relação às médias do país. O grau de industrialização era inexpressivo e estava intimamente ligado à transformação de produtos primários.

O sítio da Prefeitura de Vitória, disponível em < <http://www.vitoria.es.gov.br/cidade/historia-de-vitoria> >, traz importante registro sobre a história da fundação da capital capixaba. No que tange ao passado histórico de Vitória, sabe-se que o então Rei de Portugal, D. João III,

¹⁵ Disponível em: <<http://www.achetudoeregiao.com.br/es/vitoria/geografia.htm>> Acesso em 01.jul.2016.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.achetudoeregiao.com.br/es/vitoria/geografia.htm>> Acesso em 18.jul.2017.

dividiu as terras do Brasil em capitanias hereditárias, cabendo a capitania do Espírito Santo ao fidalgo Vasco Fernandes Coutinho, que tomou posse em 23 de maio de 1535, instalando-se no sopé do morro da Penha, em Vila Velha¹⁷ e fundou o primeiro povoado denominado Vila do Espírito Santo, atual região da Prainha, na cidade de Vila Velha. Explorando a região, os portugueses buscaram um local mais seguro para se guardarem dos ataques dos índios e de estrangeiros (holandeses e franceses). Seguiram, então, pela baía de Vitória e, contornando a ilha, aportaram em Santo Antônio.

Conforme registros sobre a história capixaba, em 08 de setembro de 1551, os portugueses venceram acirrada batalha contra os índios Goitacazes e passaram a chamar o local de *Ilha de Vitória*. Em meio ao pequeno núcleo urbano, de feição nitidamente colonial, havia "capixabas" - roças - na língua dos índios - expressão que acabou servindo para denominar os habitantes da ilha e, posteriormente, todos os espírito-santenses. Entretanto, essa informação sobre os nomes atribuídos aos habitantes da capital capixaba gera certa polêmica, conforme mencionado no capítulo de *Introdução* desta pesquisa. Os índios chamavam a Ilha de Vitória de Guaninira ou "*Ilha do Mel*" pela beleza de sua geografia e amenidade do clima com a baía de águas tranquilas e manguezal repleto de moluscos, peixes, pássaros e muita vida.¹⁸ Logo abaixo, reunimos 04 (quatro) imagens representativas de importantes pontos turísticos de Vitória.



Figura 1-Penedo de Vitória

FONTE: Disponível em: <http://vitrinecapixaba.blogspot.com.br/2013/09/origem-de-vitoria-esta-ligada-as-lutas.html>. Acesso em 14.nov.2016

¹⁷ Disponível em :< <http://www.vitoria.es.gov.br/cidade/historia-de-vitoria>> Acesso em 01.jul.2016.

¹⁸ Disponível em :<<http://www.vitoria.es.gov.br/cidade/historia-de-vitoria>> Acesso em 01.jul.2016



Figura 2 - Basílica de Santo Antônio

FONTE: Disponível em : <<http://www.capixabadagama.com.br/basilica-de-santo-antonio-santo-antonio-vitoria-es/>>
Acesso em 14.nov.2016



Figura 3 – Terceira Ponte

FONTE: Disponível em:< <http://megaengenharia.blogspot.com.br/2012/05/terceira-ponte-vitoria.html>> Acesso em 14.
nov.2016



Figura 4 - Ilha das Caieiras

FONTE: Disponível em: <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2012/06/ilha-das-caieiras-e-tema-de-exposicao-fotografica-em-vitoria.html>.> Acesso em 08.jul.2017

Mais tarde, com a descoberta de ouro em Minas Gerais, a capitania passou a servir de barreira de proteção contra os invasores e teve suas fronteiras fechadas para evitar o contrabando de ouro e diamantes. Somado a isso, o declínio da atividade canavieira e o esvaziamento populacional instauraram uma forte estagnação econômica, comprometendo o desenvolvimento do território capixaba, que só começou a se recuperar no século XIX com o desenvolvimento das lavouras de café (MACEDO e MAGALHÃES, 2011).

O processo de colonização do Espírito Santo é o resultado de uma mistura, um encontro de raças que faz a sua história rica de tradição e costumes¹⁹. Nota-se uma grande variedade étnica e cultural, primeiramente constituída pelos povos indígenas, portugueses e africanos. Posteriormente, a partir do século XIX, o Espírito Santo passa a receber contribuições dos povos de herança europeia para a formação de uma enorme diversidade cultural e linguística em terras capixabas (imigrantes alemães, pomeranos, holandeses, espanhóis, suíços, libaneses e, sobretudo, italianos).

De acordo com Sallete (2000), a região da Grande Vitória possuía, em 1960, 14% da

¹⁹ Disponível em :< <https://es.gov.br/historia/colonizacao>> Acesso em 18.jul.2017

população do estado. Em função da crise do café, houve um forte êxodo rural nas décadas de 1960 e 1970 e, conseqüentemente, uma crescente migração rural para Vitória e região metropolitana.

Conforme a última edição do Censo em 2010, um total de 327.801 habitantes compõem a população da capital Vitória. No ano de 2016, o site do IBGE apresentou uma população estimada em 359.555 pessoas²⁰.

Conforme já mencionado, o Espírito Santo é um estado formado por vários grupos étnicos e, como resultado dessa miscigenação, temos uma grande variedade linguística neste território, variedade esta, entretanto, ainda pouco conhecida.

[...] a configuração etnográfica do ES pode ter contribuído para que em Vitória houvesse uma variedade não marcada. Aliado a esse fator, o isolamento da cidade, durante séculos, também pode ter contribuído para essa característica. Assim, a configuração da variedade capixaba ainda não é bem clara, nem para a comunidade acadêmica nem para os leigos nem mesmo para os próprios habitantes do Espírito Santo (YACOVENCO *et al*, 2012, p. 776).

Com o intuito de conhecer um pouco mais essa variedade e registrar o vernáculo dos habitantes da capital capixaba, foi implementado em março de 2000 o Projeto *PortVix (Português Falado na Cidade de Vitória)*, fundamentado nos moldes da Sociolinguística Laboviana. Este projeto, coordenado pela professora Dr^a Lilian Coutinho Yacovenço (UFES), gravou entre 2001 e 2003, 46 (quarenta e seis) entrevistas com pessoas nascidas em Vitória, divididas segundo as variáveis relativas ao sexo/gênero do falante, à sua faixa etária e à sua escolaridade. Após a formação das células, os perfis dos entrevistados foram distribuídos aleatoriamente pelas (07) sete regiões administrativas da cidade, seguindo o critério fundamental de serem naturais de Vitória, terem, preferencialmente, pais capixabas e terem sempre residido nesta cidade. Na ausência desses, buscaram-se aqueles que vieram para a cidade de Vitória até os cinco anos de idade, ou que tivessem vivido mais de três quartos de sua vida nesta cidade (YACOVENCO *et al*, 2012, p. 776).

²⁰Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/es/vitoria/panorama>.> Acesso em 08.jul.2017

No quadro 1, temos a distribuição dos 46 (quarenta e seis) falantes que compõem o PortVix:

Quadro 1 : Distribuição das células sociais do PortVix

(faixa etária) (sexo/gênero)	07-14 anos		15-25 anos		26-49 anos		> 49 anos		
	H	M	H	M	H	M	H	M	
Ensino fundamental	4	4	2	2	2	2	2	2	=20
Ensino médio			3	3	2	2	2	2	=14
Ensino universitário			2	2	2	2	2	2	=12
Número total de entrevistados=46									

Fonte: Yacovenço *et al*, 2012.

O *PortVix* constitui-se em um banco de dados que registra os hábitos linguísticos de Vitória/ES e possibilitou o desenvolvimento de pesquisas sociolinguísticas que revelaram algumas características da fala capixaba, contribuindo, assim, para “descrever a variedade linguística da capital do Espírito Santo e colocar luzes para uma comunidade desconhecida por brasileiros e estrangeiros” (YACOVENÇO *et al*, 2012, p. 803).

Com vistas a explicitar a variedade capixaba, o *PortVix* cada vez mais abre espaço para o desenvolvimento de pesquisas sociolinguísticas nessa comunidade. Acreditamos que este estudo pode se somar às demais pesquisas já realizadas com base nesse banco de dados e colaborar para o entendimento a respeito do uso da expressão variável do sujeito no âmbito dessa comunidade, além de contribuir para elucidar os fatores que influenciam esse fenômeno linguístico. A metodologia de estudo utilizada para a realização desta pesquisa é tema da próxima seção.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Para a análise da expressão do sujeito pronominal na fala de Vitória/ES, o presente estudo toma por base o banco de dados do Projeto *PortVix*, apresentado na seção anterior.

O *PortVix* é composto por entrevistas que não reproduzem exatamente o vernáculo, mas caracterizam-se por serem uma fala monitorada, isto é, “o tipo de fala que normalmente ocorre quando a pessoa está respondendo perguntas que são formalmente reconhecidas como

‘parte da entrevista’” (LABOV, 2008,[1972], p. 102).

Entretanto, nessas entrevistas, conforme explicitam Yacovenco *et al* (2012), buscaram-se diversos procedimentos para que o vernáculo emergisse, ou seja, para que a atenção do entrevistado não fosse dirigida à sua própria fala.

Um desses procedimentos foi a busca do envolvimento emocional com o próprio fato enunciado, sendo um dos procedimentos a pergunta sobre situações de risco de vida pelas quais a pessoa já houvesse passado. Entre os procedimentos metodológicos, destaca-se que as entrevistas foram realizadas, em sua maioria, por dois entrevistadores, num grupo de seis a oito pessoas treinadas para a realização da tarefa (YACOVENCO *et al*, 2012, p. 777).

A língua na situação real de uso, inserida no contexto social, é a base de um estudo variacionista, porém a captação da fala casual, isto é, “a fala cotidiana usada em situações informais, em que nenhuma atenção é dirigida à linguagem” (LABOV, 2008 [1972], p. 111), apresenta algumas dificuldades, pois conforme Labov (2008 [1972],p.223) a qualidade das gravações de fala observada em uso real são quase sempre de qualidade muito deficiente. É importante frisar sobre o importante papel da interação durante as gravações. Labov (2008 [1972], p.71) menciona sobre a essencialidade da interação realizada de maneira sistemática com o intuito de provocar as formas exatamente desejadas, no contexto desejado, na ordem desejada. Além disso, conforme menciona o importante sociolinguista brasileiro póstumo Fernando Tarallo (2007 [1985], p.21), o pesquisador necessita de uma grande quantidade de dados que somente podem ser coletados através de sua participação direta na interação com os falantes e tal participação direta pode perturbar a naturalidade do evento.

Desse modo, visando a minimizar o *paradoxo do observador*, isto é, o desafio de descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas por meio da observação sistemática (LABOV, 2008[1972], p. 244), no período de coleta de dados do *PortVix*, houve dois contatos com o entrevistado. Primeiramente, os pesquisadores levantaram os dados gerais do falante e verificaram os assuntos com que mais se identificasse, pois, assim, poderia melhor discorrer sobre a temática. Dessa forma, com esse primeiro contato, criou-se uma espécie de vínculo que contribuiu para que, no segundo encontro, o falante se sentisse mais à vontade diante do entrevistador.

Além disso, procurou-se reduzir o monitoramento da fala por meio de um roteiro de entrevista cuidadosamente planejado e da naturalidade com que os entrevistadores buscaram

conduzir a conversa, a fim de se obter uma grande quantidade de dados com o máximo de qualidade e que representasse a comunidade pesquisada.

Para nossa pesquisa, conforme já explicitado no capítulo de *Introdução* deste trabalho, nosso *corpus* valeu-se da análise de 20 (vinte) minutos de cada uma das 46 (quarenta e seis) entrevistas realizadas com os 46 falantes que compõem a amostra do banco de dados do *PortVix*, conforme explicitado no quadro 1.

Para tratamento quantitativo dos dados, utilizamos o programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005), que “mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos das variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente” (GUY e ZILLES, 2007, p.105).

Conforme Guy e Zilles (2007, p.69, 105), esse programa é uma ferramenta estatística extremamente útil para a análise da variação linguística. Calcula as frequências e fornece os pesos relativos associados às variáveis independentes utilizadas, indicando o efeito que cada uma das variáveis exerce sobre as variantes analisadas.

Além de fornecer percentuais, o *GoldVarb X* gera, como produto final, pesos relativos. Nas palavras de Guy e Zilles (2007, p. 239), “o peso de um fator é um valor calculado pelo *Varbrul* (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto”. Os pesos relativos variam numa escala de 0 a 1, sendo que os valores próximos a 0 são interpretados como desfavorecedores da variante analisada; os valores próximos a 1, como favorecedores da variante analisada; e os valores próximos a 0,50, como tendo efeito neutro. Nesta dissertação, colocamos os pesos relativos com três dígitos após a vírgula, da maneira como o *Goldvarb* os traz.

Segundo Scherre (1996, p.47), o programa além de calcular os pesos relativos de cada variável independente, apresenta uma seleção estatística dos diversos grupos de variáveis analisados. Esta seleção ocorre inicialmente em função de um valor estatístico denominado *nível de significância*, previamente estabelecido, que no caso em questão, foi arbitrado em 0,05.

Mais adiante, Scherre (1996, p.47) menciona que um nível de significância 0.000 é considerado ideal na análise do fenômeno investigado, pois ele indica uma certeza estatística de os valores gerados pelo modelo estarem adequados aos valores observados.

Entretanto, conforme observam Guy e Ziles (2007, p. 69), “como acontece com qualquer ferramenta, sua utilidade é acentuada por uma compreensão de suas operações e de suas limitações. [...] é apenas um recurso (embora sofisticado) para a manipulação dos dados”. Nesse aspecto, é importante salientar que o programa apenas fornece os resultados a partir das variáveis indicadas na codificação dos dados. Conforme esclarecem Scherre (1996, p. 43) e Naro (2013, p. 25), identificar os fatores linguísticos e sociais que possam influenciar a escolha de determinada variante, bem como a codificação e interpretação dos resultados, é tarefa do pesquisador, pois é ele quem irá fazer a análise dos números apresentados pelo programa, sendo assim, as limitações são as do próprio linguista, a quem cabe as responsabilidades mencionadas.

Em suma, os grupos de fatores linguísticos e sociais definidos para a elaboração da pesquisa nos permitem buscar explicações para a ocorrência de um fenômeno variável. Neste trabalho, pretendemos compreender quais variáveis influenciam o uso do sujeito expresso/pleno.

Conforme já mencionado, os fatores internos e externos são fundamentais na análise variacionista. Desse modo, no próximo capítulo apresentamos a delimitação das variáveis e sua relevância para a análise do fenômeno em tela.

CAPÍTULO III- DELIMITAÇÃO DAS VARIÁVEIS

Nesta pesquisa, conforme mencionado no capítulo 2, utilizamos os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), que entende a língua como um sistema heterogêneo, sistemático e dotado de variação. Essa variação implica o uso simultâneo de duas ou mais formas em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Cada uma dessas formas constitui uma variante e a um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística (TARALLO, 2007, [1985], p. 8).

Conforme menciona Oliveira (1987, p.22), nesta definição de variantes e variáveis linguísticas, que é a definição encontrada na literatura, há dois pontos que devem ser destacados. O primeiro deles é a referência a *um mesmo contexto*, e o segundo é a referência ao *mesmo valor de verdade*. O autor chama a atenção para a necessidade de alusão ao contexto. Esclarece o linguista que isso ocorre simplesmente porque não queremos chamar de variação linguística qualquer seleção de variantes que se dê em termos de um contexto claramente determinado. Os contextos de ocorrência podem não ser os mesmos, e os falantes não têm escolha quanto ao uso das duas formas. Nestes casos, portanto, não pode ser considerada variação linguística.

Para Oliveira (1987, p.22), a restrição em termos de valor de verdade também é necessária, já que não podemos chamar de variantes de uma mesma variável duas formas, A e B, se elas não significam a mesma coisa. O autor ressalta que as restrições em termos de contexto e valor de verdade são indispensáveis, entretanto, pode ocorrer problema em se operar, por exemplo, com a noção de contexto. Dessa forma, Oliveira (1987) chama a atenção para o que se entende por contextos e, uma vez isolados, até que ponto podem ser explorados. Esclarece o autor que, por contexto, não podemos, ou pelo menos não devemos, entender unicamente o contexto estrutural.

Segundo a Teoria Variacionista, a variação e a mudança linguísticas podem ser motivadas tanto por fatores internos quanto por fatores externos à língua, de modo que os fenômenos variáveis podem ser descritos e explicados por restrições de natureza linguística e social.

Assim, com base nas restrições observadas, é possível sistematizar a variação identificando as variáveis que influenciam as variantes em estudo, inibindo ou favorecendo o uso de uma ou

outra forma (MOLLICA, 2013, p. 11). Desse modo, é preciso, então, delimitar as variantes que compõem a variável dependente e verificar os fatores linguísticos e sociais que possam influenciar a escolha entre as formas alternantes.

3.1 A VARIÁVEL DEPENDENTE

Sabe-se que a variação pressupõe a existência de diversas maneiras de se dizer a mesma coisa sem que haja mudança em seu significado. Essas formas linguísticas alternativas são denominadas variantes. De acordo com Labov (2008, [1972], p. 313), “as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística”. As formas variantes se configuram em um fenômeno variável, que recebe o nome de **variável dependente**.

Em outras palavras, a variável dependente consiste no fenômeno linguístico variável que está sendo analisado.

Abaixo, apresento um exemplo para ilustrar a variável dependente deste trabalho, conforme propõe Tagliamonte²¹ (2012, p.111), com base na noção de *super token*, ou “*super-dado*”, que são os melhores exemplos para ilustrar um fenômeno: eles devem trazer as formas variantes dentro de um mesmo trecho do discurso de um mesmo informante e, se possível, com os mesmos itens lexicais ou em construções paralelas. Deve-se apresentar contexto de fala suficiente para compreender as funções de cada variante e as relações discursivo-pragmáticas.

E2- ahn:: cê assiste Sandy e Júnior?I – assisto só de vez em quando quando eu lembro assim mas antigamente quando o programa /era/ o programa paSSA::do eu assistia muito eu já fui até em dois shows do Sandy e JúniorE2 – ahn:: e gostou?

I – *gostei* ... só um o segundo que *eu não gostei* muito assim não [M-EF-7-14 anos]

Conforme nos assegura Naro (2013, p. 15), a escolha das formas variantes não ocorre de maneira aleatória, mas é regulada por um conjunto de regras, sendo, portanto, necessário identificar os fatores internos ou externos ao sistema linguístico que influenciam as escolhas

²¹ Cf. citação da autora no original: “The best examples are super tokens [...] namely variant forms from the same speaker in the same stretch of discourse, and if possible with the same lexical items or in parallel constructions [...]. If not, find a context that is parallel. Show at least two variants. Show enough context to establish common function across variants. This especially important with discourse-pragmatic features, where variant functions prevail.”

linguísticas, intensificando ou diminuindo o uso de cada uma das variantes.

Desta forma, na seção 3.2 apresentamos a descrição das variáveis independentes analisadas no estudo da expressão do sujeito pronominal na fala de Vitória/ES.

3.2 AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Ao longo deste estudo, temos demonstrado que o nosso foco é examinar a variação entre as formas variantes da expressão do sujeito pronominal na variedade capixaba. Para realizar essa tarefa, identificamos alguns fatores que nos parecem relevantes para a análise desse fenômeno variável. Conforme esclarecem Naro e Scherre (2013, p. 148), “é fundamental identificar conjuntos de circunstâncias linguísticas e sociais (restrições) que tendem a favorecer o uso de uma ou outra variante [...]”.

Dito de outra maneira, esse grupo de fatores - variáveis independentes, fatores ou categorias - está correlacionado a essa variação, influenciando o fenômeno em estudo.

Para Coelho et. al (2013, p.20), as variáveis independentes, como o nome sugere, idealmente não apresentam uma relação de dependência entre si. Já a variável dependente depende de sua relação com as variáveis independentes, afinal, são estas que condicionam a forma de realização daquela.

Em uma pesquisa sociolinguística, também podem ser utilizadas as terminologias condicionadores linguísticos e extralinguísticos para designar as variáveis independentes. Por escolha nossa, preferimos utilizar a terminologia de variáveis independentes.

Desse modo, nossas variáveis independentes são compostas por fatores de natureza: a) social (sexo/gênero, a faixa etária e a escolaridade dos entrevistados); b) discursiva (conexão do discurso, ênfase, pessoa do discurso); c) sintática (tipo sintático de oração) e d) morfológica (ambiguidade). Apresentaremos a seguir estes grupos de fatores analisados (fatores sociais e fatores linguísticos), ressaltando sua relevância e a motivação para que fossem considerados na codificação dos dados.

FATORES SOCIAIS

Para a delimitação das variáveis sociais, seguimos aquelas que são estabelecidas pelo banco de dados *PortVix*: 1) Sexo/Gênero ; 2) Escolaridade e 3) Faixa Etária.

1)Sexo/Gênero

É fato que homens e mulheres não falam e não se expressam da mesma maneira. Melhor dizendo, não apenas a questão do modo de falar ou de se expressar, mas as diferenças entre homens e mulheres também se realizam através dos comportamentos e atitudes, ultrapassando questões de diferenças físicas.

As funções sociais desempenhadas por homens e mulheres parecem reforçar e contribuir para evidenciar essas diferenças.

Homens e mulheres se diferem de acordo com cada comunidade e os papéis sociais masculinos e femininos, por consequência, também apresentam essa característica.

Além das questões mencionadas, podemos considerar que existem diferenças biológicas, como as relativas ao timbre e à altura da voz no que diz respeito à fala realizada por homens e mulheres. Contudo, as diferenças linguísticas mais relevantes se situam no plano lexical e também estão associadas à forma de construção social dos papéis feminino e masculino (PAIVA, 2013, p.33).

Pesquisas como a de Labov (2008 [1972]) demonstram que as mulheres tendem a evitar o uso de variantes estigmatizadas e são mais sensíveis ao padrão de prestígio, ao passo que os homens utilizam as formas não-padrão mais livremente.

Labov (2001 *apud* MEYERHOFF, 2006, p. 207; 209; 214), ao analisar o comportamento de homens e mulheres diante de fenômenos linguísticos variáveis, aponta dois importantes princípios referentes ao sexo/gênero no tocante à variação e mudança linguística:

- *Princípio I*: quando a variação é estável, as mulheres usam uma frequência maior de formas padrão do que os homens;
- *Princípio Ia*: em processo de mudança acima do nível de consciência social (*change from above*), as mulheres tendem a usar mais a variante de prestígio do que os homens;
- *Princípio II*: em processos de mudança abaixo do nível de consciência social (*change*

from below), as mulheres usam mais as formas inovadoras.

Os dois primeiros casos identificam as circunstâncias em que as mulheres mostram sua preferência por variantes mais prestigiadas e apresentam um comportamento conformista. O último indica as situações em que as mulheres apresentam comportamento inovador.

As diferenciações na fala de homens e mulheres também foram tema de reflexão de Scherre e Yacovenko (2011). As autoras avaliam o comportamento linguístico em relação ao sexo/gênero e esclarecem que “em configurações menos marcadas - e não necessariamente mais prestigiadas - as mulheres estão à frente na variação ou na mudança”. Já “em configurações mais marcadas - e não necessariamente menos prestigiadas – os homens estão à frente na variação ou na mudança” (op. cit. p. 139).

Nesse aspecto, de acordo com as autoras, as mulheres tendem a favorecer as formas mais gerais e mais frequentes na comunidade.

Vale destacar que a tendência das mulheres ao padrão linguístico não deve ser vista como uma característica universal nos processos de variação e nem tampouco afirmar que elas sempre lideram o curso da mudança linguística, pois “a diferenciação sexual com que estamos lidando depende claramente de padrões de interação social na vida diária” (LABOV, 2008, [1972], p. 348). Sendo assim, qualquer generalização referente ao comportamento linguístico de homens e mulheres requer cautela e, principalmente, que se leve em consideração a organização social de cada comunidade linguística.

Dessa forma, o fator sexo/gênero não pode ser ignorado nas análises sociolinguísticas, haja vista a importância do comportamento social de cada um dos gêneros com relação ao padrão de uso de uma variante linguística.

Diante do exposto, cabe verificar a correlação da variável sexo/gênero com o uso da expressão do sujeito pronominal na fala de Vitória/ES, uma vez que, conforme nas considerações feitas anteriormente sobre esta variável, considera-se, de acordo com Labov, a hipótese de que as mulheres, em mudanças abaixo do nível de consciência social, são mais favorecedoras ao uso das formas inovadoras, neste caso, o sujeito expresso.

2) Escolaridade

A literatura linguística costuma mencionar que o alto nível de escolaridade gera uma tendência de maior uso das formas padrão. De acordo com Paiva e Scherre (1999, p. 08): “A escolarização continuada, refinando a consciência linguística e insistindo na necessidade de padronização, favorece o emprego de determinadas variantes linguísticas, em especial das que estão sujeitas a uma avaliação social positiva”.

Votre (2013, p. 51) ratifica essa afirmação ao dizer que:

A observação do dia-a-dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. [...] ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades.(...)

Cezário e Votre (2011) confirmam a importância da variável escolaridade na pesquisa sociolinguística, nesses termos:

(...) A escolaridade, por exemplo, é um importante fator: quando falantes mais cultos estão usando uma forma que anteriormente não tinha prestígio, isso significa que ela deixou de ser estigmatizada e passou a ser normal dentro da comunidade de fala de pessoas escolarizadas, o que pode significar mudança, ou seja, substituição de uma forma mais antiga pela forma nova. (CEZÁRIO e VOTRE, 2011, p. 152).

É importante frisar que, diferentemente do que mencionam Cezário e Votre (2011) na citação anterior, no que se refere ao uso do sujeito pronominal, fenômeno analisado nesta pesquisa, não se trata de uma forma de prestígio ou estigmatizada. O sujeito pronominal expresso é uma forma inovadora, não-padrão, isto é, o seu uso por parte dos falantes apenas sugere uma propensão para as formas linguísticas que muitas vezes são passíveis de ensino regular.

Em linhas gerais, o nível de escolarização desempenha um importante papel com relação ao domínio maior ou menor do registro culto da língua, por isso, o tempo em que a pessoa passou na escola deve ser levando em consideração, uma vez que os falantes com mais escolaridade tendem a usar mais frequentemente a norma padrão. Normalmente as pesquisas sociolinguísticas brasileiras usam a escolaridade como um índice de classe social do falante.

Nesta pesquisa, investigamos a hipótese se os falantes de maior nível de escolaridade tendem a favorecer ou desfavorecer o uso do sujeito pronominal. É importante frisar que, conforme

mencionam Cezário e Votre (2011), se os falantes cultos estão usando cada vez mais as formas inovadoras dentro da comunidade de fala, pode significar mudança ou substituição de uma forma mais antiga por uma forma nova, forma esta que não possuía prestígio, mas que já é considerada normal dentro da comunidade de fala.

3) Faixa etária

A relação entre variação linguística e idade do falante tem suscitado muitas reflexões entre os sociolinguistas no Brasil e no mundo. A faixa etária é um fator fundamental nos estudos sobre variação e mudança linguística, uma vez que, por meio dessa variável, é possível que se estabeleça se há variação estável ou uma mudança em curso.

Para Paiva e Scherre (1999, p. 8):

[...] um padrão nítido de distribuição de variantes linguísticas pode ser constatado a partir da variável idade: os falantes mais jovens se mostram menos comprometidos com a correção linguística, valendo-se, em maior grau, das variantes menos prestigiadas.

Em suma, os falantes mais jovens usam mais livremente as formas inovadoras e tendem a liderar processos de mudança linguística. De forma semelhante, Coelho *et al* (2013, p.45) mencionam que há uma tendência dos falantes mais velhos a preferirem a forma mais antiga, ao passo que os mais novos preferem a forma nova. Todavia, é importante ressaltar, conforme esclarece Freitag (2005, p. 106), que “a faixa etária é uma variável extremamente complexa, pois a ela estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização”. Contudo, nesta pesquisa, o objetivo pretendido com esta variável, é sabermos se na variedade capixaba se confirma maior uso do sujeito expreso por parte dos falantes mais jovens.

FATORES LINGUÍSTICOS

Os fatores linguísticos permitem verificar a intensidade dos condicionamentos internos sobre o fenômeno em análise. Assim, algumas restrições de ordem linguística podem lançar luzes sobre os padrões de variação da variável em foco nesta pesquisa.

1) Pessoa do Discurso

Conforme já elucidado no capítulo 1, sabe-se que há possibilidade de um sujeito estar representado ora explicitamente (sujeito expreso/pleno) ora implicitamente (sujeito nulo/zero). É também verdade que tais possibilidades mencionadas podem ser aplicadas a todas as pessoas do discurso.

Para esclarecer a noção de pessoa do discurso, Paredes Silva (1988, p.114), ao citar Benveniste (1985), menciona que somente é possível chegar às pessoas do discurso pelo que as diferencia e pelo que opõe cada uma às demais.

Esclarece ainda Paredes Silva (1988, p.114), em conformidade com Benveniste, que as diferenças se dão entre as 1ª, 2ª vs. 3ª pessoa: enquanto nas duas primeiras pessoas há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre ela, a 3ª pessoa fica excluída dessa relação da qual o *eu* e o *tu* se especificam. A 3ª pessoa é ausente, fora do eixo falante/ouvinte, o eixo dos participantes do discurso.

Nesse sentido, concordamos com Paredes Silva (1988) a respeito do tratamento dado à 3ª pessoa do discurso. Parece-nos sim que de fato a 3ª pessoa no discurso esteja ausente, fora do eixo falante/ouvinte. Vejamos um exemplo com ocorrência para a 3ª pessoa discursiva:

(1) E2 - Ele tem quantos anos?

I – **ELE TEM** seis anos. [M-EF- 7 a 14 ANOS]

Sobre a posição de 1ª pessoa do singular, podemos observar que as duas possibilidades de expressão do sujeito (expreso ou nulo) se realizam no PB. Nos exemplos abaixo, temos em (2) sujeito expreso e em (3) sujeito nulo:

(2) E2 – *E filme?*

I – *Filme é variado.*

E2 – *O que você gosta mais?*

I – Ah **EU GOSTO** de comédia ação... eh só isso. [M-EF-07 a 14 ANOS]

(3) E2 – *Você assiste muita televisão?*

I – Ø **ASSISTO**. [M-EF-07 a 14 ANOS]

Ainda sobre a posição de 1ª pessoa do discurso, tratando-se do plural, é importante trazermos algumas considerações. A 1ª pessoa do plural se realiza através das variantes²² *nós* e *a gente*. Não pretendemos aqui abordar o estudo sobre o fenômeno *nós* e *a gente*, pois não é este o objeto desta pesquisa. Entretanto, representa interesse desta pesquisa evidenciarmos que a expressão do sujeito pronominal se concretiza através dessas formas. Inclusive, ressaltamos que, para tradição gramatical, é mais comum o registro apenas da variante *nós*, ao passo que a variante *a gente*, forma inovadora, é abordada de modo não sistemático. Esse registro, entretanto, não representa a realidade do falante, uma vez que *a gente* tem sido usada em diferentes contextos de fala. Vejamos abaixo nos exemplos, a aplicabilidade do sujeito pronominal (expresso e nulo) na 1ª pessoa do plural (*nós* e *a gente*). Vejamos:

(4) E1 – *Isso é para não fazerem greve?*

I – *Eh.*

E1 – *Você acha que seria melhor? Operação tartaruga ou a greve?*

I – *Eh eh melhor forma, operação tartaruga, eh a melhor forma **A GENTE** pode tá perdendo vinte minutos de aula mas.... assim, eh **A GENTE** tá estudando, né?, praticamente.* [M-EF-07 a 14 ANOS]

(5) E2- *e geralmente você pratica esporte aonde?*

I-na educação física ou quando junta um grupinho de amigos aí **a gente** vai ... (Ø) **ANDA** de bicicleta (Ø) **JOGA** voley na rua **a gente** faz um monte coisa jogar futebol queimada tudo o que vir na cabeça... [F-EF-07 a 14 ANOS]

(6) E1-como é que foi a... sobre o que a aula de história?

I-a aula de história? ... **NÓS FIZEMOS/FIZEMOS** sobre a ::... independência dos países da América Latina... [M-EF-07 a 14 ANOS]

²² Como já mencionado na seção 3, as possibilidades de uso de diversas terminologias sociolinguísticas fica a critério do pesquisador, razão pela qual não estou me prendendo aqui aos preciosismos terminológicos. Forma variante ou simplesmente variante, nesse trecho, dizem respeito à possibilidade da alternância do uso de *nós* e *a gente*.

(7) *El- e lá:: quando vocês compram/vocês costumam comprar alguma coisa que não tem no Boa Praça ou no Carre/ no Roncetii?*

I-Ø COSTUMAMOS [M-EF-07 a 14 ANOS]

Nos exemplos em (4), podemos perceber em negrito o pronome *A GENTE* expresso, já no exemplo em (5), embora também possamos perceber a presença do pronome *A GENTE*, os verbos **ANDA** e **JOGA**, no contexto mencionado remetem ao resgate do pronome *A GENTE*, que se encontra elíptico. Nesse mesmo trecho, também podemos notar a posição inicial da oração sendo preenchida pelo pronome *A GENTE* e na sequência, posições vazias. É importante ressaltarmos que os casos de *a gente* que ocorrem na primeira posição foram descartados do nosso *corpus*, uma vez que não há variação entre a forma preenchida e a ausente pelo fato da primeira posição ser sempre preenchida.

Nos exemplos em (6) e (7), notamos a presença do pronome *NÓS* em (6) e o pronome zero *Ø* em (7).

Finalmente, a respeito da 2ª pessoa do discurso, é importante ressaltar que na variedade capixaba utiliza-se dos pronomes *ocê* e *ocês* para se referir à 2ª pessoa do discurso, nas formas de singular e plural, respectivamente. Sabe-se que no PB os falantes alternam o uso entre as variantes *tu* e *ocê*. Isso comprova mais uma vez as modificações pelas quais passa o sistema pronominal do PB. Também não pretendemos abordar aqui o estudo do fenômeno de alternância entre *tu* e *ocê*, uma vez que não é este o nosso objeto de pesquisa, entretanto, nos interessa a forma de realização do pronome *ocê/ocês* na expressão do sujeito pronominal. Vejamos os exemplos dos pronomes *ocê/ocês* em aplicabilidade na expressão do sujeito pronominal.

(8)E2: como é que se faz?

I: -oi?... pega o maracujá...aí:: primeiro **VOCÊ FAZ** tipo um... o/o/uma vitamina né bate ele com o leite aí **ØCOA** para/pa tirar o excesso dos carocinhos que fica [M-EF-07 a 14 ANOS]

(09) *El - mas como cê faz? (inint) é tão bom assim você começou a explicar na / na vez passa / (inint) faz seu omelete aí eu cheguei em casa deu uma vontade de comer eu fiz omelete [risos]*

I - VOCÊS duas MORAM juntas?

El - mais ou me::nos [eu fico na casa dela pra estudar [F-EF-07 a 14 ANOS]

(10)-E 2 — *e a pizza você prefere aquela fiNinha da gro::ssa (como é)?*

I — *a fina... é melhor*

E 2 — *e de recheio... você prefere qual sabor?*

I — *ah eu gosto muito da/ da... quatro queijo... e:: também pizza doce... assim de chocolate assim... as do Roda Pizza são muito boa...Ø já **COMERAM** lá? - [F-EM-15 a 25 ANOS]*

Nos exemplos em (8), é notório que o falante se dirige ao próprio entrevistador ao responder como se faz uma mouse de maracujá. Podemos perceber em negrito no mesmo trecho o pronome *VOCÊ* expresso em ***VOCÊ FAZ*** e também em posição vazia ***ØCOA*** e no contexto mencionado o resgate do pronome *VOCÊ* só é possível por se encontrar elíptico e já mencionado anteriormente.

Nos exemplos em (09) e (10), podemos notar a presença do pronome *VOCÊS* em (09) e o pronome zero *Ø* em (10).

2) Tipo Sintático de Oração

Esta variável caracteriza-se como um aspecto sintático e leva em consideração a possibilidade de influenciar o uso ou não do sujeito expresso.

De acordo com Azeredo (2010, p.155), as orações se conectam no discurso em virtude de variadas relações semânticas, algumas vezes intuídas pelo locutor/receptor graças a fatores extralinguísticos, outras vezes explicitadas por uma gama de meios formais: concordância nominal e verbal, preposições, conjunções, pronomes, etc.

Sejam intuídas ou explícitas, essas conexões se estabelecem no interior do período (conexões sintáticas). Quando se passam no interior do período, essas conexões se classificam em *subordinação* e *coordenação*.

Nesta pesquisa, proponho a classificação dos tipos de orações em *independentes*, *coordenadas não-iniciais*, *principais* e *subordinadas*. Dentro do grupo das orações independentes, estão todas as orações autônomas, isoladas. Nesse grupo, classifico como orações independentes as *orações absolutas*, as *orações coordenadas iniciais* e as *orações intercaladas*.

Além do grupo de orações independentes, nesta pesquisa, atribuo a classificação de *orações subordinadas* para o grupo que comumente é chamado de *orações dependentes*. Estão aí incluídas as subordinadas substantivas, as subordinadas adjetivas e as subordinadas adverbiais, todas reunidas pelo nome de *subordinadas*.

Os outros grupos de orações considerados são os das orações principais e o das coordenadas não-iniciais.

Eis alguns exemplos de orações independentes, conforme divisão que adoto:

ORAÇÕES INDEPENDENTES

Orações Absolutas: Englobam as orações autônomas, isto é, são aquelas que não dependem sintaticamente de outra e nem têm função sintática em outra oração.

Exemplo:

(12) - E2 - *Ele tem quantos anos?*

I – Ele tem seis anos. [M-EF-07 a 14 ANOS]

Orações Intercaladas: Englobam aquelas que são destacadas entre parênteses ou travessões, que trazem comentários paralelos, mantendo sua independência sintática do restante da sequência.

Entretanto, é importante ressaltar que tal definição aplica-se melhor em língua escrita, pois sabemos que a língua falada é mais espontânea. Sendo assim, em língua falada, as orações intercaladas são mais difíceis de serem percebidas, uma vez que somente o contexto de fala permitirá isso. Tais casos de orações intercaladas em língua falada costumam aparecer em algumas passagens do *discurso indireto* (marcado pela presença de verbos *dicendi* (ou verbos de elocução)) (exemplos: *Ele disse:*, *Ele falou:*, etc.). Vejamos o exemplo:

Exemplo:

(13)- E1 - *foi ... foi eu que liguei*

I – Ø encontrei com ela agora ELA FALOU OH! se EU CONSEGUI responder EU RESPONDO ((risos)) [F-EF-15 a 25 ANOS]

Orações coordenadas iniciais: São aquelas que representam a 1ª oração coordenada em um período composto por coordenação e não são introduzidas por uma conjunção.

Exemplo de coordenada inicial:

(14) I - *no deares eu comecei o ano passado* e:: eu estudei já no:: clube dos oficia:is ... [M-EF-07 a 14 ANOS]

ORAÇÕES COORDENADAS NÃO- INICIAIS

São aquelas que representam a 2ª oração coordenada em um período composto por coordenação e podem ser introduzidas por conjunção coordenativa explícita.

Exemplo de coordenada não- inicial:

(15) E1 – (inint) *E assim e você por causa do aparelho que você usa você eh deixa de comer alguma coisa ou não?*

I – *Não, porque esse aparelho aqui eu ranco ele e eu posso comer essas coisas variadas* [M-EF-07 a 14 ANOS]

ORAÇÕES PRINCIPAIS:

Geralmente precedem as subordinadas (*substantivas, adjetivas ou adverbiais*). Comumente, as orações subordinadas são curtas e muitas vezes são expressas com verbos que na maioria das vezes expressam o desejo ou opinião do falante (*eu acho..., eu gosto..., eu sei..., eu espero..., etc.*). Na literatura linguística, esses verbos que expressam conhecimento, crença do falante acerca de determinada coisa recebem o nome de *verbos epistêmicos*.

Exemplo:

(16)-E2 *você não sabe os outros ingredientes?*

I-não

E2 *você só sabe comer*[né

I- **EU SEI** *que usa bacalhau palmito é::; salsicha* [M-EF-07 a 14 ANOS]

ORAÇÕES SUBORDINADAS: Estas orações englobam a classificação em substantivas, adjetivas e adverbiais. Vejamos os exemplos de cada uma dessas classificações.

Exemplo de Subordinada Substantiva:

(17) Inf – **PARECE QUE...** eu a::cho que não é tanto o remédio [F-EF-+ 49 ANOS]

Exemplo de Subordinada Adjetiva:

(18)- E1: *Hum, hum! E você achava assim... É, cê falou que estudava nessa escola, que... O que que você mais gostava lá? Professores...?*

I: *Não, na época **QUE EU ESTUDEI**, ela não era uma escola, era um galpão [M-EF-26 a 49 ANOS]*

Exemplo de Subordinada Adverbial:

(19)- I - *...Casar, depois **quando eu tinha** quatro anos... [M-EF-07 a 14 ANOS]*

Para este fator linguístico, baseamo-nos na literatura linguística dedicada ao fenômeno, especialmente em Paredes Silva (1988). A hipótese para o tipo sintático de oração consiste em verificar se as orações subordinadas são favorecedoras ao uso do sujeito pronominal expreso. Analisamos este grupo de fatores com o objetivo de verificar se o tipo de oração favorece a expressão do sujeito pronominal.

3) Conexão Discursiva

A conexão do discurso (ou discursiva) – que consiste em aspectos voltados para o contexto discursivo – compreende a ocorrência de um referente como sujeito e sua menção anterior, além dos elementos específicos do próprio discurso, como o tempo verbal e a mudança de referência, apenas para citar dois destes elementos.

Para este fator linguístico, baseamo-nos numa escala de conexão de 06 (seis) graus ao sujeito de cada oração, tal como proposto por Paredes Silva (1988).

Alguns pesquisadores como Parede Silva (1988, p. 142), considera que certos elementos, como a mudança de tópico, mudança de referente, são aspectos capazes de afetar a conexão do discurso. Isto quer dizer que a conexão discursiva pode contribuir para a compreensão da organização do discurso no que concerne ao uso do sujeito pronominal.

É importante mencionar que Paredes Silva (1988) não esclarece ao leitor o conceito de *referente*. Na sua tese de doutorado, a autora analisa a expressão do sujeito pronominal em

cartas pessoais, isto é, em língua escrita e vale-se de conceitos da Linguística Textual. Nesse sentido, tomamos por *referente* o conceito definido na Linguística Textual, conforme Koch (2008, p.101) os *referentes* são considerados como os objetos de discurso que são introduzidos, mantidos, retomados, recategorizados, apontados ao longo do texto, tendo sempre em vista a construção dos sentidos.

É importante esclarecer que nos estudos linguísticos atuais, os processos de referenciação têm sido entendidos como uma atividade discursiva, ou seja, como um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes ou objetos de discurso (KOCH, 2004).

Dessa forma, quando Paredes Silva (1988) utiliza o termo *referente* remete à questão do *sujeito pronominal*, uma vez que esse pode ser retomado nos textos motivado pelo referente já mencionado. Assim, quando temos um mesmo referente, temos menos necessidade de preenchimento do sujeito, pois esse já havia sido anteriormente expresso e facilmente recuperado.

Diante do exposto no parágrafo anterior, ao utilizarmos o termo *referente*, estamos equiparando-o ao termo *sujeito* no sentido de resgate de algum já dito anteriormente, tal como também o faz Paredes Silva (1988). Parece-nos que a autora utiliza nomenclatura específica para se referir ao objeto de discurso, isto é, *referente*, no âmbito da Linguística Textual e *sujeito*, no âmbito gramatical.

A seguir, apresentamos sucintamente uma breve descrição de cada um dos 06 (seis) graus da escala de conexão que estamos considerando.

GRAU 1 : O grau 1 corresponde ao grau mais alto na escala de graus de conexão. Esse grau de conexão discursiva apresenta as seguintes características: mesmo referente como sujeito da oração e manutenção do mesmo tempo e modo verbal. Geralmente é representado por eventos com um mesmo participante. Mantém-se o mesmo tópico discursivo.

Exemplo:

(20) *E1 – Mas na primeira entrevista, você não estava usando aparelho não, não é?*

I – Eh EU GOSTO muito de usar não, EU USO depois, EU TIRO. [M-EF-7 a 14 ANOS]

GRAU 2: Este grau representa uma ligeira queda na conexão discursiva, pois apesar de haver a manutenção do mesmo tópico e do mesmo referente como sujeito, pode haver mudança no tempo, aspecto e/ou modo do verbo.

Exemplo:

(21) I: **EU** já te **FALEI** né?? **EU GOSTARIA** de morar no Egito ((*risos*)) [M-EF-7 a 14 ANOS]

GRAU 3: Diferentemente dos graus anteriores, a exigência dos mesmos referentes se perde, e, em consequência disso, a conexão é mais fraca. Há, assim, referentes diferentes como sujeitos e, também, pode haver, entre o sujeito em questão e a sua menção prévia, orações de curta extensão. A interrupção da permanência de um mesmo sujeito/referente pode ocasionar interrupção na sequência do discurso, principalmente em *corpus* de língua falada.

Exemplo:

(22) E2- *foi no festival de inverno então*

*I- foi... **NÓS FOMOS** pra lá... aí tinha um conjunto... tinha uns pessoal lá cantando que **ELE ERA...** /**NUM ERA** brasileiro... **ERA** de fora... **ØFIZERAM** um showzinho lá... aí **NÓS FOMOS** lá [M-EF-+ de 49 ANOS]*

GRAU 4: O grau 4 de conexão mostra-se bastante diferente dos anteriores, sendo, também, difícil de ser encontrado em nosso *corpus*. Neste grau de conexão discursiva, os sujeitos analisados possuem funções sintáticas diferentes e referentes diferentes (por exemplo, ocorrência prévia de pronomes possessivos e pronomes oblíquos).

Exemplo:

(23) E1 – e seu pai?

I – **meu pai** só gostava de pes-car... que **ELE GOS::TA** demais até hoje ((*risos*)) ele é assim... [F-EF-7 a 14 ANOS]

GRAU 5: O grau 5 de conexão caracteriza-se pela presença em cena de outro participante na função de sujeito, entre o sujeito em questão e sua última menção. Em geral, este grau trata de comentários paralelos e considerações metalinguísticas e processos de retomada. As ocorrências incluídas neste grau de conexão representam uma queda sensível com relação ao nível anterior.

Exemplo:

(24) E1 – *foi ... foi eu que liguei*

I – Ø ENCONTREI com ela agora ELA FALOU OH! Se EU CONSEGUI responder EU RESPONDO ((risos)) [F-EF-15 a 25 ANOS]

GRAU 6: No grau 5 de conexão discursiva há a mudança do tópico discursivo, do assunto, mesmo havendo a manutenção do mesmo referente no papel de sujeito. Em virtude disso, a probabilidade de ocorrência do pronome expreso em posição de sujeito aumenta. Na pesquisa de Paredes Silva (1988), este grau de conexão é considerado fraco, uma vez que a regra de aplicação utilizada pela autora foi voltada para a *omissão de sujeito*, e com isso deixa-se de omitir o pronome sujeito, dando lugar à posição de sujeito preenchida.

Exemplo:

(25) EI: Sua esposa me falou. Aí... escolaridade é primeiro grau, não é? Cê estudou até que série?

I: EU ESTUDEI até... de quarta pra quinta. (Pra quinta) eu parei.

EI: E o senhor trabalha com quê?

I: EU... SOU marceneiro. [M-EF-26 a 49 ANOS]

4) Ambiguidade

A ambiguidade é um dos fatores linguísticos a que se tem relacionado a presença de pronomes sujeitos. Desde a tradição gramatical, é afirmado que em caso de ambiguidade morfológica é possível que se expresse o sujeito para que não se tenha dúvida sobre quem é o sujeito. Portanto, em verbos cuja flexão não defina a pessoa do discurso, isto é, em verbos que possuam a mesma forma para a 1ª e a 3ª pessoas (*eu amava/ele amava*), é possível que se expresse o sujeito. Conforme Cunha & Cintra (2008, [1985], p.297) a presença do sujeito é necessária para evitar equívocos.

Em nossa pesquisa, partimos da distinção de três pontos de vista acerca da ambiguidade, a saber: verbos morfollogicamente menos ambíguos, verbos morfollogicamente mais ambíguos em contextos menos ambíguos e verbos morfollogicamente mais ambíguos em contextos mais ambíguos.

A questão da ambiguidade requer também a necessidade da compreensão da questão contextual associada, e, para isso, nos respaldamos inclusive no que nos assegura TAGLIAMONTE (2012, p.03), pelo fato de que as descrições de variações só podem ser

compreendidas no contexto²³. Dessa forma, a respeito da ambiguidade contextual, conforme assegura Paredes Silva (1988, p. 255), qualquer ocorrência na qual, dado o contexto, a ausência do referente do sujeito, se não explicitado, não é de fácil identificação.

Em outras palavras, o termo *contexto* nesse caso não está servindo para identificar apenas o contexto linguístico. Aliás, para a questão da ambiguidade, faz-se necessário, sobretudo, a compreensão da noção pragmática incorporada ao termo *contexto*.

A dependência de um *contexto* é um dos pontos centrais nas várias abordagens pragmáticas (o estudo da linguagem do ponto de vista de seus usuários). O *contexto* é considerado uma noção essencial para a pragmática.

De acordo com Oliveira (2000), a ideia de *contexto* é a de tudo aquilo que circunda os interlocutores. Portanto, este ambiente é dinâmico e estende-se para esta ou aquela direção de acordo com o que é dado ou escolhido a cada momento pelos participantes da interação. Em si, o contexto é uma abstração, e os indivíduos estarão focalizando a sua atenção e levando em conta os fatores situacionais (rituais próprios da interação, fatores sociais e culturais), psicológicos, crenças e propósitos. Vejamos alguns exemplos com ocorrências de *verbos morfollogicamente menos ambíguos*, de *verbos morfollogicamente mais ambíguos em contextos menos ambíguos* e de *verbos morfollogicamente mais ambíguos em contextos mais ambíguos*.

Exemplo de verbo morfollogicamente menos ambíguo

(26) E1 – *E da pra aprender normalmente, sem esses vinte minutos?*

I – *Dá.*

E2 – *Na verdade ,são quarenta minutos de aula.*

I – *São.*

E2 - *E normalmente seria um hora?*

I – *Eh uma hora.*

E2 – *Você assiste muita televisão?*

I – **ASSISTO.** [M, EF, 7 a 14 anos]

²³ No original: “Descriptions of variation can only be understood in context.”

O exemplo 26 torna-se um clássico exemplo com *verbos morfologicamente menos ambíguos*, uma vez que, mesmo com ausência do pronome sujeito, não há dificuldades para identificação do sujeito, por ele estar expresso pela desinência número-pessoal.

Exemplo de verbo morfologicamente mais ambíguo em contexto menos ambíguo

(27) *I: ou **EU IA** fazer ou saxofone ... se não tivesse nenhum dos dois Ø **IA** pro clarinete [M-EF-7 a 14 anos]*

No exemplo 27, a forma verbal **ia** é morfologicamente ambígua, já que temos a mesma forma verbal para expressar a primeira e a terceira pessoas. Um dos responsáveis para que este trecho não seja considerado ambíguo é o pronome expresso (*eu*), no início da sentença. Pelo fato de o sujeito pronominal ser expresso, não há maiores dificuldades para a interpretação, visto que não haveria outro possível candidato a posição de sujeito neste contexto.

Exemplo de verbos morfologicamente mais ambíguo em contexto mais ambíguo

(28) *E1 – Por que são dentes de leite?*

*I – Não, porque os de trás aqui **ELE VAI** corrigir os da frente porque os da frente aqui nasceram uns que Ø já **TAVAM** pra sair os daqui de trás Ø **TIRAM** os daqui **ELE VÃO** organizar o espaço que tem na frente aí num tem nenhum problema [M, EF, 7 a 14 anos]*

No exemplo 28, percebe-se que o falante mesmo utilizando o pronome *ele*, não deixa claro no início do trecho quem é o “*ele vai corrigir*”, razão pela qual notamos a presença de ambiguidade do contexto. Será que é o dentista que irá corrigir? Nem há menção nesse trecho do profissional dentista. Mais à frente, no mesmo trecho, desta vez com a posição de sujeito vazia, “*uns que Ø já tavam pra sair*”, o falante não especifica quem estava para sair. Será que os dentes estariam para sair? No trecho “*os daqui de trás Ø tiram*”, novamente com posição de sujeito vazia, não se sabe quem tira o quê. No final deste trecho, “*ele vão organizar o espaço que tem na frente aí num tem nenhum problema*”, ainda que com posição de sujeito preenchida pelo pronome **ele**, se levarmos em consideração a ausência de concordância, podemos inferir que se trata de uma equipe odontológica (eles), e não (ele) um dentista apenas, como representado pelo falante.

É importante ressaltar que nesta pesquisa, o fator ambiguidade é menos frequente, pois, na maioria dos casos, o contexto esclarece quem é o sujeito. Nesta pesquisa, as hipóteses levantadas para a variável *ambiguidade* consistem nos verbos menos ambíguos como os menos favorecedores à presença do sujeito pronominal e os verbos mais ambíguos, por outro lado, os mais favorecedores à forma pronominal plena.

5) Ênfase

A noção de ênfase é recorrentemente referida na tradição gramatical como recurso linguístico no uso de pronomes cuja finalidade consiste na ideia de realce ou reforço.

Entretanto, é importante esclarecer que a tradição gramatical e até mesmo a literatura linguística não trazem qualquer tentativa de definição, ou melhor, elucidação sobre o conceito de ênfase.

Segundo Paredes Silva (1988, p.198), devido à imprecisão conceitual acerca do termo *ênfase*, o termo *contrastividade*, sustentado por Chafe (1976 *apud* PAREDES SILVA, 1988), parece atender melhor à terminologia, uma vez que o objetivo associado a este fator linguístico são marcas intencionais.

Assim, seguindo Paredes Silva (1988), apresentamos algumas situações que representam marcas explícitas de contraste:

a) **Uso de Conectivos Contrastivos:** mas, porém, embora:

(28) *I – é a história da menininha não é? que mora num orfanato o pai dela vai pra guerra*

E2 – Isso

*I – EU JÁ ASSISTI um pedaço, **mas** só que EU NÃO ASSISTI o final não [M, EF, 7 a 14 anos]*

b) **Verbos de Sentido Oposto**

(29) *E1 – Mas na primeira entrevista, você não estava usando aparelho não, não é?*

*I – Eh eu gosto muito de usar não, **EU USO** depois, **EU TIRO**. [M, EF, 7 a 14 anos]*

c) **Uma Afirmativa e Uma Negativa atribuída a núcleo predicado idêntico ou semelhante**

(30) *I – Ø **NÃO GOSTO** da /mate/ da matemática **EU GOSTO** mas só que ... eu não me dô:: muito bem [M,EF,7 a 14 anos]*

d) Sujeitos diferentes e mesmo item verbal

(31) *E1 -e ele estuda na mesma escola que você?*

*I- não... **EU ESTUDO** na (Alvemar Silva) e **ELE ESTUDA** no Alberto de Almeida[F- EF-7 A 14 ANOS]*

e) Complemento distinto para mesmo verbo

(32) *E2 -e:: você faz curso de quê ?*

*I-**EU FAÇO** curso de / de informática... e **FAÇO** natação[F-EF-7 A 14 ANOS]*

f) Oposição no tempo e no espaço

(33) *E1 -mais por quê?*

*I- porque **lá EU VI** tanta coisa bonita assim nos filmes [F-EF-7 A 14 ANOS]*

g) Adjunção de palavras que valorizam o papel do sujeito

(34) *E1: mais e adotar uma criança ?*

*I: adotar uma criança ?...é:: **até que EU PENSARIA** né... [F-EF-7 A 14 ANOS]*

h) Verbos que introduzem contribuição pessoal sobre o tópico discursivo

(35)*E1 - e você acha assim que a esco::la qual a função da escola pra você?*

*I - de ensinar... **EU ACHO** que a escola deve ensinar:: bem... ter:: ter uma boa educação professores bo::ns [F-EF-7 A 14 ANOS]*

i) Topicalização

(36) *I: **português A GENTE FAZ** uma prova sexta-feira sobre comunicação [M-EF-7 A 14 ANOS]*

No próximo capítulo, apresentamos a análise e interpretação dos resultados obtidos.

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Para a obtenção dos resultados, os dados foram codificados de acordo com as variáveis por nós estabelecidas e, então, submetidos ao Programa *Goldvarb X* (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005) para tratamento estatístico.

Inicialmente, procedemos com a realização de uma rodada geral, contemplando o comportamento da variável dependente com relação a todas as pessoas do discurso, que na nossa pesquisa fazem parte do grupo das variáveis independentes, além das demais variáveis estabelecidas.

Posteriormente, realizamos rodadas separadas e distribuídas distintamente para verificar o comportamento da variável dependente relacionado à 1ª pessoa, à 2ª pessoa e à 3ª pessoa do discurso.

A apresentação e discussão dos resultados são apresentados nas próximas seções. A discussão contemplará num primeiro momento, os fatores linguísticos de ordem discursiva (*ênfase, conexão discursiva*) e sua atuação sobre cada pessoa do discurso (1ª, 2ª e 3ª) e em cotejo com o resultado geral.

É importante ressaltar que nesta pesquisa, estou considerando a variável *pessoa do discurso* num âmbito ligado à discursividade e não no âmbito morfológico (motivação pela qual não estabeleço a distinção entre *singular* e *plural*), e por conta disso, analiso os fatores linguísticos e os fatores sociais relacionados a cada pessoa do discurso separadamente e em cotejo com os resultados gerais. Para esta variável, apresentarei os resultados gerais e posteriormente no cotejo com os demais fatores.

Num segundo momento, são apresentados os resultados dos fatores linguísticos de ordem morfológica (*ambiguidade*) e de ordem sintática (*tipo sintático de oração*) e sua atuação sobre cada pessoa do discurso (1ª, 2ª e 3ª) e em cotejo com o resultado geral.

Num terceiro momento, a discussão dos resultados contemplará os fatores sociais (*sexo/gênero, faixa etária, escolaridade*) e sua atuação sobre cada pessoa do discurso (1ª, 2ª e 3ª) e em cotejo com o resultado geral.

Para os fatores linguísticos (de ordem discursiva, morfológica e sintática), estabeleço uma

comparação com os resultados propostos por Paredes Silva (1988) e Lira (1988), visto que, nesta pesquisa, acolho algumas das variáveis linguísticas adotadas pelas autoras. Para os fatores sociais, estabeleço uma comparação com os resultados de Paredes Silva (1988), Duarte (1995), Nunes (2000). Os resultados nas próximas seções estão de acordo com a distribuição mencionada entre fatores linguísticos e fatores sociais.

FATORES LINGUÍSTICOS

FATORES LINGUÍSTICOS DE ORDEM DISCURSIVA

PESSOA DO DISCURSO

Como dito anteriormente, os resultados gerais para a pessoa discursiva têm por objetivo fornecer um panorama geral do comportamento do fenômeno expressão do sujeito pronominal sobre todas as pessoas discursivas.

Apenas para uma análise geral e inicial dos dados, a variável pessoa do discurso foi selecionada em 4º lugar pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005). Vejamos os resultados obtidos para esta variável na tabela 4.

PESSOA DO DISCURSO-GERAL	N	%	PR
EU	3730/5336	69,9	0.522
VOCÊ	723/902	80,2	0.626
ELE/ELA	1479/2192	67,5	0.399
NÓS	143/241	59,3	0.356
A GENTE	360/449	80,2	0.586
VOCÊS	38/46	82,6	0.570
ELES/ELAS	554/748	74,1	0.474
Input 0.737	7027/9914	70,9	

Tabela 4: Efeito da Variável Pessoa do Discurso sobre a expressão do sujeito pronominal

Como podemos perceber pelos dados apresentados pela tabela 4, os resultados gerais para a variável pessoa discursiva apontam para a relevância da variável sobre o estudo da expressão do sujeito pronominal.

Antes de iniciar a apresentação dos resultados para as pessoas discursivas e posteriormente, para cada pessoa do discurso individualmente, é preciso esclarecer que todas as formas –

singular e plural- estão todas juntas para cada pessoa do discurso.

Como já mencionado anteriormente, nesta pesquisa estou considerando a variável pessoa do discurso num âmbito ligado à discursividade e não no âmbito morfológico (motivação pela qual não separo as formas de *singular e plural*, e, portanto, tais formas estão todas juntas em cada pessoa discursiva).

Observamos que as formas pronominais *eu*, *você*, *a gente* e *vocês* revelam-se favorecedoras ao uso da forma inovadora (sujeito expreso). A primeira pessoa do singular (*eu*) apresentou 3730 ocorrências com sujeito pronominal expreso em 69,9% dos casos e peso relativo (0.522). A segunda pessoa do singular (*você*) apresentou 723 ocorrências com sujeito pronominal expreso em 80,2% dos casos e peso relativo (0.626). O pronome *a gente* apresentou 360 ocorrências com sujeito pronominal expreso em 80,2% dos casos e peso relativo (0.586), também revelando-se forte favorecedora ao uso da forma plena. A segunda pessoa discursiva na sua forma plural (*vocês*) também revelou-se favorecedora ao uso do sujeito pronominal expreso, com 38 ocorrências, com sujeito pronominal expreso em 82,6% e peso relativo (0.570). Também nessa pessoa discursiva, as taxas são altas.

Esses valores dialogam com os de Nunes (2000), Ferreira (2003) e Duarte (1995). Nunes (2000, p.74), aponta que a 2ª pessoa- **você**- revelou-se favorecedora ao uso da forma plena, com 79% e peso relativo .63. A 1ª pessoa – *singular e plural*- revelaram-se favorecedores ao sujeito expreso (**eu**-76% e peso relativo (.57)) e (**nós**-74% e peso relativo(.55)). Em Ferreira (2003, p.74,75), a pessoa do discurso **a gente** mostrou-se favorável ao uso da forma plena com frequência de 87% e peso relativo (.77). Em Duarte (1995) não foram apresentados os pesos relativos, apenas as taxas de frequência, sendo as mais altas as registradas para *a gente* (91%) e *você* (89%).

Entretanto, como já mencionado, o tratamento dado para a variável pessoa discursiva nesta pesquisa leva em consideração aspecto linguístico de ordem discursiva e não ordem morfológica, visto que a abordagem pretendida é de natureza discursiva, razão pela qual não estamos separando singular e plural. É importante enfatizar também que os resultados gerais para cada pessoa discursiva poderão influenciar no favorecimento ou desfavorecimento do uso do sujeito pronominal pleno, haja vista questões ligadas à discursividade em cada pessoa.

Por conta disso, a justificativa para iniciar a discussão dos resultados obtidos pelos fatores

linguísticos de ordem discursiva (ênfase, conexão discursiva) aponta para o fato de que, conforme mencionado por Paredes Silva (1988), em abordagem discursivo-funcional defendida pela autora, a conexão discursiva é o principal fator linguístico responsável pela expansão no uso do sujeito pronominal. Tal uso se dá, conforme menciona a autora, para atender às necessidades específicas de comunicação.

Com relação à variável ênfase, a autora retoma a questão da tradição gramatical, que defende o uso da ênfase como motivação estilística. Entretanto, ao se falar de uma abordagem discursivo-funcional, a ênfase recebe outro tipo de tratamento. Paredes Silva (1988) busca um termo mais abrangente adotado por Chafe (1976 *apud* Paredes Silva, 1988)- **contrastividade**- para se referir à ênfase e romper com o aspecto impressionista que envolve esse termo.

ÊNFASE

Para a análise geral, a variável ênfase foi selecionada em 2º lugar pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005), baseado na questão de significância, já mencionada anteriormente no capítulo 2. Vejamos os resultados obtidos para esta variável.

ÊNFASE- GERAL	N	%	PR
+ ÊNFASE	4420/5616	78,7	0.596
- ÊNFASE	2607/4298	60,7	0.376
Input 0.737	7027/9914	70,9	

Tabela 5: Efeito da Variável Ênfase sobre a expressão do sujeito pronominal

Em um primeiro momento, podemos perceber pelos dados na tabela 5 que os resultados gerais apresentados para a variável ênfase ratificam a relevância deste fator linguístico, fato este considerado desde a tradição gramatical.

Observamos que, quanto mais ênfase o falante insere à sua fala, a tendência se revela de maior uso da variante inovadora (sujeito expreso), com 4420 ocorrências, correspondendo a 78,7% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.596.

No que concerne ao uso desta variável pela 1ª pessoa do discurso, a ênfase foi selecionada em 3º lugar pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005). Observemos os resultados na tabela 6.

ÊNFASE NA 1ª PESSOA	N	%	PR
+ ÊNFASE	2850/3733	76,3	0.577
- ÊNFASE	1383/2293	60,3	0.377
Input 0.729	4233/6026	70,2	

Tabela 6: Efeito da Variável Ênfase sobre a expressão do sujeito pronominal de 1ª pessoa

Ao realizarmos uma rodada geral com todos os dados, a intenção inicial foi demonstrar como o sujeito pronominal se comporta com todas as pessoas do discurso e em relação aos fatores linguísticos e sociais adotados nesta pesquisa. Como se vê num primeiro momento, a rodada com resultado geral confirma a importância da variável ênfase.

Para a 1ª pessoa do discurso, a variável ênfase também foi selecionada pelo programa Goldvarb X. De um total de 2850 ocorrências, 76,3% são casos de sujeito pronominal expreso e peso relativo de 0.577.

Nota-se que tanto os valores da rodada com resultado geral quanto os valores da rodada de 1ª pessoa do discurso corroboram o favorecimento do uso do sujeito pronominal expreso.

Trago aqui alguns exemplos de ocorrências de ênfase no uso do sujeito expreso na 1ª pessoa, baseados nos critérios de ênfase mencionados no capítulo 3. Segundo afirma Paredes Silva (1988), o termo *contrastividade* parece atender à terminologia, principalmente ao se demonstrarem algumas situações com marcas explícitas de contraste.

No exemplo 2, o conectivo contrastivo **mas** evidencia o uso do pronome expreso

(2) I:...**mas EU PREFIRO** comédia de dia e de noite terror. [M, EF, 7 A 14 ANOS]

No exemplo 3, o contexto favorecedor ao uso do pronome pleno se realiza através de ocorrências com verbos de sentido oposto:

(3) I: ... tava vazio o quadro aí **EU CHEGUEI e FIQUEI** lá trás né?... [F, EF, 7 A 14 ANOS]

Sobre o uso da ênfase pela 2ª pessoa do discurso, essa variável linguística foi selecionada em 1º lugar pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005). Observemos os resultados na tabela 7.

ÊNFASE- 2ª PESSOA	N	%	PR
+ ÊNFASE	427/475	89,9	0.647
- ÊNFASE	334/473	70,6	0.352
Input 0.862	761/948	80,3	

Tabela 7: Efeito da Variável Ênfase sobre a expressão do sujeito pronominal na 2ª pessoa

Podemos perceber através da tabela 7 que, para a 2ª pessoa do discurso, além da variável ênfase também ter sido selecionada pelo programa, diferenciou-se da 1ª pessoa inclusive pela ordem de seleção (1ª selecionada) e fato que se constata por apresentar um *range*²⁴ maior (295 x 200).

Eis alguns exemplos que evidenciam a frequência de uso do sujeito expreso na 2ª pessoa, também baseado nos critérios de marcas de contraste.

No exemplo 4, complementos distintos para o mesmo verbo são exemplificados em *itálico* e comprovam o uso do pronome expreso:

(4) I: **VOCÊ TEM** *que ir lá* e aí **ØTEM** *que vê os dias* [M-EF- 15 A 25 ANOS]

No exemplo 5, o contexto favorecedor ao uso do pronome pleno se realiza através de ocorrências com oposição no tempo e no espaço e o marcador de espaço está em *itálico*:

(5) I:... aqui não, *aqui* **VOCÊ TEM** *que comprar*... [M, EM, 15 A 25 ANOS]

A respeito do uso da ênfase pela 3ª pessoa do discurso, essa variável linguística foi selecionada em 1º lugar pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005). De modo semelhante à 2ª pessoa, a ênfase também foi a primeira variável selecionada pelo programa estatístico. Observemos os resultados na tabela 8.

ÊNFASE- 3ª PESSOA	N	%	PR
+ ÊNFASE	1143/1408	81,2	0.631
- ÊNFASE	889/1531	58,1	0.379
Input 0.717	2032/2939	69,1	

Tabela 8: Efeito da Variável Ênfase sobre a expressão do sujeito pronominal na 3ª pessoa

De um total de 1143 ocorrências, 81,2% são casos de sujeito pronominal expreso e peso relativo 0.631.

Vejamos alguns exemplos que evidenciam a frequência de uso do sujeito expreso na 3ª pessoa, conforme as marcas de contraste pela abordagem discursivo-funcional.

No exemplo 6, a topicalização em *itálico* representa um dos fatores que favorecem o uso do

²⁴ *ranges* são os resultados da diferença entre os pesos relativos de maior valor e os de menor valor de uma mesma variável. São representados por números inteiros, sem o uso da vírgula. (BENFICA, 2016, p. 37). Segundo Tagliamonte (2006, p. 251 *apud* BENFICA, 2016, p.38), “O valor do range não é o peso de um fator. É simplesmente um número.

pronome expresso:

(6) E1 – E o Parreira (inint) [...

I - E o Parreira **ELE** já **PEGOU** uma seleção assim:: Mais:: mais na esportiva né? [M-EM-15 A 25 ANOS].

No exemplo 7, o contexto favorecedor ao uso do pronome pleno se realiza através do conectivo contrastivo (mas), destacado no exemplo em *itálico*:

(7) I:... *mas::* ali **ELES ESTÃO** em empate. [M-EM-15 A 25 ANOS].

Pelos valores apresentados para a variável ênfase, o que podemos perceber é que esta variável foi selecionada na rodada geral e também para todas as pessoas do discurso.

Ao estabelecer comparação com os valores apresentados por Paredes Silva (1988), é importante ressaltar que o trabalho da autora contemplou a análise de ausência de sujeito pronominal na modalidade de língua escrita. Isso inclusive já aponta para diferenças devido à natureza da modalidade de língua apresentada em ambas as pesquisas, tanto a de Paredes Silva (1988) e a pesquisa aqui empreendida. No trabalho de Lira (1988) não foi analisada a variável ênfase.

Na pesquisa de Paredes Silva (1988, p.202) sobre a atuação da ênfase na ausência de 1ª pessoa, a autora menciona que essa variável foi a segunda selecionada pelo programa usado, sendo os contextos de (-) ênfase favorecedores ao uso do sujeito nulo, com 82% de frequência e peso relativo (.73), em contrapartida, os contextos de (+) ênfase são desfavorecedores ao uso do sujeito nulo, com 45% de frequência e peso relativo (.27), o que acaba por ratificar os resultados desta pesquisa, nos quais os contextos de (+) ênfase são favorecedores ao sujeito pronominal expresso em 1ª pessoa do discurso.

A respeito da atuação da ênfase na ausência de 2ª pessoa do discurso abordada por Paredes Silva (1988, p.244), esta variável foi a terceira selecionada pelo programa estatístico utilizado pela autora, sendo os contextos de (-) ênfase favorecedores ao uso do sujeito nulo, com 32% de frequência e peso relativo (.67), ao passo que os contextos de (+) ênfase, desfavorecedores ao uso do sujeito nulo, com 19% de frequência e peso relativo (.33). Depreendemos, assim,

que os dados desta pesquisa e os de Paredes Silva (1988) também ratificam os contextos de (+) ênfase como favorecedores ao uso do sujeito pronominal expresso em 2ª pessoa do discurso. A variável ênfase na pesquisa de Paredes Silva (1988) não foi selecionada apenas na 3ª pessoa do discurso.

Conforme apontado por Paredes Silva (1988) em sua pesquisa baseada em cartas pessoais, na fala de Vitória a ênfase também se mostrou um fator relevante para o uso de sujeitos pronominais expressos. Esses resultados corroboram a postulação da tradição gramatical. Entretanto, o uso de sujeitos pronominais expressos não se limitam à ênfase ao sujeito, mas, também, conforme apontado por Paredes Silva (1988), à necessidade discursiva de realçar o sujeito em determinadas situações discursivas. Na próxima sessão, discutiremos os resultados da variável linguística conexão discursiva nas pessoas do discurso.

CONEXÃO DISCURSIVA

Para a análise geral, a variável conexão discursiva foi selecionada em 3º lugar pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005). Vejamos os resultados obtidos para esta variável.

CONEXÃO DISCURSIVA-GERAL	N	%	PR
GRAU 1	2446/4010	61,0	0.392
GRAU 2	1102/1521	72,5	0.502
GRAU 3	3158/3999	79,0	0.601
GRAU 4	29/32	90,6	0.729
GRAU 5	227/280	81,1	0.475
GRAU 6	65/72	90,3	0.798
Input 0.737	7027/9914	70,9	

Tabela 9: Efeito da Variável Conexão Discursiva sobre a expressão do sujeito pronominal

Em um primeiro momento, podemos perceber pelos dados na tabela 9 que os resultados gerais apresentados para a variável conexão discursiva ratificam a forte influência deste fator linguístico de natureza discursivo-funcional na variação do sujeito pronominal, conforme afirma Paredes Silva (1988, 2003).

Esclarece a autora que o uso do sujeito pronominal leva em consideração as pressões de

natureza comunicativa a que o falante e o ouvinte estão submetidos (PAREDES SILVA, 2003, p.97).

Segundo Paredes Silva (2003, p.104), a escolha do pronome está relacionada à não-manutenção do mesmo referente como sujeito e, também, de outros fatores, como a manutenção ou não do tempo verbal. A autora adota uma escala de seis graus de conexão discursiva para analisar o uso do sujeito pronominal na língua escrita.

Na língua falada, conforme explicita Paredes Silva (2003, p.104), é preciso levar em conta a intervenção dos entrevistadores, que muitas vezes estimula e mantém a referência através das perguntas dirigidas aos informantes.

Segundo Paredes Silva (2003, p.104) outra questão a se destacar é o fato de que no gênero entrevista, gênero de fala aqui analisado, a própria mudança de tópico discursivo geralmente se faz por iniciativa do entrevistador, o que pode influenciar na atuação da escala dos graus de conexão discursiva.

A motivação para essa justificativa vale-se como respaldo em relação aos resultados obtidos na rodada geral e nas rodadas por pessoas do discurso, visto que, pelas razões mencionadas no parágrafo anterior, nem todos os graus de conexão discursiva operaram em todas as pessoas do discurso de modo a favorecer o uso do sujeito pronominal expresso, porém, a variável conexão discursiva foi selecionada em todas as rodadas.

Ao observarmos a tabela 9, podemos perceber que os graus de conexão discursiva mais favorecedores ao uso do sujeito expresso foram os graus 3, 4 e 6. O grau 3 apresentou 3158 ocorrências, com 79,0% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.601. O grau 4 com 29 ocorrências, com 90,6% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.729. O grau 6 registrou 65 ocorrências, com 90,3% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.798 e também as taxas mais altas.

No grau 3, conforme visto no capítulo 3, a exigência de um mesmo referente se perde, ocasionando assim a necessidade de pronomes expressos, sendo uma das características deste grau os referentes diferentes como sujeitos, conforme vemos em **negrito** no exemplo 8:

(8) E1 – Mas assim ela que tinha falado com você que queria ficar e tal?

I – **ELA** que **FALOU** ueh **EU JOGO** uns lancezinhos por cima i..deixo (inint) [M-EF- 7 A 14 ANOS]

No grau 4, uma das características apontadas consiste em referentes com funções sintáticas diferentes, referentes diferentes (por exemplo, como ocorrência prévia de pronomes possessivos e pronomes oblíquos), conforme mostra o exemplo 9:

(9) I: [...] meus professores assim *me* Ø **elogiava** porque **EU ALCANÇAVA** coisa que:: ...
[F-EM- + 50 ANOS]

No grau 6, uma das características relacionadas consiste na mudança do tópico discursivo com a manutenção do mesmo referente. Em virtude disso, a probabilidade de ocorrências do pronome expresso em posição de sujeito aumenta, contudo, como mencionado anteriormente, no gênero entrevista a própria mudança de tópico é estimulada pelo entrevistador. Vejamos o exemplo (10) relacionado ao grau 6, no qual o falante muda o tópico discursivo sobre o *gosto de ler* para o *desejo de obter internet*:

(10) E1 – E essas informações que você tem aonde adquirir?

I - Não, como **EU** também **GOSTO de ler**, quando eu conheço pessoas que *gostam de ler*, eu também gosto de ler/gosto de ficar informado das coisas, o jornal, uma coisa que **EU QUERO** mais não posso é a **Internet**, dentro de casa eu não tenho ainda ...[M-EF-15 A 25 ANOS]

Para a 1ª pessoa do discurso, a variável conexão discursiva também foi selecionada pelo programa. Vejamos a tabela 10.

CONEXÃO DISCURSIVA- 1ª PESSOA	N	%	PR
GRAU 1	1535/2502	61,4	0.405
GRAU 2	905/1247	72,6	0.508
GRAU 3	1597/2042	78,2	0.606
GRAU 4	5/7	71,4	0.313
GRAU 5	127/157	80,9	0.422
GRAU 6	64/71	90,1	0.804
Input 0.729	4233/6026	70,2	

Tabela 10: Efeito da Variável Conexão Discursiva sobre a expressão do sujeito pronominal na 1ª pessoa

Na 1ª pessoa, a conexão discursiva foi selecionada em segundo lugar pelo programa estatístico. Nessa pessoa discursiva, os graus da escala da conexão discursiva que se mostraram favorecedores ao uso do sujeito pronominal expresso foram os graus 3 e 6.

Conforme podemos perceber na tabela 10, no grau 3, de um total de 1597 ocorrências, foi registrada uma frequência de 78,2% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.606. Já o grau 6, de um total de 71 ocorrências, 90,1% foram de sujeitos expressos, correspondendo a um peso relativo de 0.804 e as taxas mais altas. Nessa pessoa discursiva, não há registros para os graus 4 e 5.

Eis abaixo exemplos de ocorrências de sujeito pronominal expresso com os graus 3 e 6.

(11) E2 – Não cabe né? ((risos))

E1 – Mas assim ela que tinha falado com você que queria ficar e tal?

I – **ELA** que **FALOU** ueh **EU JOGO** uns lancezinhos por cima **I..DEIXO** (inint) [M-EF- 7 A 14 ANOS]

(12) E1 - tem conjunto de criança na sua igreja?

I - conjunto? tem... o coro Infantil: o coro dos juniores que é é: de: nove até uns:... quatorze ou treze anos...aí **EU SOU DOS JUNIORES**

E1 - vai ter algumas perguntas assim você já até falou... mas aí você pode falar mais se você quiser... ta bom?... quais as atividades que você mais gosta de fazer?

I - atividade assim **EU GOSTO MUITO DE:: BRINCAR DE COMPUTADOR: ... E:: E DE NATAÇÃO...** [M-EF- 7 A 14 ANOS]

No exemplo 11, conforme estabelece o grau 3 da conexão discursiva, há referentes diferentes como sujeitos expressos.

Já no exemplo 12, de acordo com o que estabelece o grau 6 da conexão, a mudança de tópico discursivo favorecendo o uso do sujeito pronominal pleno.

É importante ressaltar uma particularidade do grau 6. Esse grau apresentou taxas altas de frequência de uso do sujeito pronominal expresso e isso pode-se justificar pelo fato de que, assim como o entrevistador na entrevista assume o papel de introdutor de um tópico discursivo, essa função também se sobressai para a 1ª pessoa do discurso, de modo que o informante entrevistado também tende a introduzir novos tópicos discursivos, novos assuntos e, com isso, ocorre a manutenção do mesmo referente, porém com tópicos discursivos distintos, daí a necessidade de maior expressão de sujeitos para que o falante tenha sua posição discursiva destacada.

A variável conexão discursiva na 2ª pessoa do discurso foi a terceira selecionada pelo programa. Observemos os valores na tabela 11.

CONEXÃO DISCURSIVA- 2ª PESSOA	N	%	PR
GRAU 1	300/419	71,6	0.408
GRAU 2	71/84	84,5	0.508
GRAU 3	377/426	88,5	0.615
GRAU 5	13/19	68,4	0.083
Input 0.862	761/948	80,3	

Tabela 11: Efeito da Variável Conexão Discursiva sobre a expressão do sujeito pronominal na 2ª pessoa

Na 2ª pessoa, o grau da escala da conexão discursiva que se mostrou favorável ao uso do sujeito pronominal pleno foi o grau 3, apresentando um total de 377 ocorrências, com 88,5% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.615.

Pode nos chamar a atenção o fato de que na 2ª pessoa apenas o grau 3 favoreça o uso da forma inovadora (sujeito pleno), entretanto, é preciso salientar que os demais graus da escala de conexão discursiva (graus 4, 5 e 6) que poderiam favorecer o sujeito pleno na 2ª pessoa esbarram na questão da modalidade de língua adotada nesta pesquisa. Conforme mencionado no capítulo 3, no *corpus* de língua falada são poucas e em alguns casos até mesmo raras, algumas ocorrências que contemplem características específicas de alguns graus como o 4 e 5.

No *corpus* analisado, como podemos perceber, ainda é possível encontrar ocorrências do grau 6, mas apenas na 1ª pessoa. Isso ocorre pelo fato de que numa entrevista o foco recaia sobre o entrevistado, isto é, o informante. O foco não é o entrevistador, ainda que este possa introduzir um tópico discursivo.

Eis o exemplo (13) com ocorrência do grau 3 na 2ª pessoa e os referentes diferentes como sujeitos expressos:

(13) I: ...**ØENCOSTEI** o carro na parede lá, **ELE FICA** assim, **VOCÊ FAZ** qualquer besteira com ele... [M- EF- 7 A 14 ANOS]

A respeito da atuação da variável conexão discursiva na 3ª pessoa do discurso, essa variável foi a segunda selecionada pelo programa. Observemos os valores na tabela 8.

CONEXÃO DISCURSIVA- 3ª PESSOA	N	%	PR
GRAU 1	611/1089	56,1	0.372
GRAU 2	126/190	66,3	0.468
GRAU 3	1184/1531	77,3	0.581
GRAU 4	24/25	96,0	0.870
GRAU 5	87/104	83,7	0.616
Input 0.717	2032/2939	69,1	

Tabela 12: Efeito da Variável Conexão Discursiva sobre a expressão do sujeito pronominal na 3ª pessoa

Na 3ª pessoa, o grau da escala da conexão discursiva que se mostrou favorável ao uso do sujeito pronominal pleno foram os graus 3, 4 e 5. Apenas não houve registros para o grau 6. O grau 3 apresentou 1184 ocorrências, com 77,3% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.581. O grau 4 com 24 ocorrências, correspondendo a 96,0% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.870. O grau 5, com 87 ocorrências, correspondendo a 83,7 % de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.616.

No exemplo 14, ocorrência do grau 3 da conexão discursiva na 3ª pessoa, com referentes diferentes como sujeitos.

(14) E2 - Ele tem quantos anos?

I – **ELE TEM** seis anos.

E2 – (inint) ((risos))

E2 – Aí, vocês brigam sempre?

I – **ØBRIGAMOS** sempre, **EU** não me **DOU** muito bem com ele ainda [M-EF- 7 A 14 ANOS]

No exemplo 15, ocorrência do grau 4 da conexão discursiva na 3ª pessoa, no qual uma das características apontadas consiste em referentes com funções sintáticas diferentes, referentes diferentes (por exemplo, como ocorrência prévia de pronomes possessivos e pronomes oblíquos).

(15) I: se *meu* irmão faz alguma coisa **ELA AMEAÇA** em bater nele...[F- EF- 7 A 14 ANOS]

No exemplo 16, ocorrência do grau 5 da conexão discursiva na 3ª pessoa. Este grau de

conexão discursiva, conforme mencionado no capítulo 3 é caracterizado pela presença em cena de outro participante na função de sujeito. Trata-se, em geral, de casos com comentários paralelos e considerações metalinguísticas e processos de retomadas.

(16) I: **ELE DISSE** “não, não *eu* não *sou* da roça, não” [M- EF- 15 A 25 ANOS]

Como podemos perceber, a conexão discursiva nesta pesquisa foi selecionada na rodada geral e em todas as pessoas do discurso. Entretanto, como mencionado inicialmente, nem todos os graus de conexão discursiva operaram em todas as pessoas do discurso pelas razões que reiteradamente foram explicitadas ao longo desta sessão, na qual foram apresentados os resultados da rodada geral com os graus 3,4 e 6 favorecendo o uso do sujeito pronominal expresso.

Ao analisarmos a variável conexão discursiva para cada pessoa discursiva separadamente, podemos constatar que esta variável foi selecionada em todas as pessoas, entretanto, para cada pessoa discursiva, a atuação da variável linguística assumiu comportamento específico.

Na primeira pessoa, os graus favorecedores ao uso do sujeito pleno foram o 3 e o 6. Na segunda pessoa, apenas o grau 3 mostrou-se favorecedor. Na terceira pessoa, os graus 3, 4 e 5 revelaram-se favorecedores ao uso do sujeito expresso. É preciso destacar que nossos resultados corroboram a proposta de Paredes Silva (1988) de que quanto maior conexão discursiva, menor necessidade de uso de sujeitos pronominais plenos.

Numa tentativa de comparar os valores desta pesquisa com os de Paredes Silva (1988), que analisou a mesma variável, podemos perceber que a variável conexão discursiva mostrou-se relevante para ambas as pesquisas. Paredes Silva (1988) analisou a conexão discursiva na ausência do sujeito pronominal, sendo os graus 1 e 2 favorecedores ao uso do sujeito nulo e os demais graus da escala de conexão discursiva foram desfavorecedores ao uso do sujeito nulo. Sendo assim, os graus 3,4, 5 e 6 dialogam com os resultados desta pesquisa, haja vista esses serem favorecedores ao uso do sujeito pleno. Na próxima sessão, discutiremos os resultados da variável linguística ambiguidade nas pessoas do discurso.

FATORES LINGUÍSTICOS DE ORDEM MORFOLÓGICA

AMBIGUIDADE

Para a análise geral, a variável ambiguidade foi selecionada em 7º lugar pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005). Vejamos os resultados obtidos para esta variável na tabela 13.

AMBIGUIDADE-GERAL	N	%	PR
VERBOS MORFOLOGICAMENTE MENOS AMBÍGUOS	3244/4762	68,1	0.452
VERBOS MORFOLOGICAMENTE MAIS AMBÍGUOS/CONTEXTOS MENOS AMBÍGUOS	3768/5132	73,4	0.544
VERBOS MORFOLOGICAMENTE MAIS AMBÍGUOS/CONTEXTOS MAIS AMBÍGUOS	15/20	75,0	0.556
Input 0.737	7027/9914	70,9	

Tabela 13: Efeito da Variável Ambiguidade sobre a expressão do sujeito pronominal

Em um primeiro momento, podemos perceber pelos dados na tabela 13 que os resultados gerais apresentados para a variável ambiguidade ratificam a relevância deste fator linguístico expresso desde a tradição gramatical, uma vez que esta considera a necessidade de se expressar o pronome sujeito para evitar possíveis ambiguidades ocasionadas por formas verbais idênticas.

Nesse sentido, na rodada geral, os verbos morfolologicamente mais ambíguos em contextos menos ambíguos e verbos morfolologicamente mais ambíguos em contextos mais ambíguos revelaram-se como favorecedores ao uso do sujeito pronominal expresso. Os verbos morfolologicamente menos ambíguos revelaram-se desfavorecedores ao sujeito expresso. Os verbos morfolologicamente mais ambíguos em contextos menos ambíguos apresentaram 3768 ocorrências, com 73,4% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.544. Já os verbos morfolologicamente mais ambíguos em contextos mais ambíguos apresentaram 15 ocorrências, com 75,0% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.556.

Percebemos assim que este fator está diretamente relacionado à necessidade de se manter explícito o referente do sujeito cuja ausência poderia causar problemas na comunicação. Eis, portanto, uma motivação funcional.

Seguem, nos exemplos 17 e 18, respectivamente, ocorrências com verbos morfologicamente mais ambíguos em contextos menos ambíguos e com verbos morfologicamente mais ambíguos em contextos mais ambíguos.

(17) I: ...ou **EU IA** fazer ou saxofone ou: ... (inint) se não tivesse nenhum dos dois **ØIA** pro clarinete [M-EF-7 A 14 ANOS]

(18) I:... mas só que... o carro praticamente parou. **ELE MORREU** foi com o impacto dele, que a ladeira era muito forte e ele/ **ELE TAVA** a mais de sessenta... [M-EF- 26 A 49 ANOS]

No exemplo 17, o verbo *ia*, no pretérito imperfeito, é uma forma ambígua, entretanto, o contexto é menos ambíguo, visto que o sujeito pronominal foi expresso anteriormente e não há outro candidato a ocupar essa função.

Já o exemplo 18 representa um dos casos de verbos morfologicamente mais ambíguos em contextos mais ambíguos. Nota-se no trecho ilustrado que o sujeito nominal *carro* disputa a posição de sujeito com o pronome *ele*, que representa a pessoa acidentada, e isso acaba gerando dúvida sobre quem seja o sujeito referido nesse contexto.

No que concerne ao uso desta variável pela 1ª pessoa do discurso, a ambiguidade foi selecionada em 4º lugar pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005). Observemos os resultados na tabela 14.

AMBIGUIDADE-1ª PESSOA	N	%	PR
VERBOS MORFOLOGICAMENTE MENOS AMBÍGUOS	3244/4762	68,1	0.475
VERBOS MORFOLOGICAMENTE MAIS AMBÍGUOS/CONTEXTOS MENOS AMBÍGUOS	989/1264	78,2	0.595
Input 0.729	4233/6026	70,2	

Tabela 14: Efeito da Variável Ambiguidade sobre a expressão do sujeito pronominal na 1ª pessoa

Na 1ª pessoa do discurso, a ambiguidade foi selecionada em quarto lugar pelo programa estatístico. Nessa pessoa discursiva, os verbos morfologicamente mais ambíguos em contextos menos ambíguos mostraram-se favorecedores ao uso do sujeito pronominal expreso, apresentando 989 ocorrências, com 78,2% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.595.

Esses valores ratificam a questão da tradição gramatical e corroboram para a relevância deste fator linguístico nesta pesquisa.

Os exemplos (19) e (20) mostram ocorrências de sujeito pronominal expreso para os dois tipos de verbos citados.

(19) Verbos morfologicamente não ambíguos

E2 – E filme?

I – Filme é variado.

E2 – O que você gosta mais?

I – Ah **EU GOSTO** de comédia ação... eh só isso. [M-EF- 7 A 14 ANOS]

(20) Verbos morfologicamente mais ambíguos em contextos menos ambíguos

I: [...] aí, meu tio conheceu minha mãe e levou ela pra conhecer meu pai, aí acabou os dois, começou a paquera e cabou rolando lá, aí, com dois meses de namoro, acabou saindo eu.

E1 – ((risos))

E2 - ((risos))

I – Casar, depois quando **EU TINHA** quatro anos, que eles foram se casar.

E2 – Eh.

I – Eh. [M-EF-7 A 14 ANOS]

No exemplo 19, a forma verbal **gosto** é considerada morfologicamente menos ambígua, razão pela qual, em virtude da natureza do verbo, não favoreça o uso do sujeito pronominal expreso.

No exemplo 20, a forma verbal **TINHA** é considerada ambígua morfologicamente, porém passível de esclarecimento mediante o contexto menos ambíguo, no qual o informante menciona quando os pais dele se casaram. A forma verbal destacada poderia ocasionar dificuldade de interpretação se não tivesse um contexto claro, mas a justificativa para

ocorrerem sujeitos pronominais expressos deve-se às formas verbais idênticas (*tinha/tinha*), que pode ser utilizado tanto pela 1ª quanto pela 3ª pessoa do discurso.

A variável ambiguidade na 2ª pessoa do discurso foi a sexta e última selecionada pelo programa. Observemos os valores na tabela 15.

AMBIGUIDADE-2ª PESSOA	N	%	PR
VERBOS MORFOLOGICAMENTE MAIS AMBÍGUOS/CONTEXTOS MENOS AMBÍGUOS	760/946	80,3	0.502
VERBOS MORFOLOGICAMENTE MAIS AMBÍGUOS/CONTEXTOS MAIS AMBÍGUOS	1/2	50,0	0.025
Input 0.862	761/948	80,3	

Tabela 15: Efeito da Variável Ambiguidade sobre a expressão do sujeito pronominal na 2ª pessoa

É preciso considerar que a forma de segunda pessoa do discurso na cidade de Vitória é *você*, fato que faz com que todas as formas verbais sejam morfológicamente ambíguas, já que competem com a 3ª pessoa do discurso. Causa-nos estranheza que os contextos mais ambíguas tenham sido desfavorecedores do uso do sujeito pleno, uma vez que esse parece ser o contexto que mais necessita da expressão do sujeito para que não haja dúvidas. Cumpre, entretanto, destacar que há apenas dois casos desse uso, sendo um preenchido e outro, não. É preciso também ressaltar que essa variável foi a última selecionada pelo programa Goldvarb X. Entretanto, conforme visto na atuação da ambiguidade em 1ª pessoa, provavelmente a seleção da variável na 2ª pessoa dá-se pelo fato de que os verbos morfológicamente mais ambíguas em contextos menos ambíguas corroborem para a questão das dificuldades de interpretação gerada pelo uso de formas verbais iguais, o que justificaria a presença do pronome para promover a desambiguidade das formas mediante o contexto dado.

No que concerne à atuação da variável ambiguidade na 3ª pessoa, não foi selecionada pelo programa estatístico.

Dessa forma, confirmando a tradição gramatical, a variável ambiguidade mostrou-se relevante em ambas as pesquisas. Cumpre destacar que, apesar de ser esta uma variável morfológica, a necessidade de expressão do sujeito é discursivo-funcional, uma vez que o sujeito explícito é favorecido nas situações em que pode haver dúvida sobre quem é o sujeito da ação. Na próxima sessão, discutiremos os resultados da variável linguística tipo sintático de oração nas pessoas do discurso.

FATORES LINGUÍSTICOS DE ORDEM SINTÁTICA

TIPO SINTÁTICO DE ORAÇÃO

Para a análise geral, a variável tipo sintático de oração, esta foi selecionada em 1º lugar pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005). Vejamos os resultados obtidos para esta variável na tabela 16.

TIPO DE ORAÇÃO-GERAL	N	%	PR
INDEPENDENTES	3134/4564	68,7	0.494
COORDENADA NÃO- INICIAL	1077/1801	59,8	0.381
PRINCIPAL	1040/1495	69,6	0.423
SUBORDINADAS	1776/2054	86,5	0.670
Input 0.737	7027/9914	70,9	

Tabela 16: Efeito da Variável Tipo Sintático de Oração sobre a expressão do sujeito pronominal

Conforme já explicitado no capítulo 3 sobre a delimitação das variáveis utilizadas nesta pesquisa, para o fator tipo sintático de oração, estabeleci uma classificação de orações em *independentes, coordenadas não-iniciais, principais e subordinadas*. É importante esclarecer que outros autores propuseram outros tipos de classificação de orações, provavelmente atendendo critérios específicos de pesquisa, como a modalidade de língua utilizada. Dessa forma, acolhi a divisão mencionada levando em consideração a modalidade de língua que está sendo utilizada, o que não impede de buscar alguma comparação com valores existentes provenientes de outras pesquisas.

Como podemos perceber pelos dados na tabela 16, os resultados gerais apresentados para a variável tipo sintático de oração ratificam a relevância deste fator linguístico para a investigação do fenômeno expressão do sujeito pronominal. Inclusive, a motivação para contemplar a variável tipo de oração nesta pesquisa vai de encontro ao que menciona Paredes Silva (1988, p.165), de que pode haver uma relação entre o tipo da oração e a expressão de seu sujeito.

Sendo assim, num primeiro momento, nestes resultados gerais, as orações que compõem o grupo das subordinadas revelaram-se como favorecedoras ao uso do sujeito pronominal expresso. As subordinadas apresentaram 1776 ocorrências, com 86,5% sujeitos pronominais

expressos e peso relativo de 0.670. Cabe ressaltar que, nesta pesquisa, acolho o termo orações subordinadas que abrangem as substantivas, as adjetivas e as adverbiais. Outros autores preferem a nomenclatura orações dependentes para se referir às orações subordinadas ou orações encaixadas.

No que concerne à variável tipo sintático de oração pela 1ª pessoa do discurso, também foi ela a 1ª a ser selecionada pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005). Observemos os resultados na tabela 17.

TIPO DE ORAÇÃO- 1ª PESSOA	N	%	PR
INDEPENDENTES	1792/2662	67,3	0.480
COORDENADA NÃO-INICIAL	566/934	60,6	0.389
PRINCIPAL	953/1384	68,9	0.427
SUBORDINADAS	922/1046	88,1	0.729
Input 0.729	4233/6026	70,2	

Tabela 17: Efeito da Variável Tipo Sintático de Oração sobre a expressão do sujeito pronominal na 1ª pessoa

Nesta pessoa discursiva, as orações subordinadas também se mostraram favorecedoras ao uso do sujeito pronominal expresso, tal como apresentado na rodada de resultados gerais. Para a 1ª pessoa discursiva, as orações subordinadas apresentaram 922 ocorrências, com 88,1% sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.729. Nossos resultados ratificam os obtidos em outros trabalhos, como os de Lira (1988) e Paredes Silva (1988). Dos valores apresentados por Lira (1988), as orações relativas foram as que apresentaram preenchimento do sujeito pronominal com frequência de 91%. Dentro da literatura linguística, o que se considera como orações relativas são as conhecidas orações subordinadas adjetivas (que podem ser *explicativas* ou *restritivas*) e conforme divisão adotada nesta pesquisa contempla o grupo das subordinadas. Dessa forma, os valores desta pesquisa corroboram com os de Lira (1988). Em Paredes Silva (1988), na 1ª pessoa, o grupo das subordinadas foram as que desfavoreceram o uso do sujeito nulo, dito de outra forma, as subordinadas por desfavorecerem ao sujeito nulo, acabam favorecendo o sujeito pronominal expresso, da mesma forma como acontece em nossa pesquisa.

Nos exemplos 21, 22 e 23, podemos examinar ocorrências de subordinadas em 1ª pessoa presentes no *corpus* desta pesquisa.

Subordinada Substantiva

(21) I: Eu não te falei **que EU FUI** numa cachoeira? [M, EF, 7 A 14 ANOS]

Subordinada Adjetiva

(22) E2 – ahn:: e gostou?

I – ... só um o segundo **que EU não GOSTEI** muito assim não [M,EF, 7 A 14 ANOS]

Subordinada Adverbial

(23) E2 – e o que que você achou da Sandy e do Júnior assim quando você viu eles de per::to?

I: ah! Ela é muito bonita ... **quando EU VI** assim [M,EF, 7 A 14 ANOS]

A variável tipo sintático de oração na 2ª pessoa do discurso foi a quarta selecionada pelo programa Goldvarb X. Nesta pessoa discursiva, as orações subordinadas também se mostraram favorecedoras ao uso do sujeito pronominal expresso, tal como apresentado na rodada de resultados gerais e para a 1ª pessoa do discurso. Observemos os valores na tabela 18.

TIPO DE ORAÇÃO- 2ª PESSOA	N	%	PR
INDEPENDENTES	352/439	80,2	0.458
COORDENADA NÃO-INICIAL	174/252	69,0	0.358
PRINCIPAL	25/32	78,1	0.392
SUBORDINADAS	210/225	93,3	0.740
Input 0.862	761/948	80,3	

Tabela 18: Efeito da Variável Tipo Sintático de Oração sobre a expressão do sujeito pronominal na 2ª pessoa

Pela tabela 18, notamos que, para a 2ª pessoa discursiva, as orações subordinadas apresentaram 210 ocorrências, com 93,3 % sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.740. Esses valores também ratificam os de Paredes Silva (1988). Entretanto, é preciso esclarecer que a autora estabeleceu uma classificação diferente da que proponho nesta pesquisa. No que diz respeito à classificação das orações, Paredes Silva (1988) adota uma divisão em orações encaixadas, englobando as subordinadas substantivas e adjetivas. As subordinadas adverbiais, a autora considera como um grupo distinto das orações encaixadas e seriam aquelas favorecedoras ao sujeito nulo em 2ª pessoa. Nessa pessoa discursiva, os

valores propostos nesta pesquisa comprovam o uso do sujeito pronominal pleno para o grupo das subordinadas e, em Paredes da Silva (1988), tal favorecimento da forma plena cabe às orações encaixadas (substantivas e adjetivas), visto que a autora exclui deste grupo as adverbiais.

Os exemplos 24,25 e 26 apresentam, respectivamente, ocorrências com subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais na 2ª pessoa que evidenciam o uso da forma pronominal plena.

Subordinada Substantiva

(24) I: Eu acho **que VOCÊ TEM** que procurar melhorar ... [M,EM, 15 A 25 ANOS]

Subordinada Adjetiva

(25) I:... quando chega no final do mês você tem que dá um balanço de tudo ... da matéria prima comprada da/dos impostos **que VOCÊ VAI PAGAR** [M,EF, +50 ANOS]

Subordinada Adverbial

(26) I: **quando VOCÊ PEGA** aquele camarão do baLÃO vem um monte de coisa... [F-EF-15 A 25 ANOS]

O tipo sintático de oração pela 3ª pessoa do discurso foi selecionado em 3º e penúltimo lugar pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005). Observemos os resultados na tabela 19.

TIPO DE ORAÇÃO- 3ª PESSOA	N	%	PR
INDEPENDENTES	989/1462	67,6	0.516
COORDENADA NÃO-INICIAL	337/615	54,8	0.365
PRINCIPAL	62/79	78,5	0.631
SUBORDINADAS	644/783	82,2	0.565
Input 0.717	2032/2939	69,1	

Tabela 19: Efeito da Variável Tipo Sintático de Oração sobre a expressão do sujeito pronominal na 3ª pessoa

Nesta pessoa discursiva, o tipo de oração não está entre os mais fortes condicionadores para a o sujeito pronominal exposto, visto ter sido o penúltimo fator a ser selecionado pelo

programa.

Para esta pessoa do discurso, as orações principais, com 78,5% e peso relativo (0.631), as subordinadas com 82,2% e peso relativo (0.565) e as independentes com 67,6% e peso relativo (0.516) foram consideradas favoráveis ao uso do sujeito pronominal expreso.

Diante do que foi exposto, vimos que a variável tipo sintático de oração configurou-se como relevante em ambas as pesquisas. No presente trabalho, observamos que as orações coordenadas não-iniciais desfavorecem o uso do sujeito pronominal explícito. Cumpre destacar que, muitas das vezes, essas orações mantêm o mesmo referente anteriormente utilizado e também o tempo verbal, isto é, são orações em que há, também, conexão discursiva de grau 1, variável que também desfavorece o uso de sujeitos pronominais explícitos. Em relação às pessoas verbais, notamos que a terceira pessoa apresenta comportamento distinto das outras duas, fato que pode estar relacionado, também, a ser esta, conforme visto anteriormente, a não-pessoa.

Na próxima sessão, discutiremos os resultados da variável social sexo/gênero nas pessoas do discurso.

FATORES SOCIAIS

SEXO/GÊNERO

Para a análise geral desta pesquisa, todas as variáveis de cunho social foram selecionadas pelo programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005).

Segundo Meyerhoff (2006), alguns trabalhos recentes sobre variação linguística enfatizaram que os fatores linguísticos têm sido consistentemente encontrados, ao passo que os fatores sociais têm sido considerados relativamente sem importância para a variação e mudança linguística. Isso reforça as discussões inclusive em torno do termo **sociolinguística** e se realmente trata-se de uma ciência que contemple a parte social nos estudos, considerando-se que fatores linguísticos se destacam muito mais com base na significância do que os fatores sociais em diversas pesquisas realizadas.

Em nossa pesquisa, fundamentada em um fenômeno abaixo do nível da consciência, todos os fatores sociais analisados foram selecionados pelo programa Goldvarb X, mostrando-se, portanto, um fenômeno em que fatores sociais também são importantes.

Das variáveis sociais, sexo/gênero, numa análise geral, foi selecionada em quinto lugar, tendo

sido a primeira entre as sociais. Vejamos os resultados obtidos para esta variável na tabela 20.

SEXO/GÊNERO-GERAL	N	%	PR
MASCULINO	3106/4505	68,9	0.468
FEMININO	3921/5409	72,5	0.526
Input 0.737	7027/9914	70,9	

Tabela 20: Efeito da Variável Sexo/Gênero sobre a expressão do sujeito pronominal

Podemos perceber pelos dados apresentados na tabela 20 a preferência das mulheres pelo uso da forma inovadora (sujeito pronominal expreso) em oposição ao desfavorecimento a esse uso por parte dos homens. Com 3921 ocorrências, uso de 72,5% sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.526, a tendência reveladora das mulheres sobre o uso da forma inovadora ratifica resultados esperados para esta variável, conforme apontaram trabalhos como o de Duarte (1995).

Na pesquisa de Duarte (1995, p.56,57), a fala masculina apresentou 34% de sujeitos nulos e as mulheres aparecem com 25%. Sendo assim, com relação aos sujeitos expressos, na pesquisa de Duarte (1995) os homens apresentaram 66% e as mulheres 75%. Nossos resultados ratificam, portanto, os obtidos por Duarte (1995).

Conforme visto no capítulo 3, a expressão do sujeito pronominal é considerada um fenômeno abaixo do nível de consciência social dos falantes (*change from below*) (LABOV, 2001). Segundo a proposta de Labov, as mulheres assumem a liderança no que se refere ao uso das formas inovadoras nessa situação.

Em Paredes Silva (1988), a variável sexo/gênero não foi considerada significativa, portanto, não selecionada pelo programa estatístico utilizado pela autora.

A variável sexo/gênero na 1ª pessoa do discurso foi a quinta selecionada pelo programa. Observemos os valores na tabela 21.

SEXO/GÊNERO-1ª PESSOA	N	%	PR
MASCULINO	1802/2688	67,0	0.460
FEMININO	2431/3338	72,8	0.532
Input 0.729	4233/6026	70,2	

Tabela 21: Efeito da Variável Sexo/Gênero sobre a expressão do sujeito pronominal na 1ª pessoa

Sem muita diferença do que foi apresentado para os resultados gerais, podemos perceber pelos dados apresentados na tabela 21, a preferência também das mulheres pelo uso da forma inovadora (sujeito pronominal expreso) na 1ª pessoa do discurso. Com 2431 ocorrências, 72,8% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.532, a tendência das mulheres

ao uso da forma inovadora ratifica também os resultados esperados para esta variável na 1ª pessoa discursiva.

Esta variável para a 2ª pessoa do discurso foi selecionada em 5º lugar pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005). Observemos os resultados na tabela 22.

SEXO/GÊNERO- 2ª PESSOA	N	%	PR
MASCULINO	458/590	77,6	0.458
FEMININO	303/358	84,6	0.569
Input 0.862	761/948	80,3	

Tabela 22: Efeito da Variável Sexo/Gênero sobre a expressão do sujeito pronominal na 2ª pessoa

Novamente, conforme nos apresenta a tabela 22, na 2ª pessoa discursiva, as mulheres também se mostraram favorecedoras ao uso do sujeito pronominal expreso. Nessa pessoa discursiva, inclusive, as mulheres apresentaram as maiores taxas de frequência de sujeito expreso com 84,6%, peso relativo de 0.569 com um total de 303 ocorrências.

Com relação à 3ª pessoa discursiva, esta foi a única a qual o programa estatístico não selecionou a variável sexo/gênero como significativa.

Diante do que foi apresentado, a variável social sexo/gênero do falante configurou-se como relevante em nossa pesquisa. Notamos em conformidade com o que postula W. Labov (2001), em processos de mudança, em fenômenos abaixo do nível da consciência social dos falantes, as mulheres tendem a favorecer as formas inovadoras, caso do uso de sujeitos pronominais explícitos. Na próxima sessão, discutiremos os resultados da variável social escolaridade nas pessoas do discurso.

ESCOLARIDADE

Para a análise geral, a variável social escolaridade foi selecionada em 6º lugar pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005). Vejamos os resultados obtidos para esta variável na tabela 23.

ESCOLARIDADE- GERAL	N	%	PR
FUNDAMENTAL	3222/4463	72,2	0.531
MÉDIO	1983/2794	71,0	0.491
UNIVERSITÁRIO	1822/2657	68,6	0.456
Input 0.737	7027/9914	70,9	

Tabela 23: Efeito da Variável Escolaridade sobre a expressão do sujeito pronominal

Como podemos perceber pelos dados na tabela 23, os resultados gerais apresentados para a variável escolaridade demonstram a relevância deste fator linguístico para a investigação do fenômeno expressão do sujeito pronominal nesta pesquisa. A escolaridade foi selecionada apenas na 1ª e na 3ª pessoa discursivas. É importante enfatizar que a variável escolaridade poderia não ter sido selecionada, pois, como a expressão do sujeito pronominal não sofre estigmatização social, está menos sujeito à sanção da escola. Mesmo sem sofrer esta sanção, é recomendado pela tradição gramatical que não se expresse o sujeito, sendo seu uso apenas em situações específicas, como para enfatizar o sujeito ou para evitar ambiguidade. Entretanto, conforme podemos ver nos dados apresentados pela tabela 23, há uma hierarquia de uso de sujeitos explícitos: falantes com ensino fundamental são os que mais favorecem o uso da forma inovadora (sujeito pronominal expreso), com 3222 ocorrências, 72,2% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.531.

A variável escolaridade na 1ª pessoa do discurso foi a sexta selecionada pelo programa. Observemos os valores na tabela 24.

ESCOLARIDADE- 1ª PESSOA	N	%	PR
FUNDAMENTAL	1907/2621	72,8	0.526
MÉDIO	1178/1687	69,8	0.505
UNIVERSITÁRIO	1148/1718	66,8	0.455
Input 0.729	4233/6026	70,2	

Tabela 24: Efeito da Variável Escolaridade sobre a expressão do sujeito pronominal na 1ª pessoa

Também na 1ª pessoa do discurso, com 1907 ocorrências, 72,8% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.526, o nível fundamental é o que mais favorece o uso da forma inovadora (sujeito pronominal expreso), havendo a mesma hierarquia vista na rodada geral. Essa preferência do ensino fundamental pelo uso da forma inovadora também se sobressai na 3ª pessoa discursiva. Sobre a atuação da variável escolaridade na 3ª pessoa do discurso, essa variável foi selecionada em quarto e último lugar pelo programa. Observemos os valores na tabela 25.

ESCOLARIDADE- 3ª PESSOA	N	%	PR
FUNDAMENTAL	1054/1498	70,4	0.528
MÉDIO	530/775	68,4	0.472
UNIVERSITÁRIO	448/666	67,3	0.470
Input 0.717	2032/2939	69,1	

Tabela 25: Efeito da Variável Escolaridade sobre a expressão do sujeito pronominal na 3ª pessoa

Conforme apresentado na tabela 25, com 1054 ocorrências, 70,4% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.528, o ensino fundamental mostrou-se favorável ao uso da forma pronominal plena também na 3ª pessoa discursiva.

Diante do exposto, tal como Votre (2007) menciona, a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam. É fato que houve uma mudança quanto ao uso de sujeitos pronominais expressos no português brasileiro e, mesmo sendo esta uma mudança abaixo do nível da consciência, o fenômeno é avaliado na escola, que preconiza o uso do sujeito elíptico, ao menos nos textos escritos. Nossos resultados refletem essas questões (mudança na língua x posição conservadora da escola), uma vez que são os falantes de nível universitário os que desfavorecem o uso da forma inovadora.

Dessa forma, percebemos que, quanto maior o nível de escolaridade, menor o preenchimento do sujeito pelo falante. Parece-nos que, pelo fato de os estudantes do ensino médio e os do ensino universitário valerm-se do uso do sujeito pronominal nulo, visto desfavorecerem a forma plena, aponta para uma obediência que ainda exista com relação às normas difundidas pela escola. Provavelmente, o uso do sujeito pronominal pleno pelos falantes do ensino fundamental vá de encontro à tendência mais espontânea dos falantes que possuam menor tempo de permanência e, por conseguinte, pressão da escola.

Na próxima sessão, discutiremos os resultados da variável social faixa etária nas pessoas do discurso.

FAIXA ETÁRIA

Sabe-se que na pesquisa sociolinguística os resultados relativos à variável faixa etária costumam referendar generalizações sobre o estágio do processo de variação ou mudança linguística.

Porém, conforme visto anteriormente por Freitag (2005), a faixa etária é uma variável complexa, visto que, por detrás dos resultados desta variável estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização,

como bem posto pela autora.

Na rodada geral, a variável social faixa etária foi selecionada em 8º e último lugar pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005). Vejamos os resultados obtidos para esta variável na tabela 26.

FAIXA ETÁRIA - GERAL	N	%	PR
GRUPO 1 (7 a 14 anos)	1175/1650	71,2	0.495
GRUPO 2 (15 a 25 anos)	2019/2945	68,6	0.464
GRUPO 3 (26 a 49 anos)	1862/2598	71,7	0.518
GRUPO 4 (+ de 49 anos)	1971/2721	72,4	0.525
Input 0.737	7027/9914	70,9	

Tabela 26: Efeito da Variável Faixa Etária sobre a expressão do sujeito pronominal

Em um primeiro momento, podemos perceber que os resultados revelam a preferência dos indivíduos do grupo 3 (26 a 49 anos) e do grupo 4 (+ de 49 anos) ao uso do sujeito pronominal expreso. O grupo 3 apresentou 1862 ocorrências, com 71,7% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.518. Já o grupo 4 apresentou 1971 ocorrências, com 72,4% de sujeitos pronominais expressos e peso relativo de 0.525.

De conformidade com a distribuição de cada variável pelas diversas faixas etárias, podemos verificar se há um processo de mudança ou uma variação estável. Isto ocorre porque o comportamento linguístico dos falantes em relação aos dois processos se apresenta de forma distinta.

Pelos resultados gerais apresentados, podemos perceber que os falantes mais adultos e os idosos tendem a favorecer o uso do sujeito pronominal expreso.

Geralmente, esperamos que os informantes mais velhos sejam menos inovadores do que os mais jovens e, portanto, mais resistentes às mudanças. Entretanto, pelo que podemos perceber pela análise geral dos resultados, são os informantes mais velhos que utilizam as formas inovadoras.

Segundo a literatura linguística, se uma variável ocorre com maior frequência nos grupos de idade mais avançada e vai gradativamente diminuindo a sua participação pelos grupos de menor idade, pode-se estar diante de um processo de mudança com vistas ao desaparecimento dessa variável. Se a variável ocorre igualmente em todos os grupos de idade, ou se os jovens e os velhos, "grupos extremos", apresentam o mesmo comportamento, pode estar ocorrendo, nesse caso, um processo de variação estável. (NUNES, 2000). Se ainda a variável ocorre com

mais frequência entre os jovens e diminui à medida que a idade do falante avança, é possível que se esteja diante de uma situação de mudança em progresso.

Silva e Scherre (1996) alertam para o fato de que a faixa etária é uma condição necessária, porém não suficiente em análise de mudanças em progresso.

O processo dinâmico de mudança linguística consiste no relacionamento entre mudança linguística e idade: o processo da mudança se espalha na fala das sucessivas faixas etárias. Labov (2008 [1972]) menciona que o estudo da mudança somente será mais confiável se em conjunto com outras variáveis independentes, como classe social e sexo.

Caso ocorra impossibilidade de se verificar o processo de mudança decorrente da variação, procura-se observá-lo através de mudança em tempo aparente, isto é, por meio dos informantes de diferentes idades.

Ao observarmos os resultados relativos à faixa etária, podemos entender que há uma variação estável, uma vez que não há uma curva que vai de valores menores para um grupo com valores maiores, mas, sim, uma queda na faixa etária intermediária. Observamos que as duas faixas etárias que mais favorecem o uso de sujeitos pronominais explícitos são as que há mais tempo deixaram a escola, tendo sido esta uma variável selecionada. Foram os falantes com menor nível de escolaridade os que favoreceram o uso inovador.

No gráfico 3, vemos a representação do sujeito pronominal pleno com base nos resultados gerais.



Gráfico 3- Efeito da variável faixa etária com resultados gerais

Pelo que nos mostra o gráfico 3, notamos uma perda de preenchimento do sujeito que opera da faixa 1 para a faixa 2. Da faixa 2 em diante, o preenchimento do sujeito pronominal é retomado nas faixas 3 e 4. Podemos observar que tal representação aponta para a estabilidade do fenômeno expressão do sujeito pronominal no que diz respeito aos resultados gerais.

Entretanto, esse comportamento assume contornos diferentes quando abordados nas pessoas discursivas.

Sobre a atuação da variável faixa etária na 1ª pessoa do discurso, essa variável foi a sétima e última selecionada pelo programa. Observemos os valores na tabela 27.

FAIXA ETÁRIA -1º PESSOA	N	%	PR
GRUPO 1 (7 a 14 anos)	816/1099	74,2	0.539
GRUPO 2 (15 a 25 anos)	1241/1853	67,0	0.462
GRUPO 3 (26 a 49 anos)	1161/1653	70,2	0.508
GRUPO 4 (+ de 49 anos)	1015/1421	71,4	0.510
Input 0.729	4233/6026	70,2	

Tabela 27: Efeito da Variável Faixa Etária sobre a expressão do sujeito pronominal na 1ª pessoa

Pelo exposto na tabela 27, notamos que as faixas etárias mais favorecedoras ao uso do sujeito expresso são as que compõem o grupo 1 (7 a 14 anos) e o grupo 4 (+ de 49 anos).

Se compararmos com o que foi apresentado nos resultados gerais, o grupo 4, de maior faixa etária, também é favorecer o uso da forma plena, assim como o grupo 1. Destacamos que esses falantes estão livres das pressões sociais, daí usarem formas inovadoras.

Conforme exposto anteriormente, notamos que a faixa etária dos 7 aos 14 anos, que corresponde ao grupo 1, favorece mais o uso do sujeito pronominal expresso evidenciando que este fenômeno linguístico não é tão vigiado, monitorado pela escola, e, por ser um fenômeno que se encontra abaixo do nível de consciência social dos falantes, acaba passando despercebido ao “sistema de vigilância das normas gramaticais difundidas pela escola”. Vejamos a representação do sujeito pronominal em 1ª pessoa através do gráfico 4.



Gráfico 4- Efeito da variável faixa etária para a 1ª pessoa

Apesar de esta pesquisa não estar voltada para questões de ensino, podemos perceber pelo gráfico 4 uma queda do preenchimento de uso do sujeito expresso da faixa 1 para a faixa 2. Podemos compreender que essa queda dá-se também por influências de escolaridade. Se na faixa 1, os falantes de 7 a 14 anos, que são os alunos de ensino fundamental, utilizam mais a forma plena, na faixa 2, que compreende os falantes de 15 a 25 anos, a tendência é de apagamento do sujeito pronominal por esses que estão ingressando no ensino médio, e com isso, as exigências impostas pela escola são fortalecidas, principalmente maior atenção com relação ao foco na escrita da dissertação argumentativa, cuja finalidade está voltada para a prestação de concursos vestibulares e o ENEM, além das exigências do mercado de trabalho, quando muitos desses estudantes passam a atuar como menores aprendizes em diversas empresas. Provavelmente, isso também seja um indicador que reflita o uso na fala.

Nas faixas 3 e 4, o uso do sujeito expresso começa a ser retomado lentamente. Notamos, assim que, na 1ª pessoa discursiva, direcionamento do fenômeno expressão do sujeito pronominal que aponta para variação estável.

Paredes Silva (1988, p.208) também analisou a variável idade em 1ª pessoa. A autora menciona que os adultos favorecem o uso do sujeito nulo. Em contrapartida, os jovens desfavorecem esse uso. Paredes Silva (1988, p.208) afirma que a tendência mais acentuada dos jovens a expressarem o sujeito reflete um confronto que há entre as modalidades oral e escrita.

A variável faixa etária na 2ª pessoa foi selecionada em 2º lugar pelo programa estatístico. Vejamos os valores apresentados na tabela 28.

FAIXA ETÁRIA -2º PESSOA	N	%	PR
GRUPO 1 (7 a 14 anos)	69/128	53,9	0.247
GRUPO2 (15 a 25 anos)	235/295	79,7	0.424
GRUPO 3 (26 a 49 anos)	166/192	86,5	0.571
GRUPO 4 (+ de 49 anos)	291/333	87,4	0.631
Input 0.862	761/948	80,3	

Tabela 28: Efeito da Variável Faixa Etária sobre a expressão do sujeito pronominal na 2ª pessoa

Na 2ª pessoa discursiva, o comportamento dos falantes das faixas etárias com relação ao uso do sujeito expresso é diverso do apresentado para os resultados gerais, uma vez que temos nitidamente uma curva de mais uso de sujeitos pronominais expressos conforme aumenta a faixa etária. Diferentemente do que se tem na literatura linguística a respeito do fenômeno, há uma curva de perda de pronomes sujeitos expressos na segunda pessoa. Tal fato merece uma análise detalhada a ser feita em momento posterior.

A variável faixa etária não foi selecionada para a 3ª pessoa discursiva nesta pesquisa. Na pesquisa de Paredes Silva (1988), a faixa etária só foi selecionada pela 1ª pessoa discursiva. Vejamos a representação do sujeito pronominal em 2ª pessoa através do gráfico 5.

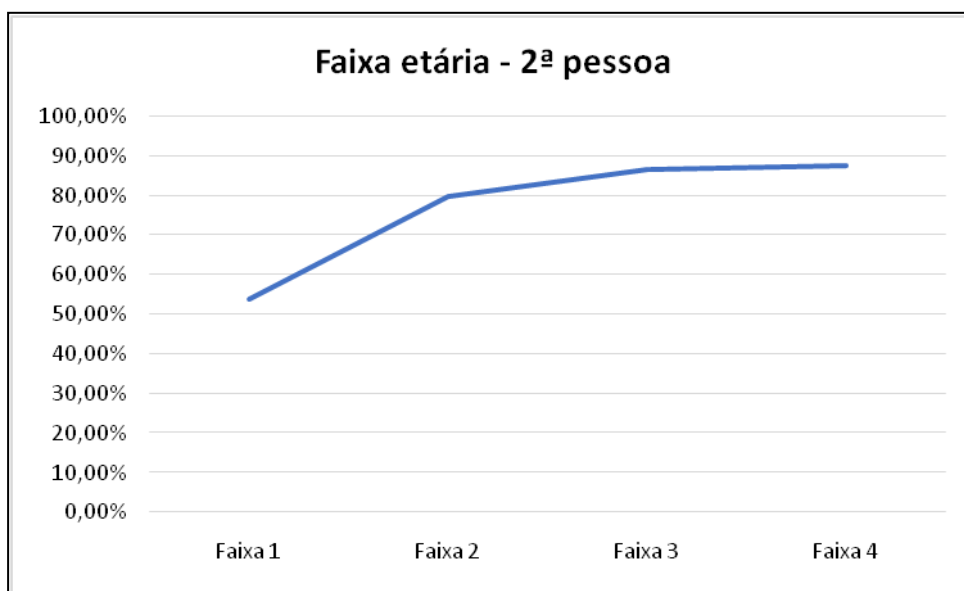


Gráfico 5- Efeito da variável faixa etária para a 2ª pessoa

Diante do que foi apresentando, podemos perceber que o sujeito pronominal expresso é bastante recorrente no português falado de Vitória. Na próxima sessão, apresento as considerações finais a respeito deste estudo.

CAPÍTULO V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado, observamos que, de fato, há um uso bastante significativo do sujeito pronominal expreso no português falado na cidade de Vitória. Esse uso corrobora os resultados de outras pesquisas realizadas sobre este fenômeno linguístico.

Nesta pesquisa, analisamos o uso do sujeito pronominal expreso no português falado na cidade Vitória/ES a fim de ampliar os estudos sociolinguísticos sobre a fala capixaba e situar essa variedade no cenário do português brasileiro.

Entre as variáveis mais importantes que atuam sobre o uso do sujeito pronominal expreso, destacam-se as de natureza discursivo-funcional, como a conexão discursiva e a ênfase. A variável conexão discursiva revelou-se como forte favorecedora ao uso do sujeito pronominal expreso e isso parece indicar que a questão da escolha pronominal, aparentemente, de natureza morfossintática, merece um olhar mais abrangente para o contexto discursivo, visto que essa variável discursiva também pode contribuir para a compreensão da organização do discurso. A conexão discursiva foi selecionada para todas as pessoas discursivas e o seu uso se dá para atender as necessidades específicas de comunicação, eis, portanto, uma motivação discursivo-funcional.

Verificamos, também, que a variável ênfase é extremamente importante para este fenômeno. Ao tratarmos dessa variável linguística, retomamos a questão que é posta pela tradição gramatical, que defende o uso da ênfase como motivação estilística. Entretanto, ao se falar de uma abordagem discursivo-funcional, a ênfase recebe outro tipo de tratamento, visto que passa a considerar a necessidade da posição de sujeito preenchida para atender às questões discursivas. Nesta pesquisa, o termo *ênfase* é substituído pelo termo *contrastividade*, cunhado por Chafe (1976 *apud* Paredes Silva, 1988), justamente para tentar romper com o equívoco conceitual da tradição gramatical, uma vez que a abordagem nesta pesquisa contempla aspectos discursivos. Essa variável foi selecionada em todas as pessoas discursivas, o que por um lado evidencia e ratifica a tradição gramatical, mas, por outro lado, evidencia e ratifica questões discursivas.

Nesta pesquisa, tratamos das pessoas do discurso ligadas às próprias questões discursivas e não no âmbito morfológico (motivação pela qual não estabeleço a distinção entre singular e plural), e por conta disso, analisamos os fatores linguísticos e os fatores sociais relacionados a

cada pessoa do discurso separadamente e em cotejo com os resultados gerais.

A variável ambiguidade também se mostrou relevante nesta pesquisa, sobretudo para a 1ª pessoa discursiva. Essa variável comprova a importância deste fator linguístico desde a tradição gramatical, uma vez que essa considera a necessidade de se expressar o pronome sujeito para evitar possíveis ambiguidades ocasionadas por formas verbais idênticas. Percebemos assim que este fator está diretamente relacionado à necessidade de se manter explícito o referente do sujeito cuja ausência poderia causar problemas na comunicação. Eis, portanto, uma motivação funcional.

A variável tipo sintático de oração também exerce influência quanto ao sujeito pronominal expreso. Essa variável foi selecionada em todas as pessoas discursivas, sendo as orações subordinadas as que mais favorecem ao uso do sujeito pronominal expreso.

Entre as variáveis sociais, surpreendentemente nesta pesquisa, todas foram consideradas relevantes (sexo/gênero do falante, escolaridade e faixa etária).

A variável sexo/gênero foi selecionada como um fator importante para o uso do sujeito pronominal expreso na 1ª e 2ª pessoa discursivas. Nessas pessoas discursivas, as mulheres lideram a preferência pelo uso da forma inovadora (sujeito pronominal expreso) em oposição ao desfavorecimento a esse uso por parte dos homens. A tendência reveladora das mulheres sobre o uso da forma inovadora ratificou resultados esperados para esta variável, conforme apontaram trabalhos como o de Duarte (1995).

Conforme visto no capítulo 3, a expressão do sujeito pronominal é considerada um fenômeno abaixo do nível de consciência social dos falantes (*change from below*) (LABOV, 2001). Isso justifica o fato das mulheres assumirem a liderança no que se refere ao uso das formas inovadoras e que estão abaixo do nível de consciência social.

Outro fator social considerado nesta pesquisa foi a escolaridade. Essa variável social foi selecionada apenas na 1ª e na 3ª pessoa discursivas. O fenômeno da expressão do sujeito pronominal não sofre estigmatização social, e, portanto, está menos sujeito à sanção da escola. Porém é um tema abordado na escola e os falantes de ensino fundamental, que estão menos sujeitos à normatização imposta pela escola, são os que mais favorecem o uso da forma inovadora (sujeito pronominal expreso).

Podemos perceber que quanto maior o nível de escolaridade, menos o falante preenche o sujeito. O fato de os estudantes do ensino médio e os do ensino universitário valerm-se do uso do sujeito pronominal nulo aponta para uma obediência que ainda existe com relação às

normas difundidas pela escola.

O último fator social considerado relevante nesta pesquisa foi a faixa etária. Nas pesquisas sociolinguísticas, os resultados relativos à variável faixa etária costumam referendar generalizações sobre o andamento do processo de variação ou mudança linguística. Eis uma variável complexa, nos termos de Freitag (2005) e por detrás dos resultados estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização.

Nesta pesquisa, a faixa etária foi selecionada nas 1ª e 2ª pessoas discursivas com resultados diferentes em ambas. Para a 1ª pessoa, as faixas etárias mais favorecedoras ao uso do sujeito expreso são as que compõem o grupo 1 (7 a 14 anos) e o grupo 4 (+ de 49 anos). Pelo favorecimento do grupo 4 ao uso da forma plena, podemos pensar que esses falantes estejam livres das pressões sociais, motivação pela qual utilizem mais a forma inovadora. Entretanto, o mais natural seria os falantes mais velhos utilizarem formas antigas (sujeito nulo) em detrimento das formas mais recentes, inovadoras, porém, a mencionada despreocupação com as pressões da vida social e cotidiana sejam fortes influenciadores desse panorama. Podemos afirmar que há variação estável em relação à expressão do sujeito pronominal de 1ª pessoa.

Na 2ª pessoa discursiva, o comportamento dos falantes das faixas etárias com relação ao uso do sujeito expreso revela os grupos 3 e 4 sendo favorecedores ao uso do sujeito pronominal pleno. Esses dois grupos refletem o uso por parte dos mais adultos e dos mais velhos. Podemos perceber que, para a 2ª pessoa, parece haver uma mudança em curso que reflete perda do uso do sujeito pronominal expreso, uma vez que os mais jovens são os que menos usam essa forma.

Com base na Teoria Variacionista, buscamos compreender a sistematicidade da variação, de modo a cooperar para o entendimento da variação linguística relativa ao uso da expressão do sujeito pronominal e contribuir com pesquisas realizadas em outras localidades do Brasil. Um dos objetivos elencados nesta pesquisa foi ampliar os estudos sociolinguísticos sobre a variação da expressão do sujeito pronominal no cenário do PB. Os resultados revelaram que o sujeito pronominal expreso é uma tendência na fala do capixaba, atingindo um percentual de 70,9% dos dados analisados.

A comparação estabelecida entre os resultados de outras localidades serviu ao intuito apenas de verificar se havia algum tipo de semelhança entre os percentuais das localidades

mencionadas, considerando-se, para isso, a modalidade de língua utilizada nas pesquisas, se língua escrita ou língua falada. Dito isso, é importante salientar, conforme explicitam Naro e Scherre (2007, p. 174), que a comparação entre pesquisas diferentes requer cautela, pois é preciso observar se os dados analisados são da mesma natureza, bem como se estão sendo consideradas as mesmas variáveis e, na medida do possível, os mesmos critérios de análise. Ao longo deste trabalho, deixamos claras todas essas questões postas pelos autores.

Em suma, nesta pesquisa examinamos a língua em situações reais de uso, visando a sistematizar a variação pela quantificação das variáveis linguísticas e sociais. Com base na Teoria Sociolinguística, buscamos confirmar a importância do fator social nos estudos sobre a linguagem. É importante ressaltar que foi por meio da correlação fatores linguísticos aos aspectos sociais que pudemos observar as restrições e motivações na variação da expressão do sujeito pronominal.

Nesta perspectiva, acreditamos que os resultados encontrados sejam relevantes para a compreensão dos fatores que atuam na variação da expressão do sujeito pronominal. Por fim, vale ressaltar que as reflexões sobre esse fenômeno variável não se limitam neste momento e poderão ser ampliadas em pesquisas futuras. Os resultados encontrados estimulam o desejo de um maior aprofundamento nas análises, de modo a entender cada vez mais o uso variável da expressão do sujeito pronominal. De modo geral, este estudo contribui para a compreensão de fenômenos linguísticos variáveis e coloca em cena a comunidade de Vitória/ES.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português**. 5 ed. revista. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BENFICA, Samine de Almeida. **A concordância verbal na fala de Vitória**. Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo, Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, 2016, 111 p.

BLOOMFIELD, Leonard. Language. New York: Holt, Rinehart & Winston. 1961. In: SCHERRE, Maria Marta Pereira. Speech Community. In: **Encyclopedia of Language & Linguistics**. 2 ed. Oxford: Elsevier, 2006, v.11, p. 716-722

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CEZARIO, Maria Maura; MARQUES, Priscila Mouta; ABRAÇADO, Jussara. Sociofuncionalismo. In: MOLLICA, Maria Cecília & JUNIOR, Celso Ferrarezi. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p.45-61.

CHAFE, Wallace. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LI, Charles N. (ed) Subject and topic. New York, Academic Press, 1976, p.25-55. In: PAREDES SILVA, Vera Lúcia. **Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal**. 1998. Rio de Janeiro, UFRJ, Tese de Doutorado, 1988, 330p.

CHOMSKY, Noam. Lectures on Government and Binding. Dordrecht: Foris. (2ª ed. 1982), 1981. In. DUARTE, Maria Eugênia L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Campinas, Universidade de Campinas, Tese de Doutorado, 1995, 149p.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique (Orgs.). **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008 [1985].

DUARTE, Maria Eugênia L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In. ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (orgs). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993, p.107-128. In. DUARTE: Maria Eugênia L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Campinas, Universidade de Campinas, Tese de Doutorado, 1995, 149p.

DUARTE, Maria Eugênia L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Campinas, Universidade de Campinas, Tese de Doutorado, 1995, 149p.

DUARTE, Maria Eugênia L. **Avanço no estudo da mudança sintática associando a teoria da variação e mudança e a Teoria de Princípios e Parâmetros**. Caderno de Estudos Linguísticos da Unicamp. Campinas, Jan./Jun., v.27, n.1, 2015.

DUARTE, Maria Eugênia L. Sociolinguística Paramétrica. In. MOLLICA, Maria Cecília & JUNIOR, Celso Ferrarezi. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p.33-44.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O.; AQUINO, Zilda, G.O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRA, Cinthia Carla. **A variação do pronome sujeito na fala da comunidade**

Kalunga. Brasília, Universidade de Brasília, Dissertação de Mestrado em Linguística, 2003, 115p.

FISHMAN, John A. Advances in the sociology of language. The Hague/Paris:Mouton.1971. In. SCHERRE, Maria Marta Pereira. Speech Community. In: **Encyclopedia of Language & Linguistics**. 2 ed. Oxford: Elsevier, 2006, v.11, p. 716-722

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Idade: uma variável sociolinguística complexa.** Revista Línguas e Letras. v. 6, n. 2, p.105-121, jan./jun., 2005. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewFile/875/740>>. Acesso em 13. set.2016.

GUMPERZ, John J. (1972). Types of linguistic communities. In. Fishman, J. A. (ed.). Readings in the sociology of language, (2nd edn.). The Hague/Paris: Mouton. 1972. p.460-472. In. SCHERRE, Maria Marta Pereira. Speech Community. In: **Encyclopedia of Language & Linguistics**. 2 ed. Oxford: Elsevier, 2006, v.11, p. 716-722.

_____. The speech community. In. Duranti, Alessandro. (ed.). Linguistic anthropology- a reader. Malden/Oxford: Blackwell.2001.p.1-52. In. SCHERRE, Maria Marta Pereira. Speech Community. In: **Encyclopedia of Language & Linguistics**. 2 ed. Oxford: Elsevier, 2006, v.11, p. 716-722.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise.** São Paulo: Parábola, 2007.

GUY, Gregory. **As comunidades de fala: fronteiras internas e externas.** Abralín, 2001.

HOCKETT, Charles F. A course in modern linguistics. New York: The Macmillan Company, 1958. SCHERRE, Maria Marta Pereira. Speech Community. In: **Encyclopedia of Language & Linguistics**. 2 ed. Oxford: Elsevier, 2006, v.11, p. 716-722

HUANG, C. T. James. On the distribution and reference of the empty categories. Linguistic Inquiry, 1984. 15.p. 531-574. In. DUARTE, Maria Eugênia L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro.** Campinas, Universidade de Campinas, Tese de Doutorado, 1995, 149p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?>>. Acesso em: 01. jul.2016.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Como se constroem e reconstroem os objetos de discurso**. Investigações, v. 21, n. 2, p. 99-114, 2008.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. Sociolinguistics patterns (6th edn.). Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975. In: SCHERRE, Maria Marta Pereira. Speech Community. In: **Encyclopedia of Language & Linguistics**. 2 ed. Oxford: Elsevier, 2006, v.11, p. 716-722.

_____. Principles of Linguistic Change: Social Factor. (2001). Oxford: Blackwell. . In: MEYERHOFF, Myriam. **Introducing Sociolinguistics**. London, Routledge, 2006.

_____. Exact description of the speech community. In Fasold R & Schiffrin D (eds). Language change and variation. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1989, p. 1-57. In: SCHERRE, Maria Marta Pereira. Speech Community. In: **Encyclopedia of Language & Linguistics**. 2 ed. Oxford: Elsevier, 2006, v.11, p. 716-722.

LIRA, Solange de Azambuja. Nominal, Pronominal, and Zero Subject in Brazilian Portuguese. Dissertação de doutoramento, Universidade da Pensilvânia, 1982. In: LIRA, Solange de Azambuja. **O sujeito pronominal no português falado e escrito**. Revista Ilha do Desterro, Florianópolis, 20, p.31-43, 1988.

_____. **O sujeito pronominal no português falado e escrito**. Revista Ilha do Desterro, Florianópolis, 20, p.31-43, 1988.

MACEDO, Fernando Cezar; MAGALHÃES, Diogo Franco. **Formação econômica do Espírito Santo: do isolamento econômico à inserção aos mercados nacional e**

internacional. Revista de História Regional Universidade Estadual de Ponta Grossa. 16 (1): 61-99, Verão, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2421/2214>>. Acesso em: 03. jul.2016

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistics.** London and New York: Taylor & Francis Group, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (Orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2013.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2013.

NUNES, Vanilda Ferreira Lopes. **Preenchimento do sujeito pronominal na fala da comunidade de João Pessoa.** João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, Dissertação de Mestrado, 2000, 80p.

OLIVEIRA, Jair Antônio de. **O contexto da pragmática.** Revista Uniletras, Ponta Grossa, 2000, v.22, p. 227-236.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Variável linguística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical.** D.E.L.T.A vol.3 n.1, 1987, p.19-34.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: BRAGA, Maria Luiza;

MOLLICA, Maria Cecília (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2013.

PAIVA, Maria da Conceição de; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Retrospectiva Sociolinguística: **Contribuições do Peul**. DELTA, vol.15: São Paulo, 1999. (201-232). Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/delta/v15nspe/4017.pdf>>. Acesso em 13.set.2016

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. **Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal**. 1998. Rio de Janeiro, UFRJ, Tese de Doutorado, 1988, 330p.

_____. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. p.97-114. In: PAIVA, Maria Conceição de ; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: FAPERJ/ Contracapa, 2003.

_____. **Continuidade de referência: nomes, pronomes e anáfora zero em gêneros da fala e da escrita**. Revista Linguística, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.159-178, junho 2007.

RITONDALE, Claudionor Aparecido. **Português: Sintaxe Avançada**. São Paulo: Editora Clube de Autores, 2009.

ROBERTS, Ian. Verbs and Diachronic Syntax. Dordrecht: Kluwer. 1993a. In. DUARTE, Maria Eugênia L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Campinas, Universidade de Campinas, Tese de Doutorado, 1995, 149p.

SALETTTO, Nara. **Sobre a composição étnica da população capixaba**. Revista de História da UFES Dimensões, Vitória, n.11, p. 99-109, 2000. Disponível em:<<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2329/1825>> Acesso em 04.jul.2016

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Elen. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SILVA,

Giselle Machline de Oliveira; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____, Speech Community. In: **Encyclopedia of Language & Linguistics**. 2 ed. Oxford: Elsevier, 2006, v.11, p. 716-722

_____; YACOVENCO, Lilian Coutinho. **A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco**. Revista da ABRALIN, v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146. 1ª parte, 2011. Disponível em: <<http://www.abralin.org/revista/RVE1/v14.pdf>> Acesso em 13.set.2016

SEVERO, Cristiane Gorski. **A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões**. Revista Voz das Letras, n. 9, p. 1-17, 2008.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. **A questão regional e a dinâmica econômica do Espírito Santo - 1950/1990**. Revista de História e Estudos Culturais. v. 6, Ano VI, n. 4, dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF21/ARTIGO_10_Maria_da_Penha_Smarzaró_Siqueira.pdf>. Acesso em: 01.jul.2016.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Variationist Sociolinguistics – change, observation, interpretation**. Massachusetts, Wiley-Blackwell, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007 [1985]. (Série Princípios)

_____. **Por uma Sociolinguística Românica "Paramétrica": Fonologia e Sintaxe**. Ensaios de linguística. 13, 51-84, 1987.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2013.

WEINREICH, Uriel; LABOV William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para**

uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

YACOVENCO, Lilian Coutinho. O projeto “O Português Falado na cidade de Vitória”. In: YACOVENCO, Lilian Coutinho; LINS, Maria da Penha Pereira (Orgs). **Caminhos em Linguística.** Vitória: NUPLES/DLL/UFES, 2002.

YACOVENCO, Lilian Coutinho *et al.* **Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena.** Revista Alfa, 2012, N. 56 (3): 771-806.